REVISTA DA SEMANA

EMILINHA—QUASE MILIONÁRIA

BINGO—MONSTRO

FALEI COM UM DISCO VOADOR



Suprema distinção da cutis



OS PERFUMADOS SABONETES
de
MYRURGIA

MAJA • MADERAS • SUSPIRO



EMILINHA BORBA E OSCARITO são bons amigos. A favorita da Marinha é uma grande admiradora do nosso maior cômico. Oscarito, por sua vez, fica bôbo quando se lembra que Emilinha existe neste mundo. E o leitor, por acaso, não tem a mesma opinião do conhecido ator?

EMILINHA — QUASE MILIONÁRIA!

A FAVORITA DA MARINHA QUER CONHECER TODO O BRASIL ★ EMILINHA BORBA ADORA OS FÃS ★ A FAVOR DO DIVÓRCIO ★ SEUS MAIORES PROBLEMAS: MANTER A SILHUETA E ESCOLHER A "TOILETTE" ★ VOCÊ É QUE É FELIZ, EMILINHA... ★ GOSTO DO POVO, PORQUE SOU DO POVO ★ UMA TARDE EM COMPANHIA DA ESTRÊLA

Reportagem de ZÉLIA TAVARES **Fotos de ARNALDO VIEIRA**

— Conhecer todo o Brasil, palmo a palmo, eis a minha maior inspiração: assim falou Emilinha Borba, a favorita da Marinha.

— Mas, você tem viajado muito pelo Brasil?

— Realmente, já visitei muitos Estados da nossa terra, todavia, desejo ardentemente conhecer mais, muito mais. Não faço muita questão de ir à Europa; prefiro, francamente, o Brasil.

Você deve estar pensando que eu não sou sincera, mas creia, falo com tôda a franqueza. Por quê? Unicamente porque adoro meus fãs, meus patrícios.

— Há artistas que ficam irritados com a insistência de certos fãs, dissemos.

— Não, os meus admiradores ou admiradoras não me irritam em absoluto. Gosto dêles e os quero muito.

E, para falar com franqueza, acho muito mais encanto em cantar para o povo que para certo público mais grã-fino. O povo é sincero, é pródigo, enquanto que aquêles que se dizem da «alta», não nos oferecem o estímulo daqueles.

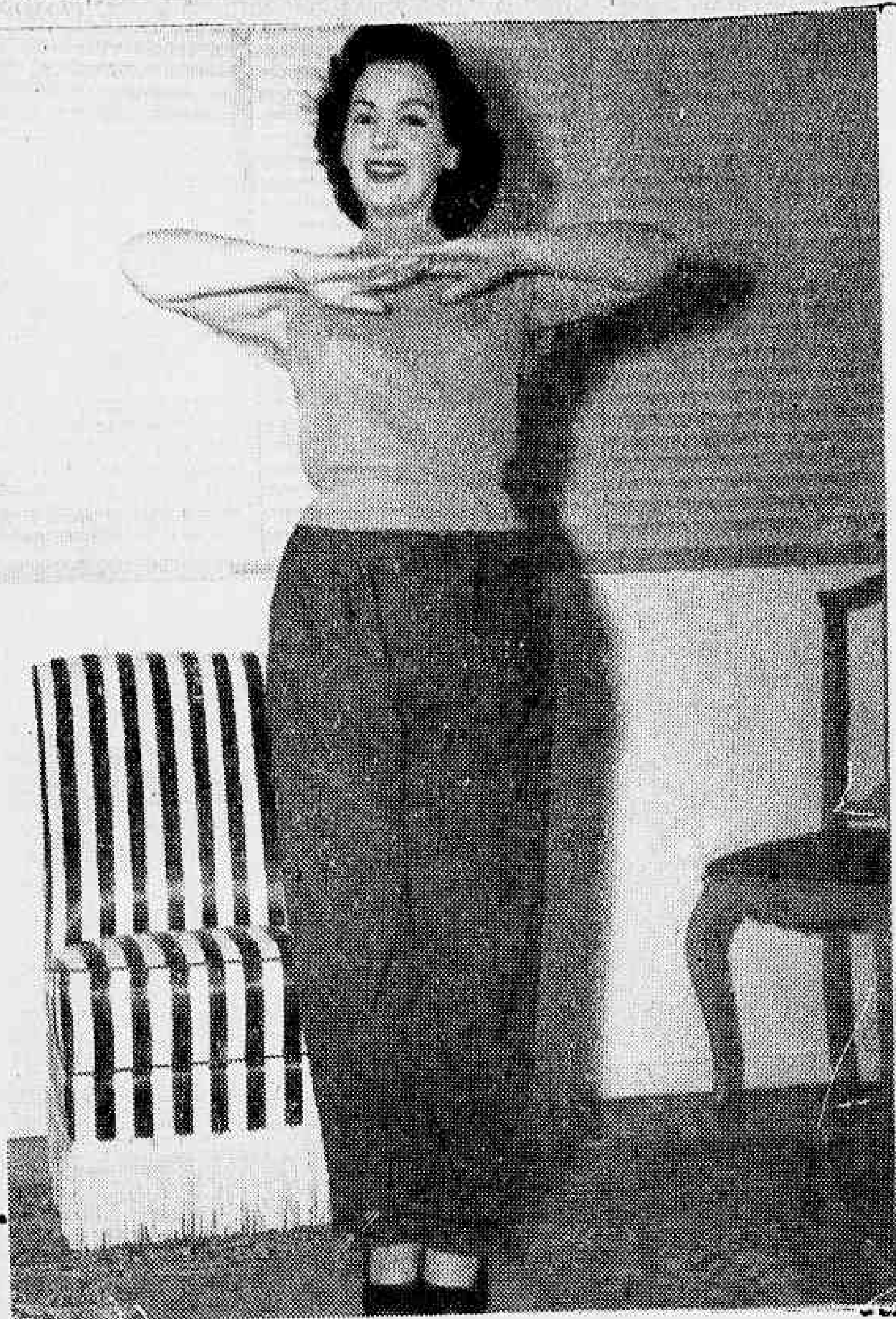
NASCEU EM MANGUEIRA

Emília Savana da Silva Borba nasceu em Mangueira. O ano, não nos disse, mas isso certamente os leitores perdoarão, ou melhor, as leitoras, pois, nós não gostamos de confessar êsse particular.

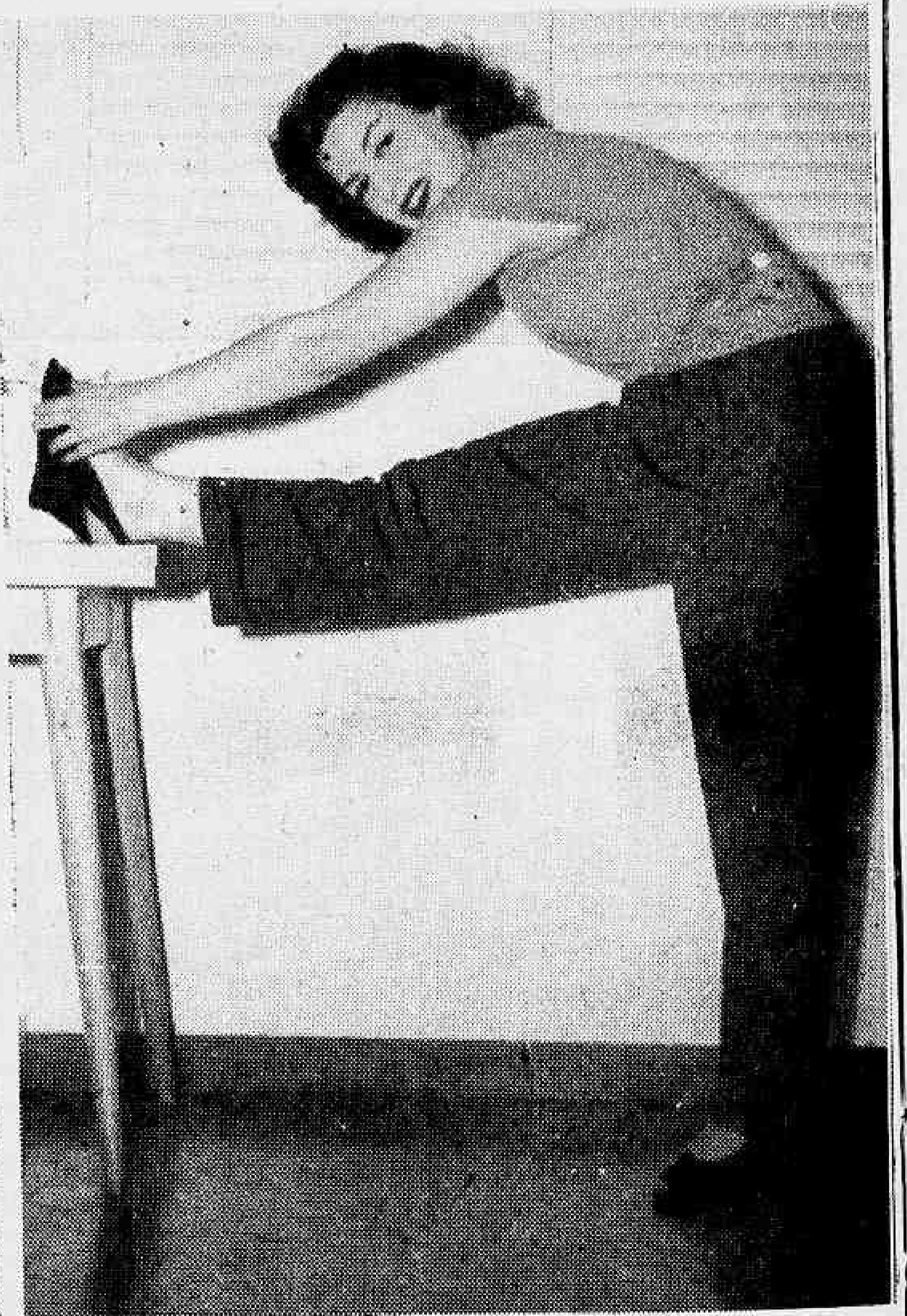
Quando tinha seis anos, os pais mudaram-se para Jacarepaguá. Foi ali que a Emilinha passou sua infância.

— Quando nós éramos pequenos — falou assim, referindo-se aos seus sete irmãos e ela — de manhã muito cedo íamos todos tomar leite, tirado da vaca naquele momento. O velhinho encarregado dêsse serviço ficava tonto. Era um tal de — «agora sou eu»... mas, êle resolvia logo o problema: mandava que todos se sentassem no chão e um por um recebia seu copo de leite, ainda quentinho. Era uma delícia...

Depois eu cresci, continua Emilinha,








A GINASTICA AINDA É O MEIO MAIS EFICIENTE PARA SE MANTER A PERFEIÇÃO DAS LINHAS. MANTER A SILHUETA É UM DOS PROBLEMAS DE EMILINHA BORBA. DEPOIS DA GINASTICA UM BANHO FRIO.



A CRIADORA de «A música que não ouvi» numa folguinha, em casa. Emilinha já gravou para 1953 e espera abafar no próximo carnaval.



PROBLEMA SÉRIO para Emilinha: manter a sua «toilette» naquela elegância que a faz admirada por milhares de fãs. Que vestido usar hoje?

e aí já não havia mais, para mamãe, o problema das teimosias.

— Problema das teimosias? — perguntamos meio intrigados.

— Sim, porque antes, quando a turma era tôda pequena, havia sempre um que provocava os outros e mamãe, paciente como sempre, era quem resolvia os casos. Mas logo que me tornei uma «mocinha», isto é, aos sete ou oito anos, eu já era tôda crente. Então, mudei de temperamento. Fiquei estudiosa, sossegada.

Estudei primeiro em colégio público e depois fui para o Ginásio Piedade, onde fiz o curso ginasial.

Sabe? Tenho saudades daquele tempo...

CINQÜENTA MIL RÉIS DAVA E SOBRAVA...

Emilinha começou sua atividade radiofônica num programa juvenil na Rádio Cruzeiro do Sul. Ganhava 50$000 por mês de gratificação. Com êsse dinheiro comprava sapatos, pagava as passagens e ainda sobrava...

— Que tempo maravilhoso!!!

Nessa época, minha irmã, Nena Robledo, era estrêla de um programa na Rádio Cajuti. Eu ia sempre assistir aos seus programas. Como ela cantava bem...

Perguntamos, então, por Nena.

— Minha irmã hoje é uma grande dona de casa, tem seis filhos e é felicíssima, pois o Peterpan é um ótimo marido e Nena vive agora só para êle e a gurizada. A penúltima é minha afilhada, chama-se Emilinha.

UM TEMPORAL CAMARADA

— Como foi que você começou sua carreira profissional?

— Bem, como profissional mesmo, com ordenado e tudo, comecei naquela mesma estação em que Nena trabalhava. Como sempre, ia assistir aos programas de minha irmã. Certo dia, cheguei mais cedo à estação e fiquei conversando com o pessoal da rádio. De repente tudo ficou escuro e um violento temporal desabou. Faltavam alguns minutos para Nena cantar quando o telefone tocou e minha irmã informou ao diretor que não poderia vir, pois estava prêsa num bonde, e a rua estava completamente cheia. Coisas da nossa cidade...

Aí houve um corre-corre. Como é que iriam apresentar o programa, se a estrêla não estava presente? Então, alguém se lembrou que eu já cantava, e sem mesmo ensaiar, pois os ponteiros não paravam, e estava na hora, fui substituir Nena Robledo.

Dias depois fui contratada para outro programa, com um ordenado de rainha — 600$000 por mês. Sabe lá o que é isso?

AS MORENINHAS

Mais tarde, com Bidu Reis, fui para o Fênix, formávamos a dupla — As Moreninhas, até que Lamartine Babo e César Ladeira sugeriram que eu deveria cantar só, mesmo porque nessa época, já tanto eu como Bidu estávamos com a idéia de desfazer a dupla.

Uma noite, antes de me apresentar, Lamartine chegou e disse ao César:

— Escute, você já conhece a garôta «Grau 10»?

— Não, respondeu César.

— Então, eu vou apresentá-la. — E apontando para mim: — Ei-la.

Nesse mesmo dia fui anunciada com o «slogan» — A garôta grau 10, que pegou e ficou por muito tempo.

COMO FAVORITA DA MARINHA SOU MUITO FELIZ

Emilinha contou-nos que uma das maiores alegrias de sua vida, sentiu quando foi eleita Favorita da Marinha. Sua emoção foi tão grande, que acredita jamais a esquecerá.

— E' sublime a gente sentir como é grande a amizade dos marinheiros. Êsses rapazes, que são uns bravos, sempre me dedicaram uma ternura sem par. Gosto de cantar para êles e quando estou em seu meio sinto-me como uma verdadeira rainha.

A SANTA E A FÃ POBRE

Estávamos conversando com a estrêla, quando ela nos levou a seu quarto. Queria nos mostrar um presente que ganhara e que muito a emocionara.

No quarto vimos, sôbre uma mesinha, uma imagem de Nossa Senhora.

Emilinha, numa atitude simples, mas terna, ajoelhou-se e por uns instantes esqueceu nossa presença para se dirigir apenas à sua santinha, que ali estava entre flores, como que protegendo aquela que diante dela se curvara.

Depois, Emilinha levantou-se e disse:

— Foi uma fã muito pobre quem veio me trazer esta santinha. Quero-a mais que a tôdas as minhas jóias juntas.

BANDOLINS AO LUAR

Agora estamos novamente na sala, Emilinha vai até à vitrola e, escolhendo alguns discos, diz-nos que, de tôdas as suas gravações, a de que mais gosta é o bolero de Grin e Lourival Faissal, «Bandolins ao Luar».

E enquanto o disco girava, a estrêla cantava para nós.

— Realmente, é um encanto, cantado por você, Emilinha. — Ela sorria, feliz.

CARNAVAL À VISTA

— E para o Carnaval, quantos discos você já gravou?

— Sete: «Felipeta», «Bananeira não dá laranja», «Catumbi encheu» (marchas). Dois sambas: «Pelo amor de Deus» e «Você sabe muito bem» e duas batucadas: «A louca chegou» e «Olha a corda».

EMILINHA — QUASE MILIONÁRIA



CONHECER TODO O BRASIL, palmo a palmo, é a minha maior aspiração — foi a declaração feita à repórter por Emilinha Borba, que gosta de cantar para o povo. E que povo — perguntamos nós agora — não gostaria de uma pequena como Emilinha? Cremos que nenhum.

COM O DIVÓRCIO HAVERÁ MAIS CASAMENTOS

Num jornal, sôbre uma mesinha, lia-se qualquer coisa sôbre divórcio.

E assim o divórcio entrou na ordem do dia.

— Eu acho que no dia em que nós tivermos o divórcio, haverá muito mais casamentos, exclama Emilinha.

— Por quê?

— E' muito simples, hoje, muitas pessoas não se casam com mêdo de errar. Você já imaginou o que seja a gente viver uma vida inteira com um homem, que pensávamos que iria ser um grande marido, mas não foi?

Depois, referindo-se a várias amigas, Emilinha citou vários casos, para os quais o divórcio seria um verdadeiro remédio.

— E' claro que quem é feliz não se irá divorciar. Eu acho que o divórcio é como um remédio e só procura remédios quem está precisando dêles, não acha?

Mas, por enquanto, não temos o divórcio e os casais infelizes terão mesmo que sofrer — pegaram o abacaxi, terão mesmo que o descascar, com faca ou sem ela...

ARANHAS, NEM EM PINTURAS

Emilinha tem pavor das aranhas. Contou-nos que, certa vez, correu tanto de uma delas que os amigos pensaram que ela tivesse visto um fantasma, mas não sabe porque tem um horror incoercível pelas aranhas.

GINÁSTICA E GINÁSTICA

Quando chegamos em casa de Emilinha, fomos encontrá-la deitada no divã, cansadíssima.

Sabem por quê? Estivera fazendo ginástica.

Cá pra nós, a favorita da Marinha, não precisa de ginástica, não acham?

Mas, como tôda mulher, Emilinha acha que é preciso conservar a silhueta e então, durante muitos minutos sua, levanta os braços, faz umas contorções, fica de cabeça para baixo, pendura-se na porta, enfim, faz uma «sueca» complicadíssima.

Quem não fica muito satisfeito é o «Barnabé». Aviso aos navegantes: — Barnabé é o cachorrinho da estrêla. Êle olha, pensa, torna a olhar e, por fim, resolve fazer o mesmo. Resultado, depois de meia-hora, ficam os dois estirados um em cada divã...

Embora a ginástica seja um tanto pesada, Emilinha acha que existem outras mais duras na vida... Pegar um lotação para a cidade na hora do movimento, por exemplo... atravessar a avenida Presidente Vargas às seis da tarde e escolher o vestido que deverá usar entre todos os que possui...

Emilinha tem razão, há coisas muito mais difíceis do que ficar de cabeça para baixo...



ELA NASCEU em Mangueira e estreou na Rádio Cruzeiro do Sul. Grande intérprete da música popular, é, sem dúvida, cartaz dos maiores.

QUASE MILIONÁRIA

Agora a confissão de Emilinha Borba: — Eu sou quase milionária. — Disse-nos, olhando um avião que sobrevoava a baía de Guanabara.

— Milionária?

— Sim, mas... do ar...

E' que a favorita da Marinha já voou durante mais de oitocentas horas, assim sendo é quase milionária do ar...

EMILINHA SERÁ «MISS OBJETIVA»

Mais uma novidade temos para os fãs de Emilinha. A grande estrêla da Nacional será candidata ao título de «Miss Objetiva» e também ao de «Rainha do Rádio de 1953».

Será que vence? Acreditamos que sim.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 47 ★ 22-11-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Emilinha — quase milionária (Zélia Tavares) 3/ 6
A fala do trono da Inglaterra 11/13
Sururu no P.T.B. (Telmo Ferrari) 17/19
Oito mil disputam um apartamento (Adalberto Mendes) 27/33
A nova rainha da primavera (Leonel Ferreira) 52/57
Comício contra o mil 48/49

LITERATURA

Uma academia sem cadeiras (Renato de Alencar) 7
Semana Literária (Edmundo Lys) 10
A.E.I.O.U. (Geraldo da Costa Alves) 23

SEÇÕES PERMANENTES

A Revista há 50 anos 8
A semana em revista 8/ 9
A personagem da semana (Chaim Waizman) 9
Puxe pelo cérebro 14
Pasatempo (Renato Cartaxo) 15
Lido... visto... ouvido... (Jim) 20/21
Conta-me teus sonhos (Maria Paula) 22

ROMANCE

Memórias do Príncipe Yussupoff 24/25

FOLHETIM

Arabelle 47

FEMININAS

Vestidos com alça 36/37
Prêto e branco 38
Personagem abstraído (Isolete) 42
Rotina de beleza 43
À luz da psicanálise (Dr. Luís Fraga) 46

CURIOSIDADES

O mundo quer é movimento 14/15
Átila, o flagelo de Deus 26
A vida de Noel Rosa (Almirante) 39/41
São argentinos os quíntuplos Diligenti 44/45
Descoberto o homem-macaco 51

ATUALIDADES

Falei com um disco voador 34
Comício contra o mil 48/49

CARICATURA

Êsse mundo e o outro (Darcy) 16

ÚLTIMO FLASH

A vitória de Eisenhower 58

CAPA

Susan Hayward (Foto RKO)

UMA ACADEMIA SEM CADEIRAS



POSSUI o Recife a mais original das Academias de Letras do mundo: a «Mozart». Não é de letras musicais, e sim de letras poéticas, líricas, românticas, parnasianas, modernistas, epigramáticas e anedóticas. Também é conhecida como Academia da Porta Esquerda, mas que nada tem a ver com a «Porta Inferi», e a esquerda é apenas uma situação topográfica, não havendo nenhuma insinuação para crimes... políticos. Arrancharam-se na Porta Esquerda, involuntàriamente, e poderiam «instalar-se» na do Centro, se a Livraria Mozart tivesse três, cinco ou sete portas. Essa Academia não tem Estatutos, nem Cadeiras, nem Patronos. Funciona como os cafés modernos: em pé. E tudo começou lá pelo ano de 1937. Tenório de Cerqueira, — primeiro prêmio de fuxicador de estantes — conversou à Porta Esquerda com outro doido espiritual, o Luiz do Nascimento, que já se recomendava pelo «lero-lero» do Café idem, e a Academia começou a surgir de dois tostões, isto é, de duas xícaras de café. Dali seguiam para a Livraria Mozart, onde não havia garçons implicantes, a bater com as cadeiras, sugerindo uma saída compulsória disfarçada com as aparências da cordialidade. A Porta Esquerda foi a preferida. Semanas depois já estavam «matriculados» outros acadêmicos e a «igrejinha» foi crescendo... crescendo... e hoje congrega cêrca de trinta imortais, inclusive alguns falecidos, e duas mulheres, liberalidade que deveria ser imitada pela Academia Brasileira de Letras. A «Mozart» não estabelece limites aritméticos. É à vontade, desde que o profano tenha méritos, mesmo no mundo do astral, como sucede com o Milcíades Barbosa. As sessões obedecem ao aviso poético do Renato Peixoto, gerente da sede oficial e gratuita, sem entrada, sem fiador nem luvas: «A tarde vai morrendo no horizonte». Todos já sabem: tá na hora de ir para a Cristal, ou para outro café. Essa originalíssima Academia já entrou para a História literária do Recife, com a sua primeira publicação-batismo: «Mozarteanos», repositório de 28 perfis dos acadêmicos, obra de Seve-Leite, um dos mais novos da comunidade, Juiz aposentado e poeta parnasiano de um lirismo que lhe transforma os cabelos brancos em coroa de louros. A lista oficial dos «mozarteanos» da Mauricéia é das mais brilhantes, citando-se, assim de memória, Mariano Lemos, Esdras-Farias, Costa-Rego Jr. (que não é filho do Costa Rego do «Correio da Manhã»), Paulino de Andrade, o Major Rodrigues, Santos Pereira, desembargador aposentado, cultor do Direito e do direito de ser campeão das anedotas. Essa Academia da Porta Esquerda, em certo aspecto, muito se parece com a porta da Colombo, aqui do Rio. Apenas com esta diferença: na Colombo só dá velhotes fúteis, enquanto na Mozart, se há «velhinhos», são os nutridores dos tempos do romantismo, revivendo a época dos boêmios e intelectuais a recitar sonetos e acrivar com seus epigramas os barões e comendadores da terra, analfabetamente ricos. O Recife, com essa Academia, dá uma lição ao Rio, onde só se cuida de golpes, filipetagens, trampolinices e jabaculês, jôgo de bicho e futebol. Uma Academia «Tudo em Pé» muito bem se poderia fundar aqui no Rio, onde os poetas e literatos se habituaram a só viajar dependurados em balaustres e a bancar pára-quedistas nos ônibus e trens da Central. Mas, cadê ambiente? Parabéns ao Recife e aos seus imortais da Esquerda, isto é, da Porta Esquerda da Mozart. Honi soit qui mal y pense...

RENATO DE ALENCAR

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 220,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na capital a cargo da Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1559.

Redator-chefe
GENEROSO PONCE FILHO

Paginação de **VICTOR TAPAJÓS** — Desenhos de **ALBERTO LIMA**

Redator-chefe de Publicidade: **J. M. COSTA JÚNIOR**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha, Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA, R. Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

Diretor **GRATULIANO BRITO** — Assistente **RENATO DE ALENCAR**

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. — Êste número tem 60 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

A REVISTA há 50 anos

23 DE NOVEMBRO DE 1902

OS PROFESSÓRES de Chicago recommendaram aos seus concidadãos o riso, a folia como um dos melhores remedios de que póde dispor a humanidade contra todas as molestias em geral e contra o alcoolismo em particular. Tal é a these há pouco defendida em plena Universidade de Chicago pelo proffessor William N. Gutric. O alcoolismo, diz elle, tem ás vezes, por causa o desanimo, senão a desesperação. A maioria dos bebedos principiou a beber para se distrahir, como se diz, para "esquecer" desgostos intimos ou a mesquinhez da sua condição social. Se querem cural-os dêm-lhes outras diversões.

Mandem-os lêr os humoristas, levem-nos aos theatros em que se representam comedias e operetas, farças. Procurem fazer com que os donos de jornaes de caricaturas, os emprezarios de theatro, os editores de livros jocosos, baixem os seus preços até pol-os aos alcance das bolsas dos bebedos. Ha nisso o interesse da saude publica e tambem o interesse pecuniario desses industriais ou negociantes, sendo, como é, enorme o numero dos alcoolicos. Os poderes devem promover e até subvencionar as emprezas de "pilherias". O riso é quasi panacéa. A humanidade beberia menos se tivesse mais ocasião de rir á solta.

E' um sabio profundo esse professor Gutric, mas esqueceu-se de que são exactamente os directores de cafés-cantantes que mais vendem bebidas alcoolicas. O ultimo dos grandes "dandys", o successor de Brummell, Panmure-Gordon, o rei da extravagancia mundana ingleza, morreu.

Era um dos banqueiros mais em evidencia da bolsa de Londres, e o homem que se vestia melhor em Inglaterra, trocando de roupas muito mais vezes que Guilherme II. Tinha quinhentas calças, treze sobretudos, um numero incalculavel de pares de luvas e uma duzia de cartolas, sempre novas. Ha alguns anos perdeu no incendio de seu palacete nada menos de seiscentas gravatas.

Possuia carruagens luxuosas, desde o "rickeleas" japonez até o trenó russo. Mandou construir um grande carro, com cosinha, sala de jantar e salão, que servia para leval-o á caça com os amigos.

Quando o Imperador da Allemanha foi seu hospede, lançou á agua uma embarcação a quatro remos, que andava tão bem no mar como em terra.

★

OS SOCIOLOGISTAS inglezes sentem-se impressionados com as estatisticas vitaes recentemente publicadas, que accusam consideravel declinio nos nascimentos da Inglaterra. Londres accusa de 1831 para cá uma diminuição de 27,6 por 100 de mulheres casadas menores de 45 annos de edade. A diminuição torna-se mais notavel nos bairros mais aristocraticos da capital, ao passo que nos bairros baixos Stepney, Shadwell e Bittinal Green, está quasi estacionária. Fóra de Londres, o declinio é de 25,8 contra 30,3 em 1881.

● *Carlos I da Inglaterra, vestia na fria manhã de janeiro de 1649, quando foi decapitado, uma camisa branca e um collete azul. A camisa é hoje propriedade do duque de Beaufort; o collete foi legado pelo rei ao seu medico, o dr. Hobbs. Até 1898 êsse objeto de valor historico pertenceu á familia daquelle medico. Nessa epoca, porem, o collete foi posto á venda, sendo por elle offerecidas 200 libras esterlinas.*

Ultimamente, em meiados do mez de março corrente, o collete azul de Carlos I reappareceu em uma venda publica, sendo comprado por um collecionador de Londres, o qual pagou por elle 210 libras esterlinas.

★

● Julio Verne fez curiosas predicções no "Daily Mail". Ninguem se surpreenda, affirmava elle, se o valor do romance vae baixando sensivelmente sob todos os pontos de vista. E' um genero litterario que tende a desaparecer. O mundo futuro só apreciará como documento psychologico ou social dos nossos tempos as collecções de jornaes e de revistas. Tambem se interessará um pouco com as historias phantastico-scientificas na forma de Edgard Poe, de Vokkiers, de L'Isle d'Adam, de Welles e de... Julio Verne, assim como hoje procuramos descobrir nas obras de Cyrano de Bergerac idéas de navegação aerea.

Quanto ás obras de Maupassant, ninguem achará nellas assumpto de estudo nem comprehenderá que houvessem representado um papel na cultura do nosso tempo.



Rowing-Club — O pic-nic na ilha de Paquetá — Grupo de representantes da imprensa, a directoria e as senhoritas que tomaram parte no pareo de corridas a pé.

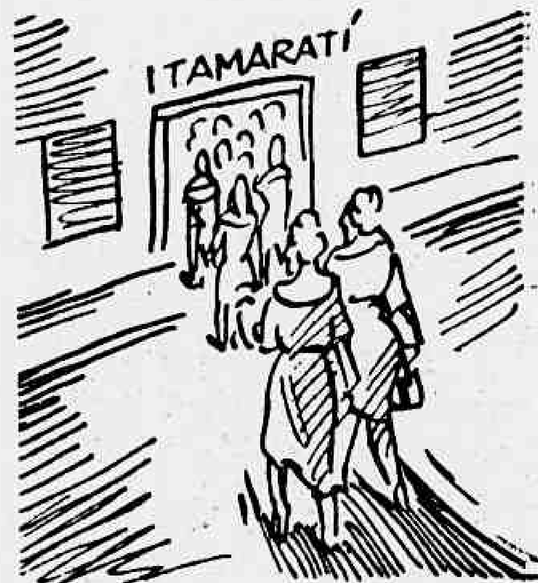
A Semana

3a. semana de alimentação

A oito de novembro teve início a Terceira Semana Nacional da Alimentação, com várias solenidades promovidas pelo SAPS, destacando-se do programa a reinauguração do Restaurante Central da Praça da Bandeira, completamente reformado. Estas campanhas anuais do SAPS em relação à alimentação do povo brasileiro, têm um cunho nitidamente educativo. Se não alcançam cento por cento de seus objetivos, a culpa não cabe aos seus promotores, e sim à descontinuidade do programa e ao desinterêsse, por ignorância ou negligência das populações brasileiras de norte a sul e de leste a oeste. Desta página sugerimos ao SAPS que não deixe o seu esfôrço apenas por uma semana, com cartazes pouco intuitivos, e se lance bravamente na educação alimentar junto aos restaurantes e casas de família. O cartaz dêste ano está assim concebido: um talher e um copo de leite. Por que deve o povo tomar leite às refeições? Um em dez mil talvez saiba. Educar é repisar, insistir, persistir, tentar, retentar, pertentar. Um povo habituado a comer feijão e jabá a 40° à sombra, tudo entremeado a golinhos de jeribita, é um povo sem nenhuma noção de nutrição. E assim todos passam os 365 dias do ano, contra sete das Semanas de Alimentação. Muito pouco. Trabalho perdido.



As mulheres e o Itamarati



DESDE 1918, ao tempo de Nilo Peçanha, o Itamarati permite o ingresso de mulheres na carreira diplomática, mediante concurso. Mas, êsse direito líquido e certo, não tem sido normalmente reconhecido pelo nosso Govêrno. Em 1938 um decreto-lei proibia a entrada de mulher na carreira diplomática, caindo essa proibição em 1946, quando foi restaurado o direito feminino ao ingresso no Itamarati. Ao concurso que se realizava então, compareceram 300 candidatos, dentre os quais 47 mulheres, sendo aprovadas quinze. Mas, no mesmo ano, em abril lá vem outro decreto negando ingresso de mulheres à carreira. Em face disso as quinze aprovadas não tiveram matrícula no Curso instituído pelo Itamarati. A Constituição de 18 de setembro do mesmo ano restituiu a igualdade de direitos a todos os cidadãos, com livre acesso aos cargos públicos respeitados os requisitos de capacidade, livre acesso às profissões, etc. Estava desfeito o privilégio para o sexo masculino no Itamarati. Mas o nosso Ministério do Exterior, com o decreto de 14 de outubro de 1947 «revogou» a Constituição em seus artigos 141 e 146 e tornou a proibir o acesso feminino ao Itamarati. E agora, uma candidata à carreira diplomática, Maria Sandra Cordeiro de Melo, obtém mandado de segurança e vai disputar concurso para o Itamarati. É um direito constitucional.

Em Revista

Onde nasce o Amazonas?

DE quando em quando surge a questão: onde nasce o Amazonas? Tendo acabado de realizar sua quinta excursão à zona fronteiriça comum aos países Brasil, Peru e Colômbia, passou pelo Rio e deu uma entrevista na ABI, o Sr. Bertrand Flornoy, presidente da Sociedade dos Exploradores Franceses e membro de diversas associações geográficas. Expôs o cientista o seu ponto de vista sôbre as nascentes do Rio-Mar, terminando pela conclusão de que o Amazonas tem suas nascentes no Lago Santana, formado por outro de nome Ninho-cocha. Primeiramente as águas do Santana descem formando o Maranhão, berço real do Amazonas. Mas o explorador declara que suas afirmações não têm cunho científico, pois, para isso, seria indispensável um trabalho longo e amparado por aparelhagem especial de que êle e seus companheiros não dispunham. Ao lado dessa questão muito velha e ainda insolúvel, surge outra mais fácil de resolver: a conjugação do verbo **desaguar** no indicativo presente e no presente do subjuntivo. Como devemos dizer: tal rio **desagúa**, ou **deságua**? Sempre se defendeu a primeira forma, uma vez que a grafia verbal nada tem a ver com a palavra água. Mas a confusão se avolumou com a publicação do Pequeno Vocabulário da Academia Brasileira, que consagrou uma pronúncia errada.

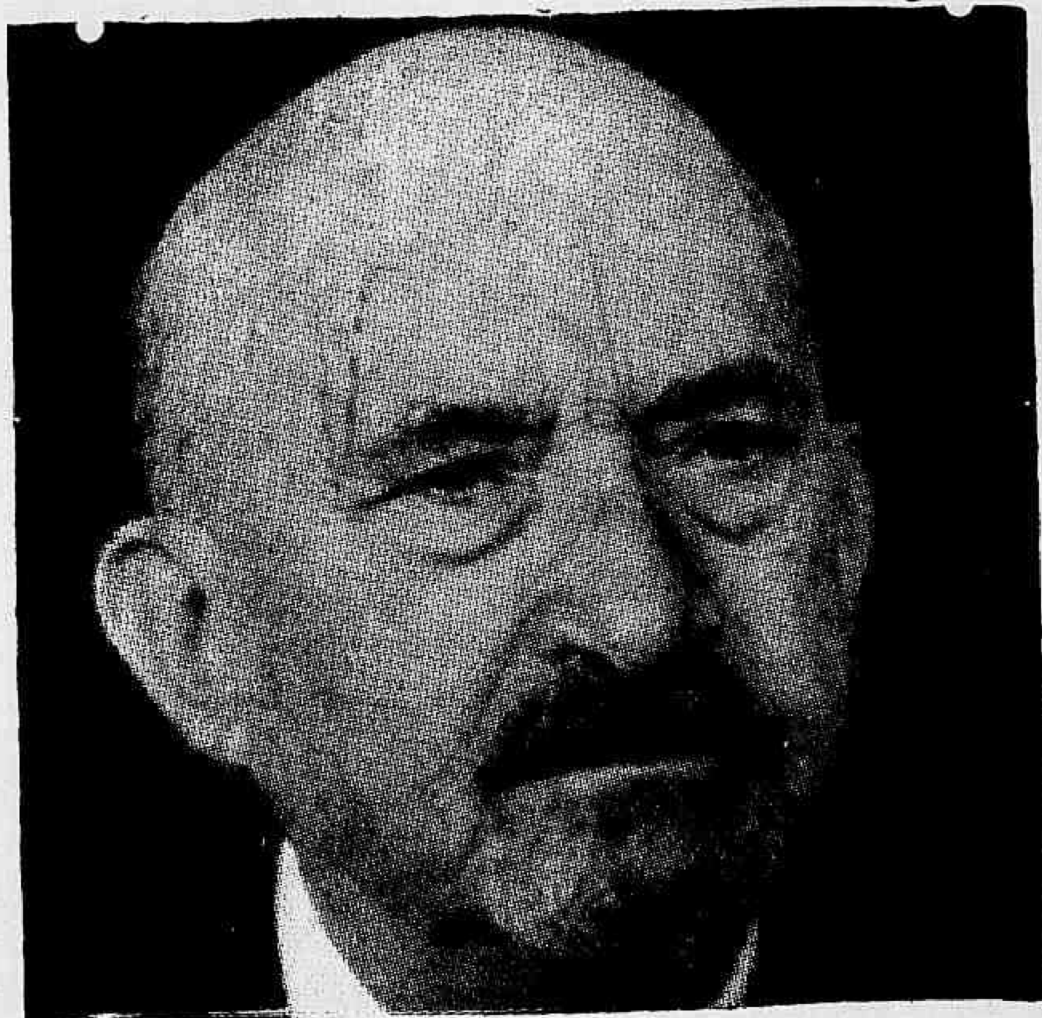


Com as tripas de fora

RAIMUNDO Leitão, maranhense, casado, com cinco filhos menores, vive de esmolas desde 1942. Mora em casa própria em São João de Meriti, comprada com o produto da ajuda pública dos cariocas. Não é mendigo por prazer ou esperteza. Só pede esmolas porque não pode trabalhar. Sua mulher também segue a mesma profissão. Quando deu à luz um casal de gêmeos, Edna e Ricardo, hoje com dois anos, foi exibi-los no Largo da Carioca, ao lado do marido que tem um processo absolutamente inédito de pedir esmolas: exibe os intestinos ao povo. Como? Retira do abdome a parte do intestino herniado. Não há quem não se comova diante daquele espetáculo. E as moedas e cédulas vão caindo. Em cinco minutos, chega a recolher trinta cruzeiros e, segundo suas declarações a repórteres, sua menor féria diária é de duzentos cruzeiros. Quando sua mulher expôs ao público os gêmeos colocados num caixote, apuraram quatro mil e seiscentos cruzeiros, quantia que foi o recorde nacional, com certeza. Raimundo vive constrangido com sua situação e faz um apêlo ao Govêrno, para que seus filhos sejam amparados, pois espera morrer de um dia para o outro. Mas não os internem no SAM. É esta a última esmola que pede aos que podem ajudar.



A PERSONAGEM da SEMANA



CHAIM WEIZMAN, cientista, político e considerado o «Pai de Israel», fechou os olhos para sempre, na madrugada de domingo, 9 de Novembro de 1952, na pequenina localidade de Rehovot, Israel, faltando catorze dias para completar 78 anos. Tôda a sua vida dedicou à cultura, à ciência e à libertação de Israel, assumindo o pôsto de líder da libertação sionista no mundo. Suas aspirações foram conquistadas em 1947, quando a Assembléia das Nações Unidas, sob a presidência do Embaixador Osvaldo Aranha, discutiu a partilha da Palestina e foi criado o Estado de Israel. Como era de direito e de acôrdo com a vontade unânime dos israelitas, Chaim Weizman foi eleito seu primeiro presidente, em cujas funções veio a morte surpreendê-lo.

ATENÇÃO LEITORES!

AGUARDEM A GRANDE EDIÇÃO DO **ALMANAQUE EU SEI TUDO** PARA 1953

O maravilhoso livro dos mil assuntos trará tôdas as matérias que publica habitualmente, novas seções, lindos contos e o famoso romance QUO VADIS, ricamente ilustrado

ESTARÁ À VENDA NA 1.ª QUINZENA DE DEZEMBRO

ALMANAQUE EU SEI TUDO

Semana LITERÁRIA

NOTICIÁRIO

● Almeida Fischer, premiado pela Academia Brasileira com «O Homem de Duas Cabeças», publicará em breve nos Cadernos de Cultura, «A Ilha e outros contos».

★

● Em Belo Horizonte, Aires da Mata Machado está terminando seu Dicionário da Língua Portuguêsa. A Livraria Martins, de São Paulo, vai tirar nova edição do livro de Aires, «Arraial do Tejuco, Cidade Diamantina».

★

● «Madrugada» é o título do novo romance que publicará, ainda êste ano, a Sra. Leandro Dupré.

★

● João Alberto já entregou aos editôres o primeiro volume de suas memórias.

★

● «O Criador e o Mundo», novo livro de poemas de Alfonsus Guimaraens Filho será lançado pròximamente.

★

● João Dornas Filho terminou seu livro de documentação e ensaio, «Boêmios e Trovadores», tendo também concluído «O Ouro das Gerais e a civilização da Capitania».

★

● Oscar Mendes está preparando, para a José Olympio, uma biografia de José de Alencar.

★

● O poeta fluminense Artur Nunes da Silva acaba de publicar um livro de poemas, «Urzes do Caminho», dedicado — «à cidade de Cantagalo e aos melros do seu jardim». Membro da Academia Fluminense de Letras, o poeta Artur Nunes da Silva tem já publicados nove livros de versos e cinco de prosa, além de quatro volumes de direito e três peças de teatro.

UM LIVRO:

O POÇO DA MEMÓRIA

ORANICE FRANCO que estreou promissoramente com «Minha Rua de Minas», em 1949, vem confirmar agora, com êstes poemas de «O Poço da Memória», tudo o que merecidamente se disse de sua vocação lírica, tão grandemente demonstrada naquela estréia, apresentada como que à mêdo, modesta e discretamente. Agora, o poeta de «Poço da Memória» já é outro, no que toca à segurança de sua voz, à certeza de sua mensagem. Muito mais afirmativo do que anteriormente, Oranice Franco já levanta um pouco o tom de seus cantos, todos guardando a mesma emoção íntima e a mesma singeleza formal, sendo condição essencial de sua poética a sinceridade. Aqui, êsse poeta do cotidiano imediato, que se entende com as ruas e com as pessoas, com os passarinhos e com as árvores, com a chuva e o bom-tempo, cuja linguagem preferida, sem que com isso perca o clima poético, é a coloquial, a conversada, talvez porque seja a mais comunicativa — êsse poeta, dizíamos, já mostra também seu interêsse mais nítido, sua participação, seu engajamento. A rua, o povo, a amada e sua família não valem para Oranice Franco apenas como temática. Era impossível que êsse poeta-homem-da-rua não visse tudo isso, todo o «seu» mundo misturado à angústia do mundo geral. Por mais que êle fuja ao discurso, que evite a ênfase, por isso não deixa de ir chegando a uma zona mais grave, mais dramática. O lírico vai se tornando um com o mundo, revelando-lhe as dores insuspeitas, obscuras, mas que doem também. Êle o confessa, na sua «Artinha»:

«Mas não quer dizer que a dor do mundo
não me apanhe em cheio, em mim doendo.»

O poeta deixou a casca do simples observador, meio sentimental, revelando a pouca idade, do tempo de seu primeiro livro. Agora, se não é pròpriamente um «engagé», pelo menos é um interessado que não quer mais calar sua solidariedade com êste mundo vasto mundo de Carlos Drumond de Andrade. É verdade que uma nota de desconsôlo, um certo ceticismo evita que êle caia nos exageros dialéticos. A fé, também, por mais que pareça paradoxal falar em ceticismo e em fé.

Assinale-se ainda aqui uma dose maior de subjetivismo, uma melhor gradação no aproveitamento do espetáculo exterior, uma diminuição do terror cósmico, nesta poesia. E também, com uma liberdade mais viva e ágil de forma, essência mais densa de comoção e de beleza. — EDMUNDO LYS

UM AUTOR:

BELMIRO BRAGA



PODERÁ CAUSAR surprêsa, no ambiente literário, lembrar, nesta galeria de autores, o nome de Belmiro Braga, falecido há alguns anos, mas cuja presença é ainda bem viva em nossa memória. Explica-se, entretanto, que recordemos aqui o poeta de Minas, êsse «trovador de Vargem Grande», como a si mesmo se denominou, ao tempo em que se dizia dêle que era «o João de Deus de Minas». É que êste ano passa o cinqüentenário de sua estróia literária, fazendo meio século justamente da primeira edição de sua primeira coleção de poemas — «Montezinas», editado em 1902, pelo «Jornal do Comércio», de Juiz de Fora, e impresso no Pôrto (Portugal).

Outras datas literárias foram comemoradas êste ano. Entretanto, o cinqüentenário de «Montezinas», de indiscutível importância na história de nossa poesia, ficou olvidado. Mesmo Juiz de Fora, berço do cantor inesquecível das «Rosas», não cuidou de prestar, em setembro último, data exata das «Montezinas», a homenagem que Minas e particularmente a cidade do Paraibuna devem ao troveiro admirável, a um tempo cultor da sátira e do idílio, poeta de nascimento, surgindo como uma flor de eleição nos alcantis verdejantes de Vargem Grande, em meio ao atraso dos ambiente e ao primarismo cultural da boa gente daquelas montanhas. O aparecimento de Belmiro Braga na história da poesia mineira é um dos mais singulares e pitorescos, mais pitoresco ainda na sua própria palavra. Essa história fôra longo contá-la aqui e os juizdeforanos a sabemos de cor. O que, entretanto, se olvida, em meio às atribulações atuais, é a obra que nos legou, de tão doces acentos de tanta espontaneidade, valendo como das mais significativas de nossa lírica. E, não apenas essa: Belmiro foi também fecundo humorista, rimando inesquecidas sátiras — a maioria sem iguais, em nossa poesia. E foi autor teatral fecundíssimo, de uma vivacidade, de um talento de comediógrafo que marcou época em nossos palcos. Tendo vivido algum tempo no Rio, aqui colaborou em revistas e jornais, entre outros em «Fon-Fon» e no «D. Quixote». De uma alegria contagiante, tanto pessoalmente, como em versos, sua lembrança nos vem como a de uma verve inesgotável, de um lírico sorridente, um pouco à maneira de Artur Azevedo, de um romântico retardatário — tão bem fixado nos poemas das «Rosas» e em sua obra da maturidade, «Contas do Meu Rosário».

• • • • Fora do prelo • • • • • • • • • •

A RETIRADA DA LAGUNA — Aparecida em francês, traduzida pelo Barão de Ramiz Galvão e depois por Salvador de Mendonça, "A Retirada da Laguna", de Alfredo d'Escragnolle Taunay, Visconde de Taunay, é dessas obras que são sempre contemporâneas de todos os que se interessam pelos grandes acontecimentos históricos. Dir-se-ia que, naquele cruciante episódio, mais e mais se caldearam as virtudes do soldado brasileiro, tão nobre nas celebrações da vitória quanto equilibrado nas fases adversas. Sucedem-se as edições do livro famoso — vindo agora a lume a 13.ª, versão de Afonso de E. Taunay, apresentada pelas Edições Melhoramentos. Novos documentos, de alto valor e significação, foram acrescidos às páginas da "Retirada da Laguna", assim como expressivas gravuras lhe enriquecem o texto, já de si tão representativo.

PRINCESINHA FLOR DA LUA — Após ter publicado "A Cobrinha Encantada", "A História do Príncipe Abdel Assur", "Joaninha", "Rosalinda", "O Tesouro da Ilha", "O Milho de Ouro", "Os Anões Encantados" Nina Salvi publica a terceira edição de "Princesinha Flor da Lua". Fartamente ilustrada por Osvaldo Storni, as páginas da formosa obra de literatura infanto-juvenil fornecem excelente leitura. Trabalho gráfico das Edições Melhoramentos.

VIDAS DE HOMENS NOTÁVEIS — Até agora, na famosa série de biografias escritas pelos irmãos Henry Thomas e Dana Lee Thomas, as maiores personalidades da história foram agrupadas segundo as suas atividades ou profissões. Um dos volumes, por exemplo, era dedicado aos "Grandes Filósofos", outro aos "Grandes Compositores", outro aos "Grandes Condutores de Povos". E assim por diante, através de tôda a série. No volume que a Editôra Globo acaba de publicar, intitulado "Vidas de Homens Notáveis", os autores resolveram completar o plano geral da série com um arranjo algo diferente. Em vez de agrupar certo número de homens sob uma categoria única, incluíram os homens que não se haviam enquadrado em nenhuma das antigas categorias. Graças à maior elasticidade dêsse arranjo, foi possível oferecer um horizonte mais vasto e um espetáculo mais diverso da aventura da vida humana. Assim, no volume agora publicado em edição brasileira, vemos soldados como Alexandre, exploradores como Marco Pólo e Colombo, intérpretes musicais como Paderewsky e Caruso, dramaturgos como Shakespeare, Goethe e Bernard Shaw, revolucionários como Karl Marx e Garibaldi, construtores políticos como Kemal Ataturk e Sun Yat-Sen, chefes de govêrno como Disraeli e Churchill e verdadeiros amantes da vida e da aventura como Benvenuto Cellini.

Um grupo tão variado como a conduta humana. Ainda assim, têm todos êles uma coisa em comum; essa sutil essência da personalidade, êsse "perfume de heróico pensamento e ação" a que os poetas denominam fama. São os seguintes os homens notáveis cujas fascinantes vidas narra o presente livro: Alexandre o Grande, Marco Pólo, Cristóvão Colombo, Benvenuto Cellini, Sir Walter Raleigh, William Shakespeare, Samuel Johnson, Johann Wolfgang von Goethe, Benjamin Disraeli, Giuseppe Garibaldi, Karl Marx, Sun Yat-Sen, Nikolai Lenin, Guglielmo Marconi, Enrico Caruso, Ignace Jan Paderewsky, Mustafá Kemal Ataturk, George Bernard Shaw e Winston Churchill.

Tôdas as biografias são precedidas por uma bela ilustração a duas côres e por um quadro cronológico.

"Vidas de Homens Notáveis" foi primorosamente traduzido pelo poeta Mário Quintana.

GIRASSOL DE OUTONO — O último lançamento da Editôra A Noite é o volume de poemas de Domingos Carvalho da Silva, intitulado "Girassol de Outono".

Domingos Carvalho da Silva, que já conquistara, anteriormente, o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras, apresenta-se, em "Girassol de Outono", na plenitude de seu talento poético. Seu livro é rico de qualidades inventivas, denotando o aperfeiçoamento do jovem poeta paulista tanto no plano formal como na esfera substancial. Marcado por uma admirável simpatia humana êle canta neste volume as dores e as angústias da hora presente, o que confere à sua mensagem um pungente sentido de participação e de comunhão nos dramas sociais e políticos dos nossos tempos. Outro aspecto interessante dêsse volume é a integração do poeta na realidade nacional através de alguns poemas de sensível beleza que se aprofundam simultâneamente na lírica popular e na paisagem brasileira.

A RAINHA DIRIGE-SE PARA O PARLAMENTO — Sua Majestade a Rainha Elizabeth II, da Inglaterra, no côche real, ao lado do Príncipe consorte, o Duque de Edimburgo, dirige-se para Westminster, debaixo de estrondosas aclamações.



A "FALA DO TRONO" DA RAINHA

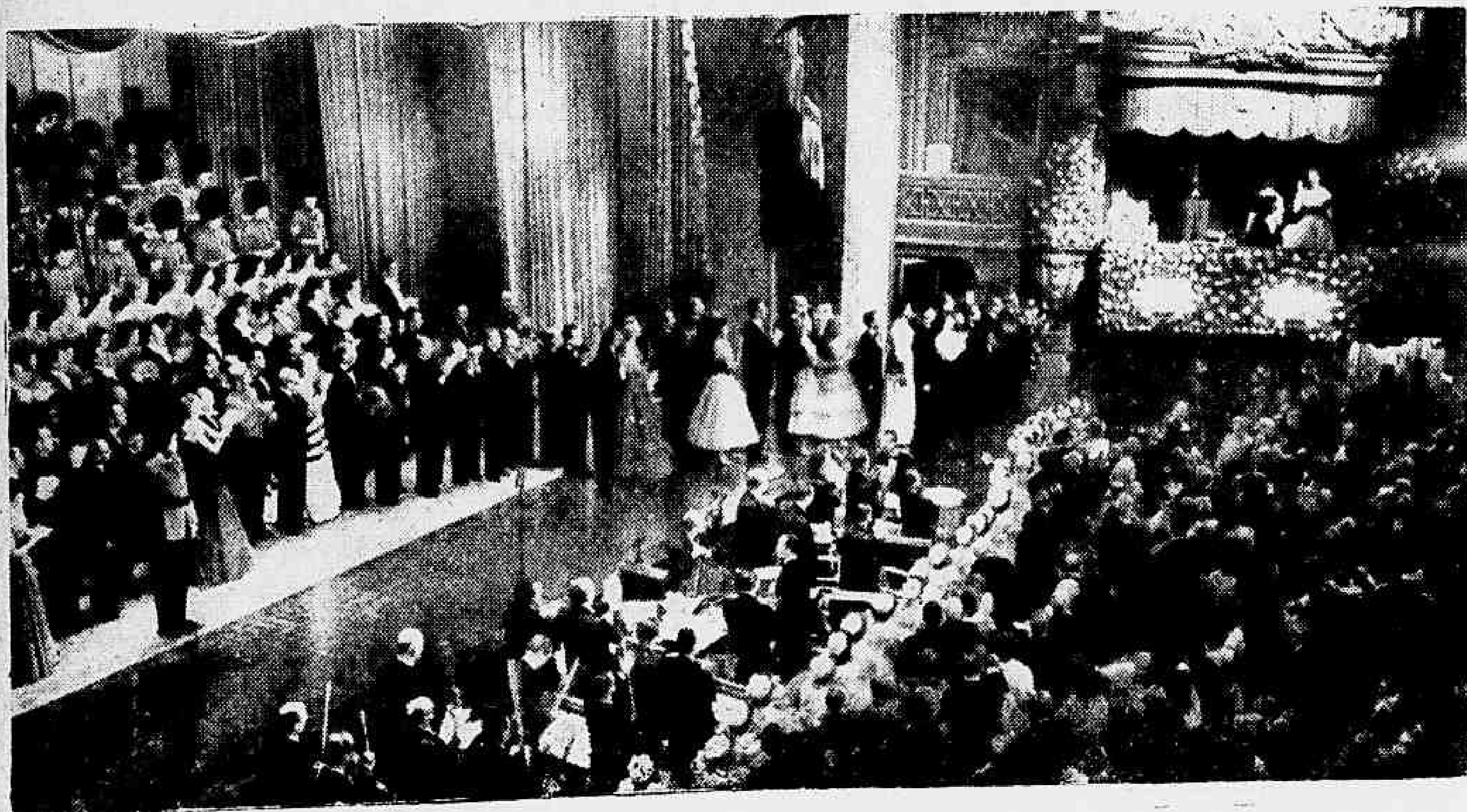
PELA PRIMEIRA VEZ A RAINHA ELIZABETH DIRIGE-SE AO PARLAMENTO INGLÊS ★ UMA CERIMÔNIA QUE TEM A TRADIÇÃO DE MUITOS SÉCULOS ★ O CORTEJO SUNTUOSO NAS RUAS DE WESTMINSTER

SUA Majestade a Rainha Elizabeth II, soberana do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda e de todos os países da British Commonwealth of Nations, cumprindo um dever, que há séculos vem sendo mantido, foi à abertura das sessões do Parlamento e ali procedeu à leitura de sua Fala do Trono.

Pela primeira vez, em seu reinado, que dura de poucos meses, desde a morte de seu augusto pai, o Rei Jorge VI, Sua Majestade a Rainha foi exercer êsse seu direito e dever. As ruas da milenária Londres encheram-se de milhões de súditos, cheios de fervor patriótico, de fidelidade ao trono inglês, que tem enchido de glórias e de poder sua grande nação. Homens, mulheres e crianças, desde cedo,



A ABERTURA DO PARLAMENTO DA INGLATERRA — Sua Majestade a Rainha Elizabeth, acompanhada pelo espôso — o Duque de Edimburgo que entrava, seguida do pomposo cortejo, na Câmara dos Lords, attravés da «Royal Gallery». Esta foi a primeira fotografia tirada dentro do

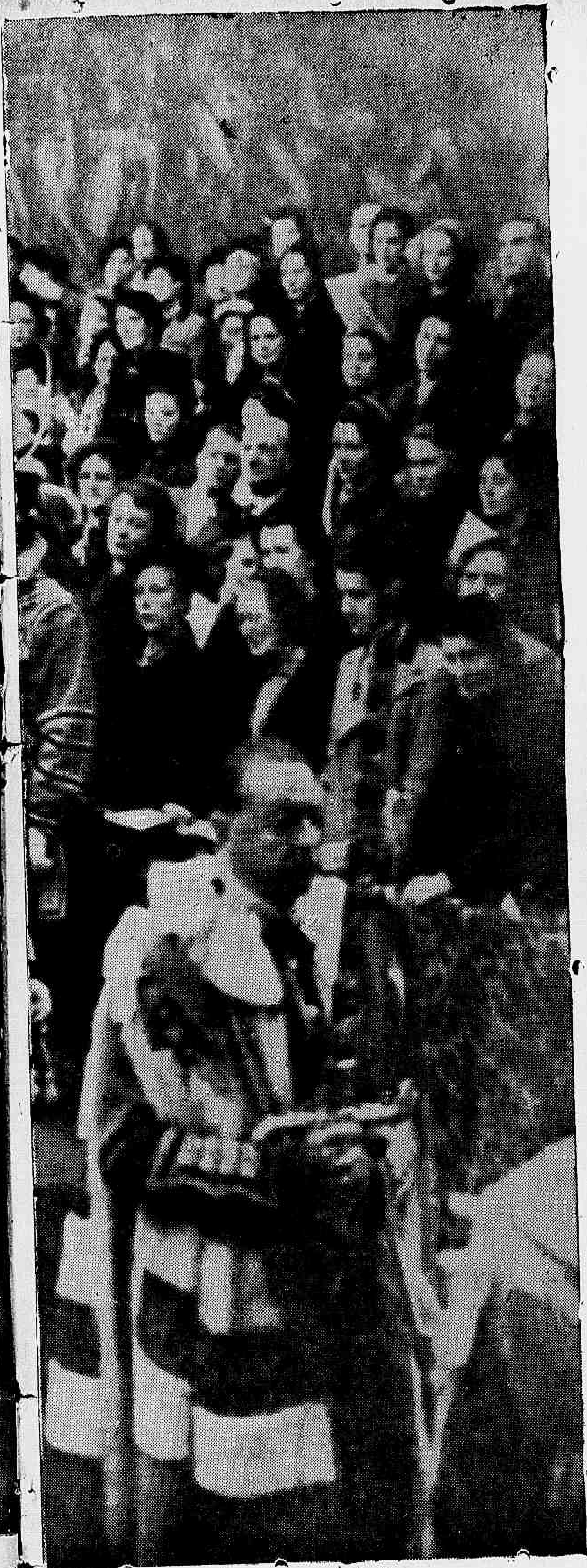


postaram-se pelas ruas, por onde transitaria, desde Buckingham Palace, onde reside a Rainha e seu espôso, o Duque de Edimburgo, até ao Palácio de Westminster, o histórico Parlamento, onde há séculos se reúnem os representantes do povo inglês, a Casa dos Lords e os Comuns.

A história do Parlamento inglês pode ser dividida em quatro grandes períodos: o dos parlamentos medievais, dos quais o de 1295 se tornou o modêlo e o tipo; o período dos Tudors e Stuarts, que se

O GRAND FINALE DO «BEST ROYAL SHOW EVER»... — A Rainha, a princesa Margaret Rose e o príncipe de Edimburgo assistem a um espetáculo que foi realizado em sua honra.

A «FALA DO TRONO» DA RAINHA



— com a coroa e o manto real, no momento em Palácio de Westminster, na capital da Inglaterra.

caracterizou pelos conflitos entre o rei e o parlamento, entre a prerrogativa e o privilégio; o período entre a Revolução de 1688 e o Reform Act de 1832 e o moderno período, que começa em 1832.

Não cabe aqui fazermos a história do parlamento britânico que, pela sua tradição democrática, tem dado à grande nação o direito de ser chamada — a mãe dos Parlamentos. Recordemos, apenas, que enquanto a Europa jazia em pleno feudalismo, já nos tempos de Eduardo I, em 1925, se reunia como verdadeira assembléia nacional o "Parliament", de onde decorreram todos os Parlamentos do mundo, em suas linhas gerais. Foi êle que inspirou os Estados Gerais da Revolução francesa, quase cinco séculos depois. Desde os tempos de Eduardo III, o Parlamento tornou-se uma assembléia de duas Câmaras: a dos Lords e a dos Comuns.

Os juízes da Suprema Côrte são convocados ao Parlamento e alguns, como os juízes que julgam o Soberano, tomam, desde essa época, assento na Casa dos Lords, quando o Rei ou a Rainha vão abrir o Parlamento, cerimônia que remonta a tempos recuados e sempre tradicionalmente revestido de pompa inigualável.

Mas é ao período Platageneta que a maior parte das mais picturescas cerimônias, como as que se realizam por ocasião da abertura do Parlamento e da Fala do Trono, são devidas, e até nossos dias permanecem idênticas.

As fotos que inserimos hoje, das cerimônias agora realizadas em Londres, por ocasião da abertura do Parlamento e da primeira Fala do Trono da Rainha Elizabeth II, evidenciam a mesma grandiosa pompa das realizadas séculos atrás, e mostram quanto é grande a fôrça da tradição no povo britânico.



A SAIDA — Depois da «Fala do Trono», a Rainha deixa, no Côche do Estado, o Palácio Westminster, local em que se encontram a Casa dos Lords e a Câmara dos Comuns.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Todas as quinze		O gênio em pessoa

1 — SE FICAR PROVADO QUE O RIO UCAIALI É O INÍCIO DO AMAZONAS, EM QUE LUGAR FICA ÊSTE DIANTE DOS TRÊS MAIORES RIOS DO MUNDO:

— Primeiro?
— Segundo?
— Terceiro?

2 — EM QUE ESTADO BRASILEIRO FICA A MAIS ALTA CACHOEIRA DO BRASIL:

— No de Minas?
— No Paraná?
— Em Alagoas?

3 — QUAL DÊSTES ESTADOS É O MAIOR EM SUPERFÍCIE:

— O de Mato Grosso?
— O do Pará?
— O do Amazonas?

4 — O FEIJÃO É:

— Uma leguminosa?
— Um cereal?
— Ou um tubérculo?

5 — DESDE QUE ANO SE EXPLORA A EXTRAÇÃO DE CARVÃO DE PEDRA NO BRASIL:

— 1915?
— 1889?
— 1853?

6 — EM QUE ANO COMEÇOU A JORRAR PETRÓLEO EM LOBATO, NA BAHIA:

— 1941?
— 1939?
— 1928?

7 — QUAL O PAÍS EM QUE HÁ O MELHOR CRISTAL DE ROCHA:

— Estados Unidos?
— Índia?
— Brasil?

8 — QUAL O NOME CIENTÍFICO DO «GUARANÁ»:

— Paulina Sorbilis?
— Ilex paraguayensis?
— Lecythis paraensis?

9 — A QUEM SE DEVE A INSTALAÇÃO DA PRIMEIRA CHARQUEADA NO RIO GRANDE DO SUL:

— A um paulista?
— A um cearense?
— A um uruguaio?

10 — EM QUAL DÊSTES PONTOS FOI INSTALADA A PRIMEIRA RÁDIO DIFUSORA BRASILEIRA:

— No Pão de Açúcar?
— Em Petrópolis?
— No Corcovado?

11 — QUAL O MAIS IMPORTANTE AFLUENTE DO AMAZONAS:

— O rio Negro?
— O Madeira?
— O Juruá?

12 — A QUANTOS METROS ACIMA DO NÍVEL DO MAR ESTÁ MANAUS, CAPITAL DO AMAZONAS:

— 1.231?
— 650?
— 40?

13 — QUE QUER DIZER «TAPAJÓS», NA LÍNGUA INDÍGENA DA REGIÃO:

— Rio dos mergulhadores?
— Correnteza forte?
— Rio que alaga?

14 — EM QUE ESTADO DO BRASIL HÁ UMA CIDADE COM O NOME DE MARACANÃ:

— No de São Paulo?
— Em Pernambuco?
— No Pará?

15 — QUAL DESTAS CIDADES FLUMINENSES É A MAIS ANTIGA:

— Macaé?
— Campos?
— Cabo Frio?

(Respostas na página 50)

O MUNDO QUER É MOVIMENTO...



OS VELHOS «COACHES» LONDRINOS — reviveram recentemente no Festival de Antiguidades de Chelsea, o arrabalde da velha capital inglêsa. E nas vestes tradicionais, duas «beauties» britânicas — Joyce Franchi e Hazel Fenton — fizeram a volta da imensa Londres — a cidade mais extensa do mundo — tôda cercada de lindos jardins.



OS BURROS OBTÊM O SEU LUGAR AO SOL — A injustiça tradicional contra o inteligente asno, feita sempre, até por burríssimos personagens, revoltaram cultíssimos inglêses, que fundaram a Sociedade dos Amigos do



UM SUBMARINO DE BÔLSO — construído por um francês. Tem 2 metros e 50 de comprimento, 75 centímetros de largura e 1 metro e 10 de altura. Realizou êle os primeiros ensaios no rio Sena, em Paris. O submarino em miniatura tem dois motores elétricos e um a explosão, pode mergulhar a trinta metros e ficar três horas debaixo d'água.



O SETE-CICLO — Sete dinamarqueses em busca de uma aventura... nesta setecicleta — neologismo que êles também inventaram, inventando o aparelho que os pode levar aos sete mares, como os sapatos de sete léguas para aventuras que nem «Branca de Neve e os sete anões» tiveram tão extraordinárias. Tudo sete. — Parece mentira...



Burro, em homenagem a êsse esforçado colaborador do homem. Aqui vemos 15 burros na corrida organizada em Furse Grove, Sussex, Inglaterra. Não sabemos do resultado; mas, com certeza muitos cometeram burrada.

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 30

A	Arcas →	9	19	101	46	94	119	
B	Arpoar ou pescar com arpão →	66	10	40	71	62	56	103
C	Náuseas; estertores →	50	3	25	37	105	12	
D	Perverso; contrário à equidade →	11	74	84	1	27	97	
E	Filar; comer com os olhos →	16	22	77	7	125	81	117
F	Não permiti, evitei, proibi →	36	91	20	122	28	65	
G	Grande lanterna portátil →	113	86	93	59	115	21	41
H	Mamífero ruminante, muito veloz →	114	73	13	85	49		
I	Natural da Iduméia →	38	87	6	104	126	111	
J	Aquêle que se acha prêso, detido →	42	51	26	88	95	83	39
K	O que está ali ou além →	15	5	63	120	108	33	
L	Oculta, encobre →	61	44	35	92	82	70	116
M	Chamusque; bata de leve →	55	18	47	76	110	2	24
N	Laço que se lança ao animal que corre →	72	107	128	69	90		
O	Governar; predominar; reinar →	52	123	106	98	121	130	8
P	Tornado roxo ou purpúreo →	48	57	32	43	109	99	23
Q	Planeado; fantasiado; pôsto na idéia →	67	129	45	118	89	29	
R	Contato; som; pancada →	96	102	79	17	31		
S	Inchado, balofo →	58	124	68	75	54		
T	Pôsto em ação; influído →	78	53	80	100	64	30	
U	Soltar; abandonar →	4	14	34	127	112	60	

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra numa casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

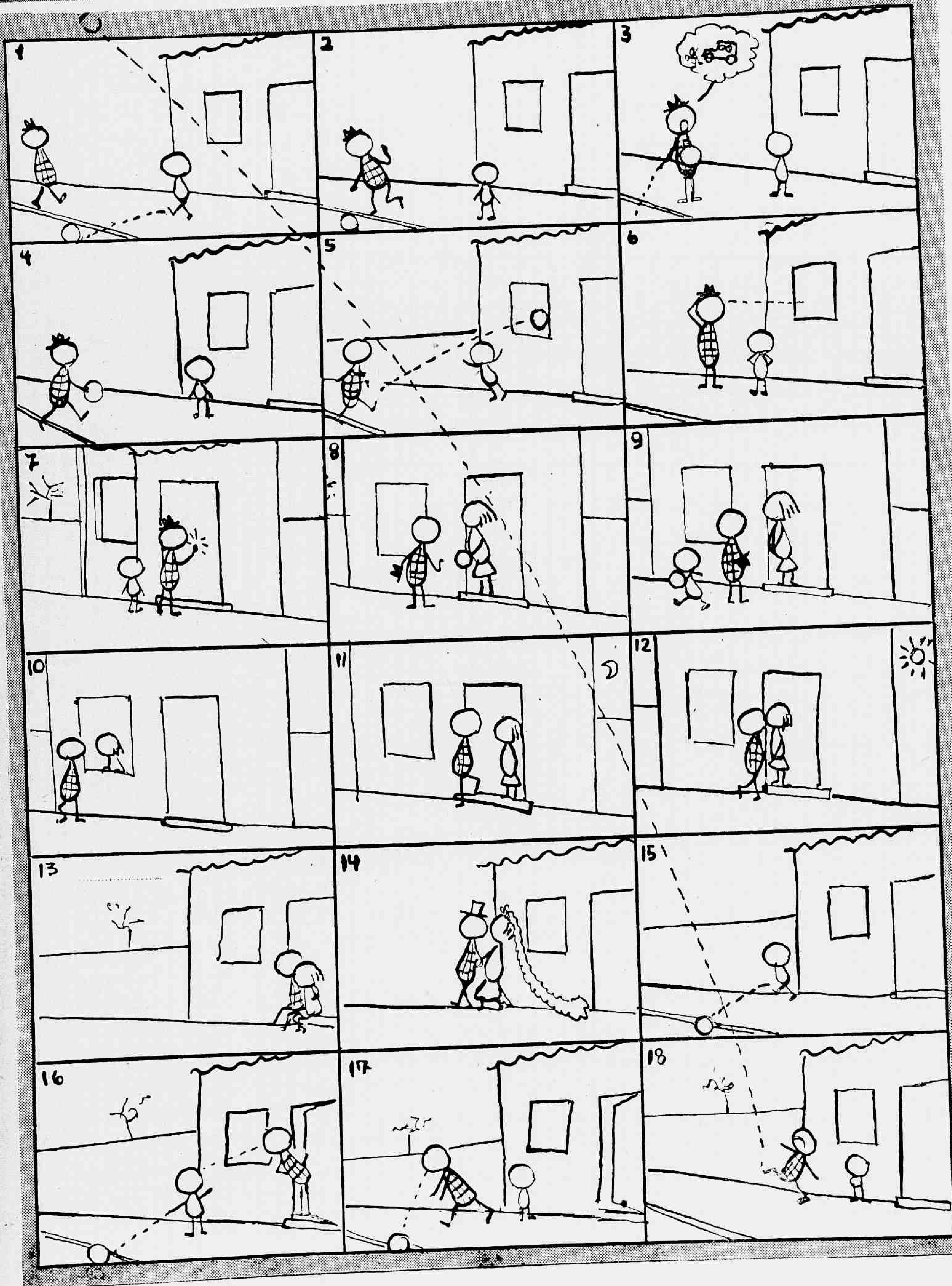
■	■	■	D 1	M 2	C 3	U 4	K 5	I 6	E 7	O 8	■	A 9
B 10	D 11	C 12	H 13	■	U 14	■	K 15	E 16	R 17	M 18	■	A 19
■	F 20	G 21	E 22	■	P 23	■	M 24	C 25	J 26	D 27	F 28	Q 29
■	T 30	■	R 31	P 32	K 33	U 34	L 35	F 36	C 37	I 38	J 39	■
B 40	G 41	J 42	P 43	■	L 44	Q 45	A 46	■	M 47	P 48	H 49	C 50
J 51	O 52	T 53	S 54	M 55	B 56	■	P 57	S 58	■	G 59	U 60	L 61
B 62	K 63	T 64	F 65	B 66	Q 67	S 68	N 69	■	L 70	B 71	N 72	H 73
D 74	S 75	M 76	■	E 77	T 78	■	R 79	T 80	E 81	L 82	J 83	D 84
H 85	G 86	I 87	J 88	■	Q 89	N 90	■	F 91	L 92	G 93	A 94	J 95
R 96	D 97	■	O 98	■	P 99	T 100	■	A 101	R 102	B 103	I 104	C 105
■	O 106	N 107	K 108	P 109	■	M 110	I 111	U 112	G 113	■	H 114	G 115
L 116	E 117	■	Q 118	■	A 119	K 120	O 121	■	F 122	O 123	S 124	E 125
I 126	U 127	N 128	Q 129	O 130	■	■	■	■	■	Olaner - Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N.º 29: FERNANDO AZEVEDO. — SOCIOLOGIA — "A brevidade e clareza não são qualidades que costumam encontrar-se juntas e, quanto mais apertada fôr a síntese, tanto maior o perigo de cair na obscuridade."

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

CRIAÇÃO DE DARCY

Como nasce um complexo





Flagrante sensacional, apanhado no momento em que o Professor Sebastião do Nascimento exclamava: — «Quem trai o Rio de Janeiro trai o Brasil». — «Rua com os vereadores insubordinados!» — A coisa —pelos rumos que os acontecimentos parecem tomar — é mesmo séria.

SURURU NO P. T. B.!

JUNQUEIRA — O HOMEM DO MOMENTO ★ "SE HÁ UM TRAIDOR, É O P. T. B. ★ A VITALIDADE DE VITAL ★ JUNQUEIRA DEIXA, LUTERO RENUNCIA ★ ADAMASTOR ACUSA ★ LUTERO TILINTANDO ★ INCRÍVEL: BARRETO PINTO SERENÍSSIMO ★ O 1.000 — UMA BRASA VIVA!

Reportagem de TELMO FERRARI

Fotos de JOAQUIM SIMÕES

SE há um homem do momento no Distrito Federal êsse homem é o vereador José Junqueira. Violentamente acusado por uns, elogiado por outros, o vigoroso líder trabalhista no Legislativo Municipal não consegue libertar o seu nome das manchetes, das entrevistas e das conversas de rua. É da sua autoria o famoso projeto mil. Vale dizer: é o criador do mais discutido caso da história política carioca. Incompatibilizou-se com o próprio partido e colocou o prefeito João Carlos Vital no terrível dilema: ou engole o projeto, ou por êle é engolido. Face aos lamentáveis acontecimentos, o Partido Trabalhista ficou em pânico e realizou a toque de caixa duas agitadíssimas sessões. Foi um corre-corre tremendo num ambiente de tempestade. Lutero Vargas presidiu aos trabalhos. Ao lado dos seus companheiros, apreciou a situação dos representantes petebistas (em número de 12), que contrariando as determi-

SURURU NO P. T. B.

nações do partido votaram com o mil. Houve tumulto, cenas patéticas e discursos inflamados. A corrente mais forte só se dará por satisfeita com o pronto afastamento de José Junqueira e a suspensão da bancada.

BARRETO PINTO EM CENA

O ex-deputado Barreto Pinto taxou o projeto mil de monstruoso porque virá sem dúvida aumentar a desgraça em que vive o povo carioca. Para mim, disse-nos, êles traíram a gloriosa legenda do P.T.B. O professor Sebastião Nascimento foi mais longe: «Quem trai o Rio de Janeiro trai o Brasil. Rua com êles!»

Acabar com os José Junqueira, acabar com os vendilhões do Partido Trabalhista é o que se precisa fazer. Urge desmascarar os queremistas de 1945; os falsos queremistas que só enxergavam os interêsses particulares e não a vitória de Vargas. Essas as incisivas palavras de Adamastor Magalhães. Elogiou Getúlio, elogiou Segadas, elogiou Lutero e formulou violentas críticas ao vereador José Junqueira e seus liderados. Patético, o advogado Hélio Walcacer assinala que a hora é de definições. Cita os nomes de Mourão Filho e João Luiz de Carvalho (os dois vereadores que ficaram fiéis à linha partidária — êste o que sacou do revólver) e acentua que êsses sim, simbolizam perfeitamente a fibra que todo o verdadeiro trabalhista deve possuir. Só existe uma solução: eliminar os traidores e glorificar os autênticos getulistas.

— «SE HÁ UM TRAIDOR — É O P.T.B.!»

O vereador José Junqueira tentou defender-se Não o conseguiu todavia. Houve como que uma saraivada de apartes. Ninguém mais se entendia e o autor do barulhento «mil» abandonou, sob vaias, o recinto. À reportagem, José Junqueira falou, e falou claro: «Não vim me defender e sim acusar, nessa sessão. Se há um traidor não sou eu, mas o próprio P.T.B.» Por sua vez, o prefeito João Carlos Vital tem vivido horas dramáticas. Sua recente conferência, no Catete, com o presidente Vargas, constituiu sem dúvida o fato político mais sensacional da quinzena. Vargas e Vital estudaram o projeto mil cêrca de duas horas. Ninguém até o momento conhece a opinião de Getúlio a respeito do mil. Será contra? Será a favor? Ninguém o sabe. José Junqueira e os vereadores punidos pelo P.T.B. afirmam que Vargas está ao seu lado. Os comandados de Lutero, seu filho e presidente do Diretório Regional Trabalhista, também proclamam aos quatro ventos que Vargas está com êles. Afinal, com quem estará Vargas? Eis a incógnita, a grande incógnita!

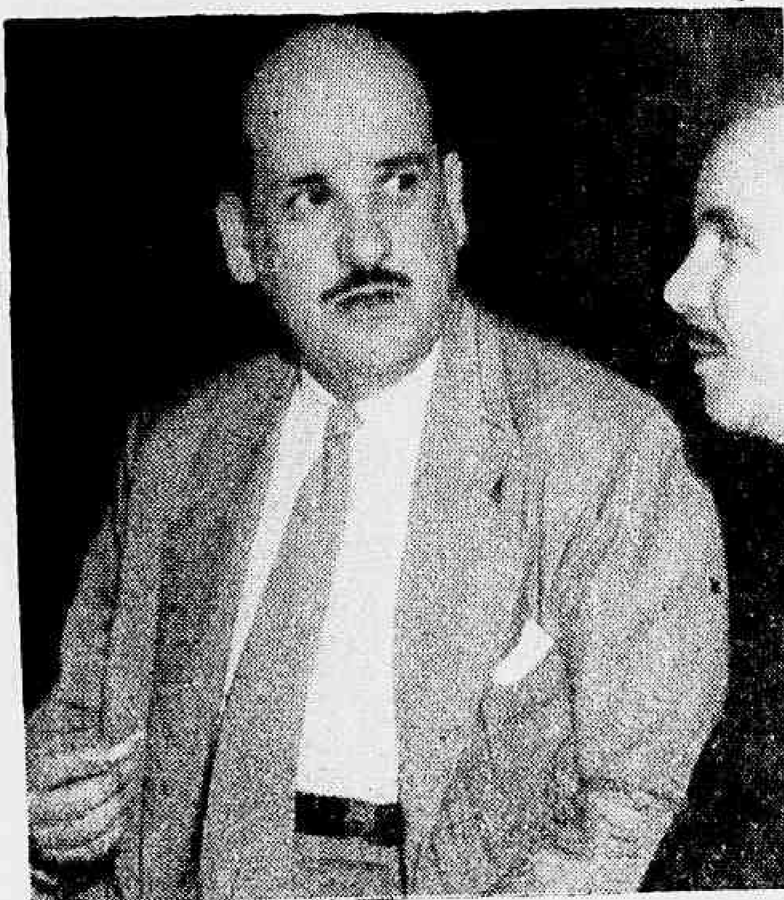
A VITALIDADE DE VITAL

Vital tem se desdobrado. São entrevistas nos jornais. Discursos. Palestras radiofônicas. E ùltimamente o governador da cidade num gesto altamente democrático se pôs à disposição do povo permanecendo nos estúdios da TV-Tupi para responder qual-

O senhor Barreto Pinto no momento em que assinava a moção pró-criação de uma comissão que estudará o caso dos vereadores pertencentes ao Partido Trabalhista e o projeto mil.



Mourão Filho, presidente da Câmara Municipal, e Lutero Vargas, presidente do Diretório Regional do PTB, observam, atentamente, os trabalhos.



Rafael Risco, delegado regional do IAPI, no Rio Grande do Sul, do PTB gaúcho, assiste aos trabalhos dos seus correligionários cariocas.



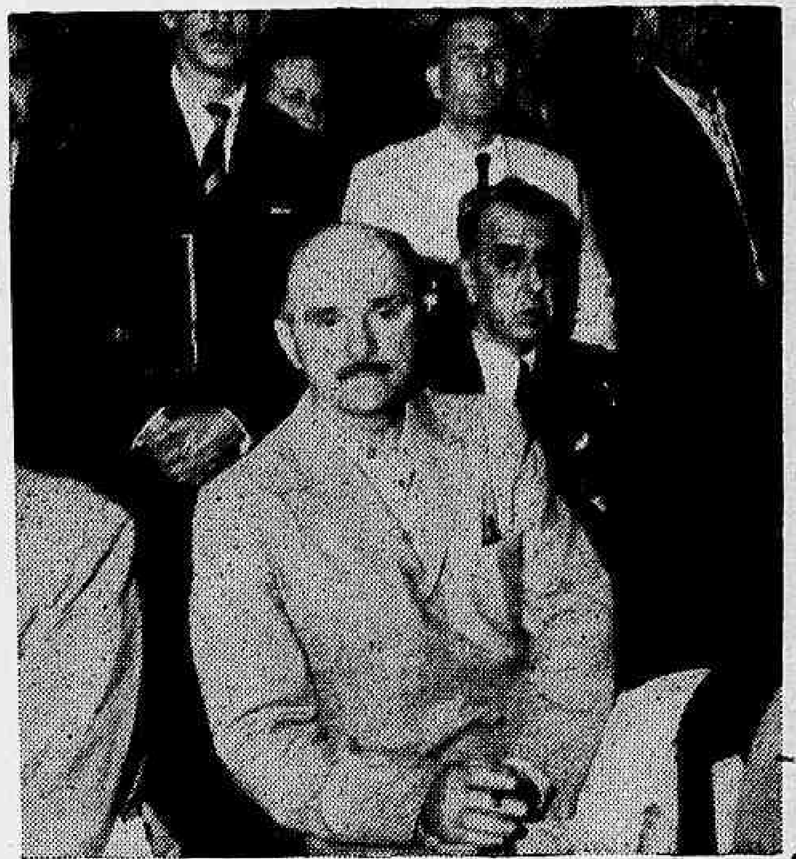
Falava o sr. Lutero Vargas, quando apanhamos esta foto do sr. Adamastor Lemos, eminente professor da Faculdade Nacional de Direito.



A um canto da sala conferenciam os srs. Hélio Walcacer, advogado, Mourão Filho, vereador, e Cecílio Marques, presidente do IAPETC.



Vemos o vereador Adamastor Magalhães, quando fazia pegar fogo a sessão. «Urge desmascarar os falsos trabalhistas e sanear o partido.»



O líder Frota Aguiar assiste calmamente à sessão. Mais tarde também êle se agitou. E' contra o projeto mil... No fundo, Baeta Neves...

quer pergunta sôbre a sua administração. Em tôdas essas manifestações, Vital assevera que defenderá o discutido projeto até o fim. «Desanimar, nunca. A luta pela aprovação do «mil» continua. Até o fim.»

JUNQUEIRA DEIXA, LUTERO RENUNCIA

O vereador José Junqueira deixou de ser trabalhista e em meio à enorme curiosidade popular falou na «Gaiola de Ouro», justificando a sua atitude. Teceu inúmeras considerações e atacou de rijo a direção regional trabalhista. Aumentou, portanto, a grave crise no seio do partido. Nova reunião foi levada a efeito. Novas discussões. Novos discursos. E Lutero Vargas renuncia ao cargo. Houve grita geral. Houve protestos. Não podia ser. E por aclamação S. S. foi obrigado a continuar no alto pôsto. Aceitou, mas aceitou uma vez que fôssem excluídos da direção regional e da comissão de reestruturação todos os legisladores comprometidos na aventura contra o povo que foi a aprovação do nefasto projeto mil.

Solidários com Lutero e contrários ao «mil», os dirigentes cariocas do PTB voltaram à carga sôbre os vereadores.

ADAMASTOR ACUSA

Enorme salva de palmas ecoou quando o Sr. Adamastor Magalhães explicou ao plenário que José Junqueira defende o prefeito Vital tão sòmente por ter conseguido que uma firma (que estava em 2º lugar numa concorrência pública na Prefeitura) passasse para primeiro. Um fabuloso escândalo que compromete tremendamente o bom nome do prefeito, do próprio vereador e, principalmente, do Partido Trabalhista Brasileiro. Sou pela punição porque «há vereadores que venderam esta terra e a dignidade do povo.» A reunião pegou fogo. Era natural. Gritos daqui e dali, confusão geral.

LUTERO TILINTANDO

Lutero tilinta nervosamente as campainhas. Uma, duas, três, inúmeras vêzes. Nada adianta. Nada. Continua o fervo. Finalmente, mais gritando do que falando, usa da palavra o velho líder petebista, Baeta Neves. Pede ordem. Pede silêncio. E fala. Já agora calma e pausadamente. Esclarece aos seus companheiros que os estatutos dão todos os poderes ao Diretório Regional quando delibera com maioria. Faz ver que se está diante de um fato novo na história do trabalhismo. Será, não tenho dúvida, o início de uma nova jornada. Será o início do saneamento nas hostes trabalhistas. Estejamos certos: dentro do PTB há mais gente ainda para ser afastada... Baeta Neves domina o ambiente e aconselha como getulista de tôdas as épocas que o PTB deve usar a cabeça, agir com serenidade, pisar firme o terreno, confiar cegamente no presidente Lutero Vargas. Finalizando a tumultuária reunião, falaram os Srs. Frota Aguiar e Barreto Pinto.

INCRÍVEL: BARRETO PINTO, O SERENÍSSIMO

«Só há um caminho certo, declaram: abrir-se rigoroso inquérito através do funcionamento da Co-

(Continua na pág. 50)

O flagrante que estampamos mostra o primeiro orador da noite. Trata-se do Almirante Antenor Bastos. Pediu também a expulsão dos vereadores que aprovaram o famigerado projeto mil. A sessão, como não poderia deixar de ser, decorreu num clima da mais forte agitação.





LIDO... VISTO...

CRACARÁ

Cuiabá, dizem, é a terra dos apelidos. Há pessoas que são mais conhecidas lá pelas alcunhas que pelos nomes. Muitos até ninguém sabe mais o nome, assim como João Pão Crioulo, João Penso e existe até os apelidos hereditários, como os daquela família, cujo bisavô blasonava que não tinha mêdo «nem de 1.000 homens», e ficou conhecido como «Mil Homens» tôda a vida, o filho era «Quinhentos homens», os netos «Duzentos e cinqüenta homens» e, agora, os bisnetos «Cento e vinte e cinco homens»...

Alguns têm apelido e já ninguém sabe porque nem a sua origem.

Era assim Cracará, de quem se lembram só os colecionadores de histórias engraçadas de outros tempos e de agora, como o desembargador Amarílio Nóvis, por exemplo, cuja verve impenitente passou incólume sem que ninguém lhe pespegasse nenhum apelido, pois êle se acomodou, logo que chegou da Bahia, onde foi estudar, com um diminutivozinho simpático pelo qual é conhecido: Ari...

E' êle quem conta a história de Cracará e Joaquim Murtinho.

Cracará, cujo nome se perdeu, mas cujo apelido ficou, tinha horror ao mesmo. Vivia agoniado, pois, quando abria as velhas rótulas de suas janelas e punha o nariz na rua, lá gritava a garotada: Cracará! E êle dava o cavaco.

Um dia, agoniado, vem ao Rio e deu para freqüentar a casa de Joaquim Murtinho, o palacete de Santa Teresa, onde o estadista, que deixara Cuiabá em criança, gostava de receber os compatrícios e quando via algum mais bem enfatiotado, brincava com êle: — então todo janota? Fazendo roupa no Pitote... Pitote era o alfaiate de Cuiabá.

Murtinho vivia entre os seus cães, algumas dezenas de cachorros de tôdas as raças, que o solteirão que salvou as finanças do Brasil colecionava e pelos quais tinha uma preferência louca. O então ministro da Fazenda soube do apelido de Cracará e de sua ojeriza pelo mesmo. Convidou-o para jantar. Havia outros amigos e ninguém dizia nada quando um lulùzinho de estimação do eminente homem pulou lampeiro para a mesa e pôs-se a andar entre os pratos. Ao passar em frente à Cracará, êste não se conteve. Agarrou o cãozinho pelo pescoço, pô-lo ao chão e disse:

— Lugar de cachorro não é na mesa!

Parece que Murtinho não gostou. O certo é que uma noite fêz com o bisonho cuiabano uma brincadeira. Convidou-o para irem juntos ao Teatro Lírico. O conterrâneo apareceu de terno novo e luvas brancas.

Joaquim Murtinho foi com o amigo, êste todo orgulhoso, ao célebre Teatro.

Num dos intervalos, a sala cheia, alguém grita de cima das torrinhas:

— Cracará!

— Isso é comigo, doutor.

— Ora, que bobagem, quem conhece você aqui?

— Cracará! — gritavam de novo. — Cracará!...

— Cracará de luva branca!

Aí Cracará não pôde mais. Largou o ministro no camarote e desceu desesperado. No «hall» encontrou o mordomo de s. excia.

— O senhor já vai?

— Estão caçoando de mim aqui no Rio e volto para Cuiabá.

O mordomo de Murtinho foi levá-lo até à pensão, onde morava e dizem que êle mesmo é quem, a mandado do ministro fizera a brincadeira para mexer com o pobre Cracará...

RESPONDA ESTAS

101 **Quanto tempo levou Leonardo da Vinci para pintar a sua famosa «Ceia do Senhor»?**

102 **Quando Omar Khayyan escreveu o célebre Rubaiyat?**

103 **Que tempo leva cada planêta a dar sua volta em tôrno do Sol?**

104 **Quem foi chamado «a alvorada da Casa Branca»?**

105 **Em que dia e ano foi assinado o decreto criando a nova bandeira do Brasil independente e por quem foi o mesmo referendado?**

RESPOSTAS AS ÚLTIMAS:

96 — No Ceará; 97 — O siroco é um vento quente que, saindo do deserto do Saara, atravessa o mar Mediterrâneo e vai até à Itália; 98 — E' o Arco do Triunfo de l'Étoile, em Paris, que mede 40 metros de altura e pouco mais de largura; 99 — A côr predominante na Gioconda é o verde; 100 — Um soldado romano, assim chamado por que os batalhões eram formados por cem homens, centúrias.

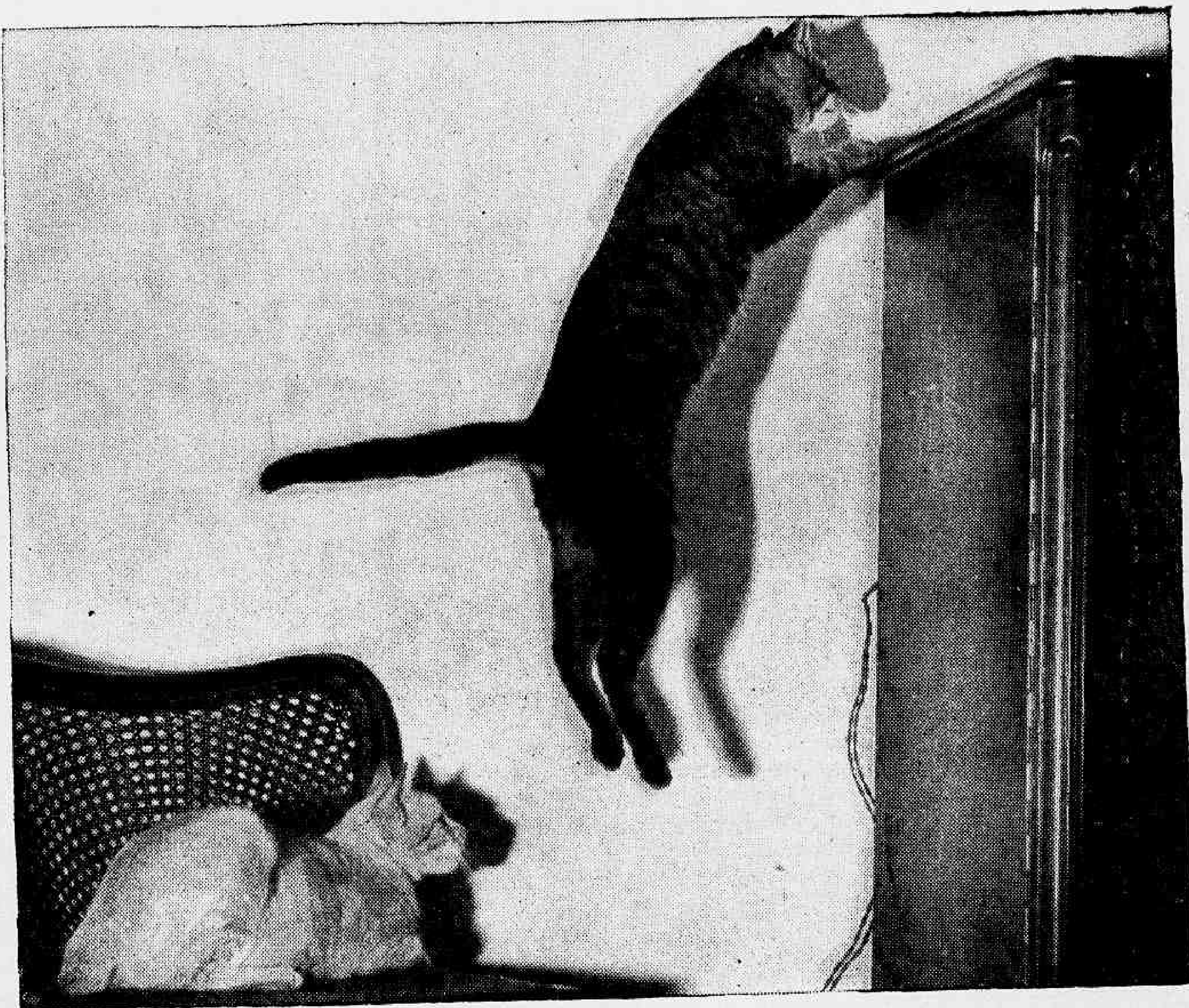
ELA DOMINOU OS GUARDAS



«Você pode comover um coração de mãe — o meu é que não...» — é um velho «slogan» dos sargentos inglêses para os recrutas. Mas esta garotinha conseguiu o que os recrutas não conseguem: — tomar conta dos sargentos. E aqui vai ela, levada pelas mãos dos sargentos Jelly e Grimett, que, como carneirinhos, a levaram até à Igreja onde Vitória — êsse o nome da linda garôta — ia ser pagem do casamento de Bridget Devitt e Michael Grenwood.

OUVIDO... ONTEM, HOJE, AMANHÃ... (JIM)

O PULO DO GATO



Ó, o tão falado pulo do gato, tão rápido, tão esperto, que chega a ser simbólico para tôdas as artimanhas e espertezas... foi surpreendido aqui no Rio por um fotógrafo paciente e que tem alma de artista: Hans Neuhof. O engraçado é que êsse fotógrafo especializou-se em poses e instantâneos de cães. Era de supor tivesse ojeriza pelos gatos, ou pelo menos não tivesse paciência com êles.

TAL PAI, TAL FILHO...



Michael Chaplin, filho de Charles Chaplin, tem 7 anos e, como o pai, já está saindo um mímico formidável. Numa entrevista coletiva no Hotel em que Chaplin está hospedado, em Londres, o garôto fêz caretas, imitou os passinhos do velho, virou a bengalinha e disse que viu o pai fazendo estas caretas no espelho e que êle, Michael quando fôr artista vai usá-las também. Esta careta — aliás — quase desmandibula o pequeno...

POUCAS E BOAS...

● NA DELEGACIA

Numa de nossas Delegacias de subúrbio, aquêle enfermeiro extrovertido, que também é cabo eleitoral no morro do Jacarèzinho, ficou muito embaraçado quando o comissário de dia lhe perguntou:

— Mas afinal há quanto tempo o sr. é casado?

Êle coçou a cabeça chata de nortista e depois, naquele seu sotaque do Catolé do Rocha, com tôda a simplicidade, perguntou:

— Mas, seu doutô, a última vez, ou tudo junto?

● **COM ELAS OU SEM ELAS?**

Esta nos vem da Itália e dizem passada com uma dessas incuráveis grã-finas, que podendo viajar para onde bem entendem, julgam-se com todos os direitos, inclusive com o de serem «snobs», sem o saber...

Madame vai ao «Zia Teresa», o famoso restaurante de Nápoles, que como Portugal é também à beira-mar plantado e onde os turistas enquanto comem são geralmente comidos por uma perna pelos vendedores de bugigangas, especialmente as feitas de tartaruga. E querendo mostrar-se muito conhecedora de tudo, vai logo pedindo:

— Traga-me duas dúzias de ostras, mas muita atenção, não as quero nem muito grandes, nem muito pequenas, não muito geladas, nem muito salgadas...

O garção inclina-se muito respeitosamente e interrompe:

— Mas, la signora, as quer com pérolas ou sem pérolas?

● *MENINO PRODIGIO*

— Mamãe, como é que as galinhas sabem o tamanho certo do nosso porta-ôvo?

QUEM DISSE ISTO?

101 **«Negra sou, mas formosa.»**

102 **«Do sublime ao ridículo não há senão um passo.»**

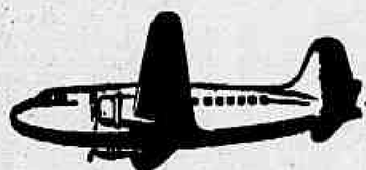
103 **«E' uma grande habilidade saber esconder sua habilidade.»**

104 **«A progressiva introdução de colonos tornará inútil a escravidão.»**

105 **«Pedra do escândalo.»**

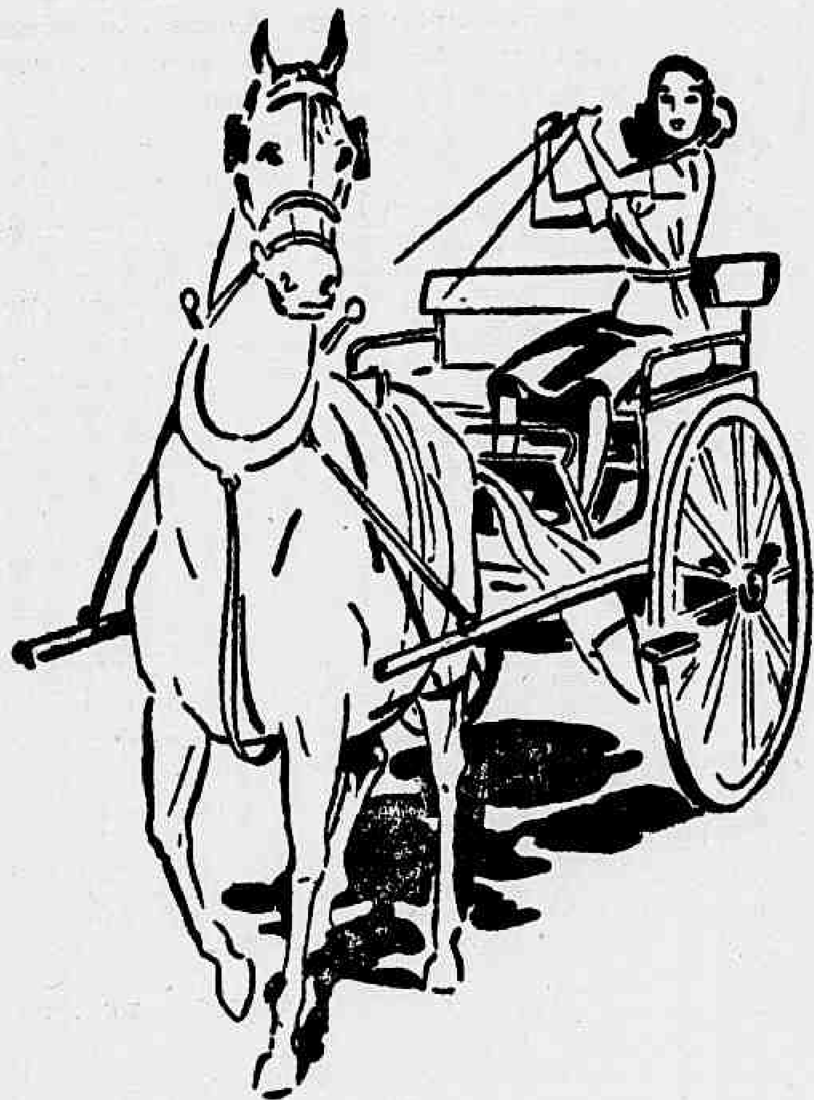
RESPOSTAS AS ANTERIORES:

96 — Era o título usado por São Gregório Magno em suas cartas e depois passou a ser usado pelos Papas seus sucessores; 97 — Frase muito antiga errôneamente atribuída a Santo Agostinho e que mais se aproxima de uma de Tertuliano, que afirmou: «E' certo, porque é impossível»; 98 — Expressão de Byron, o grande poeta inglês; 99 — Desolada expressão do Professor Miguel Pereira iniciando uma campanha pela higienização de nossa Pátria; 100 — A famosa frase de César, anunciando **sua grande vitória na Asia Menor.**



Inicie da melhor maneira as suas férias em

ARAXÁ
S. LOURENÇO
CAMBUQUIRA
CAXAMBÚ
LAMBARÍ



Sobrevoando panoramas encantadores, será um motivo de prazer a sua viagem de férias a bórdo de um dos confortáveis aviões da NACIONAL. Procure a nossa agência local e conheça as facilidades que proporcionamos para a sua viagem de passeio.

NACIONAL
TRANSPORTES AEREOS

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● ARGENTINA (Rio)

1º SONHO — Iamos, meu espôso e eu, viajando num trem superlotado, que se arrastava com grande dificuldade, subindo uma serra para mim desconhecida. Tinha-se a impressão de que, a cada momento, o trem se deteria, ou se precipitaria no abismo. Impaciente, fui para a janela, observando o penoso esfôrço do maquinista. Ao aproximar-se o cume da montanha, o trem parou; saltei por uma janela e percorri a pé o resto do caminho. Pus-me a contemplar a paisagem, quando percebi que meu marido também havia saltado a mesma janela, empurrando o trem num esfôrço hercúleo e conseguindo levá-lo até o ponto final; e vi, com espanto e satisfação, o trem se ajustar novamente sôbre os trilhos. Meu espôso e eu ficamos em silêncio observando a saída dos passageiros; viamo-los distintamente, mas todos nos eram desconhecidos.

INTERPRETAÇÃO — Primeiro, quero agradecer os têrmos elogiosos de sua cartinha. Esta seção tem um objetivo: ajudar os leitores a se reconquistarem; quanto a mim, tudo faço para acertar...

Sérias preocupações se estão insinuando em sua mente e você julga ter idéias claras para resolver seus problemas (impaciência que a fêz ir para a janela). Encoraja seu espôso, reconforta-o e concita-o a enfrentar a vida a fim de vencer as dificuldades naturais que se apresentam. Você procura, por todos os meios (saltar pela janela) alcançar o que deseja e é mesmo de opinião que todos os meios são bons desde que atinjam o fim... Você tenta, por outro lado, libertar-se de certos pensamentos e tudo faz para conseguir equilibrar-se e ter, afinal, uma vida tranqüila e pacífica (silêncio em que se mantiveram, você e seu marido). Tem certeza, absoluta, do esfôrço heróico que êle desenvolve para se estabilizar (empurrar o comboio). Traça planos, projeta realizações, organiza modos de vida, porém não tem confiança em si própria, nem nos que a cercam (ausência de conhecidos entre os passageiros).

2º SONHO — Andava pela cidade, quando encontrei uma pessoa a quem muito estimo; tratou-me friamente. Em seguida, postei-me num ponto de ônibus; quando o fiz, era dia claro, mas, já anoitecia e eu ainda estava lá. Pessoas da família de meu marido me chamavam, ao que eu não fazia caso. Nisso, desabou uma tormenta e começaram a aparecer as primeiras conduções; eu era a primeira da fila, mas não conseguia tomar o ônibus; veio, afinal, um lotação, entrei mas êle me deixou no meio do caminho e eu teria que continuar a pé; por fim, veio um bonde que, morosamente, me levou até em casa.

INTERPRETAÇÃO — Em seu primeiro sonho, você se mostra algo otimista, animosa e cheia de esperança num futuro melhor; já no segundo, o pessimismo toma conta de sua alma e você sente que já não é mais a alavanca que, com sua energia íntima, poderá soerguer a enfraquecida vontade de seu espôso. Não acredita que, num país estranho encontre o devido apoio para seus planos e negócios (indiferença da pessoa amiga que encontrou), e receia perder suas economias materiais e energéticas. Você deve aproveitar as ocasiões favoráveis para firmar-se, pois me parece que tem deixado passar algumas delas (condução em que não a deixavam entrar). Receia também ter que voltar à sua pátria (apelos da família de seu marido).

Você ainda não se ambientou em nossa terra e se julga uma estranha. Finalizando, quero aconselhá-la, Argentina, a ver nos brasileiros irmãos capazes de ajudá-la sempre; esteja aqui, como se estivesse em sua própria terra; só assim conseguirá solução para seus problemas.

Nota: Não se preocupe com o português de sua carta; se achar melhor, pode escrever em castelhano mesmo. Até breve.

● **ROSÂNGELA (Paraíba do Sul)**

SONHO — Sou casada há dez anos e tenho seis filhos. No entretanto, sonho constantemente que estou me casando e que meu vestido de noiva ora está enodoado, ora amarrotado, embora seja sempre o mesmo com que me casei.

INTERPRETAÇÃO — O sonho é linguagem do inconsciente e tem sua origem, quase sempre em um complexo educacional. O sonho nos dá a impressão de um fantasma mental e nasce de repressões e recalques.

Procurando analisar a origem do seu sonho no seu próprio temperamento, talvez venha a descobrir-lhe a causa num sério conflito interno ocorrido quando de seu despertar, ou da sua mudança de estado. Isso lhe causou um transtôrno tão decepcionante que seu psíquico ainda não se pôde ver livre dêle, tanto que se insinua a cada passo, em forma de sonho intermitente. Procure um psicanalista, ou use o método catártico que, aliviando o subconsciente, se livrará do complexo que jaz no fundo de sua alma.

A.E.I.O.U.

Conto de GERALDO COSTA ALVES

TERMINADO o Curso de Ginásio, fui estudar fora, mas permaneceu sempre a mesma a amizade que me ligava ao Prof. Estêvão, amizade que provinha duma identidade de sentir e de pensar. Quando voltei, já formado, foi com agradável surprêsa que o vi, moço ainda e sempre inteligente. Continuava solteiro, apesar de as moças de meu tempo de estudante admirarem-no tanto. Em nossos encontros casuais, em que era manifesta a maior cordialidade, resolvemos, de comum acôrdo, mudar o tratamento respeitoso. Eu deixaria de chamar-lhe **Prof.**, e êle esqueceria o **Dr.**, ao me falar. «Somos ainda muito moços!» — disse, risonho.

Transmito hoje aos meus leitores uma conversa que tive ontem com o Prof. Estêvão, que foi, no Ginásio, o meu professor de Latim e de Literatura. Fui visitá-lo na sua casa modesta, naquele bairro distante. No escritório, uma estante tôda cheia de livros clássicos e de gramáticas latinas. Sôbre a mesa de trabalho, em desordem, viam-se jornais e revistas. Comentamos as últimas notícias, trazidas pelo rádio e pela Imprensa sôbre a inquietante situação internacional. Lá fora, em contraste com os nossos comentários repassados dum pessimismo que era mais a manifestação dum ceticismo de imaginativos do que, pròpriamente, a resultante duma observação real, lá fora... a natureza esplendia naquela calma de domingo. Indo depois para a varanda, admiramos o encanto da paisagem que aos nossos olhos se descortinava. E continuamos a palestrar. O nosso encontro de velhos amigos ensejavam as memórias de outros tempos. E, então, eu lhe recordei os triunfos de orador e de poeta... Citei-lhe de cor seus versos escritos por ocasião da Guerra:

«Outros navios tocarão nossos portos...
Outros marinheiros saberão lutar
para vingarem os marinheiros mortos!...»

E disse-lhe que, até hoje, nunca tinha batido tantas palmas, como naquele **meeting**, do qual foi êle o orador principal, **meeting** que ficou célebre em nossa cidade. E êle, então, sensibilizado, narrou-me o episódio que segue. Não lhe sei repetir as palavras. Nem isto seria possível. Mas procurarei transmitir ao leitor a impressão que nalma me ficou ao ouvir, num silêncio respeitoso, o Mestre amigo. Vai aí, portanto, a narração, o quanto possível, fiel. O mais que peço ao leitor é não me inquinar de indiscrição. Que tire antes dêsse fato a lição que tirei, pois penso que o Prof. Estêvão, antes de querer transmitir-me uma página lírica, (que diga-se de passagem — sua vida de solteiro admitia) quis, nesta história sentimental, trazer-nos a mensagem dos mais belos sentimentos de solidariedade humana.



*

«Meu Deus, eu não a mereço! — disse a mim mesmo, quando um dia a vi, sorridente, cabelos louros ao vento, correndo, feliz, no pátio do Colégio em que lecionava. Sim! Ela foi minha aluna. Chamava-se... Desculpe-me. Não lhe direi todo o nome; vão sòmente as iniciais: U. I. Dou-lhe as iniciais, não com o fim de lhe despertar a curiosidade. Direi, como explicação, sem apelar para outras razões fàcilmente perceptíveis, que é uma usança literária. E V. diz que sou literato. Se bem que êste episódio seja... Você julgará, por fim, pela sinceridade com que o narro, se êste episódio é ou não real.

Já vai fazer oito anos. Nesse tempo, ela era quase uma menina. Filha de imigrantes alemães, tinha a tez clara da raça. Olhando-a, lembrava-me das canções tedescas, cheias de romantismo, com invocações ao vinho, ao prazer, à mulher, à alegria da Vida. Alta, espigadinha, olhos muito vivos, testa que revelava inteligência, era assim mesmo, tal como aparece num retrato que guardei, em que ela se vê num grupo, com as demais colegas, num dia de festa escolar. Nesse tempo, morava mesmo em meu bairro. Agora, quem sabe onde andará?

Nunca lhe disse nada. Nunca! Nem pelo olhar! Tinha até mesmo receio de elogiá-la em classe, ela que era a melhor aluna de Latim. Que, jamais, as suas colegas e os seus colegas que, como todos os estudantes, deveriam gostar dos comentários e ter prazer de veicular as novidades, que êles nunca descobrissem que o Professor daquela língua tão útil e que é sempre o terror dos vadios, que êsse professor tinha... admiração (vá lá o têrmo — admiração) pela única aluna que compreendera a **consecutio temporum** e a Escansão dos versos latinos. Afinal, qualquer revelação de minha parte não ficava bem. E eu nunca soube em verdade de seus sentimentos em relação a mim. Foi tudo tão velado, tão misterioso! Hoje... Ah! Hoje, não é mais possível!...

....

Só na Mocidade é que se pode ser poeta ou orador. Só na Mocidade! Nos vôos de Inspiração das almas jovens é que se manifestam em sua plenitude, em sua exuberância, todos os enlevos e arroubos. Depois... Depois, meu Deus, como vem com o Tempo a severidade da cultura, como a autocrítica vai cortando as asas à Inspiração, e a gente chega a ter horror de lembrar que exigiu, com um discurso inflamado, a atenção de um auditório inteiro, e que a gente fêz versos de cujas imagens, agora, não percebemos bem a significação. E eu era moço quando rebentou a guerra. Fiz os versos e os discursos que você recordou. Mas Tia Angelina é que não gostava, ou melhor — é que tinha mêdo do entusiasmo daqueles versos e discursos. Cautelosa, dizia: «Você, em parte, tem razão, mas todo um povo não pode ser inteiramente mau.» E, um dia, ao caminhar para o Colégio ao lado do velho mestre — Dr. Gonçalves, em cujos cabelos brancos via a experiência da Vida e uma grande lição de Bondade, disse-me êle, como que numa sugestão louvável e delicada:

«Estêvão, eu vou evitar, em minhas aulas, qualquer referência, por mais ligeira que seja, a assunto que se relacione com a Política. Há em todos uma exacerbação de ânimo. E Você sabe: em nosso Estado, há elementos estrangeiros, inteiramente identificados conosco. O momento é, em verdade, de turbulência e de inquietação. Tenho mêdo de que êsses filhos de imigrantes venham a sofrer alguma coisa, pois sempre tive horror à violência.»

....

Qualquer coisa me dizia para ocupar aquela aula com explicações gramaticais. Assim, embora fôsse dia de leitura, quis passar em branco aquela página. Mas foi o Antônio, sempre agitado na carteira, e que sabia ma-

(Continua na pág. 44)



Ilustração de JERONYMO RIBEIRO



MEMÓRIAS DO Príncipe YUSSUPOFF

(CAP. II) — UMA SALA DE JANTAR EM CADA DIA

PAUL estava a nosso serviço havia mais de sessenta anos. Conhecia todos os parentes de meus pais e os tratava segundo a simpatia ou antipatia pessoal para com os mesmos, sem nunca levar em conta sua qualidade ou cargo. O conviva que não estava em suas graças, podia estar certo de que não seria servido de vinho ou sobremesa. Quando o general Kuropatkine, o chefe da infeliz expedição ao Extremo Oriente em 1905 estava entre nossos convidados, nosso velho «maître d'hotel» lhe demonstrava seu desprêzo voltando-lhe as costas, escarrando e recusando-se a servi-lo à mesa.

O sub-solo da Moika era um labirinto de compartimentos blindados hermèticamente fechados e que um dispositivo especial permitia inundar em caso de incêndio. As adegas não continham apenas numerosas garrafas de vinho das melhores safras; ali também se guardava a baixela de prata e dos serviços de porcelana reservados às grandes recepções, bem como numerosos objetos de arte que não encontraram lugar disponível nas galerias e nos salões.

No andar térreo estavam os apartamentos de meu pai, dando para o Canal da Moika. Não eram muito bonitos, mas adornados com obras de arte e de bibelôs de alto preço, como bronzes, porcelanas, tabaqueiras etc. A essa época eu não entendia muito de coisas de arte, mas tinha paixão, sem dúvida hereditária pelas pedrarias. Uma das vitrinas continha três estatuetas que muito me agradavam: um Buda talhado num bloco de rubis, uma Vênus em um bloco de safira e um negro de bronze que tinha uma corbelha cheia de pedras preciosas.

CÓPIA DO ALHAMBRA

Ao lado do gabinete de trabalho de meu pai, achava-se uma sala mourisca que dava para o jardim. Esta sala tôda de mosaico era a reprodução exata de um quarto do Alhambra. Colunas de mármore contornavam uma fonte central; divãs recobertos de estofos persas eram colocados ao longo das paredes. Êste aposento muito me agradava pelo seu aspecto oriental e voluptuoso; nêle eu gostava de entregar-me a meus sonhos e devaneios. Na ausência de meu pai eu organizava ali quadros vivos. Eu imaginava orientais todos os nossos servidores e me trajava, eu mesmo, como um sultão. Sentado sôbre um divã, adornado com os berloques de minha mãe, eu me imaginava como um sátrapa cercado de seus escravos. Um dia inventei uma cena que representava a aplicação de castigos a um escravo desobediente, servindo para isso um de nossos servos árabes, de nome Ali. O pobre, prosternado, rogava perdão. No momento justo em que eu erguia o braço para punir o culpado, a porta se abriu e apareceu meu pai. Insensível ao meu talento de diretor teatral, êle avança para mim tomado de grande indignação:

— «Retire-se imediatamente!» — grita-me. E então, sátrapa e escravos tiveram que fugir num abrir e fechar de olhos. Daquele dia em diante a bela sala mourisca me foi interditada.

O verdadeiro coração da casa era o apartamento de minha mãe. Era êle como um reflexo de sua fina personalidade, o prolongamento de sua beleza e de sua graça. Em sua alcova de dormir, forrada de damasco azul, o mobiliário era de «bois de rose», decorado com fino gôsto, todo marchetado. Longas vitrinas continham colares e adereços. Em dias de recepção as portas ficavam abertas e os convivas podiam ir ver e admirar as esplêndidas jóias de minha mãe. Êste quarto encerrava um mistério: algumas vêzes se ouvia ali uma voz de mulher a chamar cada um por seu nome. Meu pai e eu mesmo já havíamos ouvido, por várias vêzes, êsses chamados misteriosos. As criadas de quarto acorriam ao chamado e voltavam assombradas por não haverem encontrado ninguém.

Os móveis do salão menor tinham pertencido a Maria Antonieta. Pinturas de Boucher, Fragonard, Vatteau, Hubert Robert e Greuze, ornamentavam as paredes. O lustre de cristal de rocha provinha do toucador da marquesa de Pompadour. Os mais deslumbrantes «bibelots» estavam esparsos sôbre as mesas e nas vitrinas. Tabaqueiras de ouro e esmalte; cinzeiros de ametista, de topázio, de jade, objetos de ouro encrustados de pedrarias. Era nesse compartimento sempre cheio de flores que minha mãe permanecia habitualmente. Quando ela estava sòzinha, à noite, meu irmão e eu íamos jantar em sua companhia. Mas, quando meu pai estava em casa, uma de suas fantasias era de mudar constantemente de sala de jantar. Quase que diàriamente jantávamos numa nova sala de refeições, o que complicava singularmente o trabalho doméstico.

Todos os anos minha tia Lazareff vinha passar alguns meses de inverno conosco em S. Petersburgo. Vinha sempre acompanhada de seus filhos, Michel, Wladimir e Irene; o segundo regulava, mais ou menos, a minha idade. Já tive ocasião de falar de meu primo Wladimir, cúmplice e companheiro de minhas peraltices. A última em que nos metemos resultou numa separação por vários anos.

Devíamos ter doze para treze anos, quando, numa noite, na ausência de nossos pais, imaginamos sair a passeio vestidos de mulher. O guarda-roupa de mamãe nos forneceu tudo o de que precisávamos para o bom êxito de tão belo projeto. Logo que nos travestimos com adornos de jóias e nos metemos em peles de veludo muito compridas para nós, descemos por uma escada de serviço e fomos acordar a penteadeira de minha mãe, que aceitou o pretexto de um baile de máscaras e nos emprestou as cabeleiras postiças.

Assim disfarçados percorremos a cidade. Na Perspectiva Nevsky, zona de tôda a prostituição de S. Petersburgo, não tardamos a nos fazer notados. Para desembaraçarmos de alguém que se aproximava com seus convites, respondíamos em francês: «Estamos comprometidas», e prosseguíamos dignamente o nosso caminho. A fim de escaparmos definitivamente, entramos no restaurante «Ours», o estabelecimento da moda. Sem pensar em deixar nossas peles no vestuário, tomamos uma das mesas e pedimos ceia. Ali dentro fazia um calor atroz e nós nos derretíamos sob as peles. Em virtude disso todo mundo nos olhava com a mais natural curiosidade.

Oficiais do exército nos mandaram bilhetinhos convidando-nos a cear com êles em compartimentos privados. O champanha começou a subir-me à cabeça. Tirando meus colares de pérolas fiz dêles um laço e me divertia a lançá-los à cabeça das pessoas que estavam à mesa vizinha. Como era fatal, numa dessas vêzes o fio se quebrou e as pérolas se espalharam sôbre o soalho entre as gargalhadas da assistência. Inquietos por nos sentir objeto de todos os olhares, julgamos prudente darmos o fora. Depois de recuperarmos a maior parte das pérolas, já íamos perto da porta de saída, quando o gerente veio reclamar o pagamento da conta. Como estávamos sem um tostão, foi preciso falar ao proprietário e confessar-lhe tôda a nossa malandragem. O bom homem se mostrou cheio de indulgência. Muito se divertiu com a nossa aventura e nos arranjou mesmo recursos para tomarmos um carro. Ao chegarmos à Moika, encontramos tôdas as portas fechadas. Pela janela eu chamei o meu fiel Ivan, que riu até as lágrimas ao ver-nos assim fantasiados. Mas, no dia seguinte as coisas se complicaram, pois o dono do restaurante mandou a meu pai o restante das pérolas encontradas no salão e... a conta da ceia!

Wladimir e eu fomos encerrados durante dez dias com proibição de sairmos. Pouco tempo depois minha tia nos deixa, leva seus meninos, passam-se vários anos antes que eu revisse meu primo.

A HOSPITALIDADE MOSCOVITA

Quem vem a Moscou por alguns dias, ficará por todo o resto da vida. Eu preferia Moscou a São Petersburgo. Os moscovitas, tendo pouco sofrido a influência estrangeira, permaneciam fundamentalmente russos. Moscou era a verdadeira capital da Rússia dos tsares.

As velhas famílias aristocráticas levaram a mesma vida patriarcal, tanto em suas belas casas da cidade, como em suas residências de verão dos arredores. Muito compenetradas das antigas tradições, tinham pouco contato com S. Petersburgo, que julgavam muito cosmopolita.

Os ricos comerciantes que eram todos de origem camponesa formavam em Moscou uma classe à parte. Muitos dentre êles usavam ainda a blusa russa, grandes calças e grandes botas, enquanto suas mulheres se vestiam com modelos dos melhores costureiros parisienses, exibiam belas jóias e rivalizavam, em elegância, com as grandes damas de São Petersburgo.

As casas moscovitas estavam abertas a todos. As visitas eram diretamente introduzidas na sala de refeições, onde sempre havia uma mesa cheia de «zakouskis» e garrafas de variadas espécies de «vodka». A qualquer hora, era-se obrigado a comer e a beber.

(Continua no próximo número)

Ilustração de RAMON

Tradução de RENATO DE ALENCAR



ÁTILA — O FLAGELO DE DEUS

CONTAVA Honória 16 anos e era uma linda donzela muito sensível aos impulsos do coração. Irmã do Imperador Valentiniano III, do ocidente, foi obrigada a levar uma vida de reclusão monástica, depois de haver provocado um grande escândalo na côrte de Ravena, com a descoberta de seu romance secreto com o mordomo-mor. Depois de alguns anos na côrte de Bibâncio, para onde fôra enviada como pecadora, com obrigação de observar certos deveres de castidade, a jovem, não mais resistindo, resolveu tomar uma resolução extrema. Chamou um seu servo de confiança e confiou-lhe um maço de cartas para ser entregue ao imperador dos hunos, o grande e temível Átila.

Tendo recebido a estranha correspondência, que trazia também um anel como penhor de núpcias, o rei oriental, que possuía cêrca de 200 espôsas, estava quase resolvido a secundar os desejos da jovem, quando, supersticioso, viu naquele anel uma insídia ou um malefício; incontinenti devolveu a proposta de Honória.

Sôbre Átila os historiadores divergem, traçando as mais diversas opiniões. Desde o célebre epíteto «flagelo de Deus», que indica um príncipe enérgico, até o de guerreiro virtuoso e magnânimo. De fato, em sua vida não faltam episódios que contrastam com sua terrível fama.

A invasão da Europa realizada por Átila, há quinze séculos atrás, terá sido causadora a linda irmã de Valentiniano? O rei dos hunos cobiçava os tesouros de Bizâncio. Precisava atacar o ocidente por Ravena. A causa da guerra seria então o anel de Honória. Átila protestou contra o tratamento dado a Honória e a reclamava por espôsa. Vendo-se preterido, decidiu invadir a Europa, prêsa formidável para os seus espólios de guerra. A sua campanha no ocidente foi fulminante. O saque e depredações foram os meios empregados para intimidar as populações que ousassem resistir.

Átila iniciou a sua campanha em janeiro do ano 451, à frente de 700.000 homens, às margens do Reno. Transposto o rio, submeteu as populações ribeirinhas, que se lhe opuseram. Importante foi o caso da cidade de Troyes. A cidade estava bem fortificada com tôdas as portas fechadas. No instante em que Átila se dispunha a quebrar a resistência de Troyes, sai ao seu encontro o bispo carregando uma pequena cruz.

«Que quer?» perguntou Átila que, diante da cruz, experimentara uma perturbação estranha.

«Suplico-lhe» — respondeu o bispo — «para que não cause dano à minha diocese.»

«Como se chama?»

«Lôbo.»

Êste nome fêz despertar em Átila o antigo espírito totêmico: a sua natureza asiática ficou perturbada.

«Lôbo» — exclamou, depois de uma pausa — «volte para onde está o seu povo. Não molestarei a sua diocese.»

Transposto o Reno, voltou o terrível chefe dos hunos a atacar a Itália, em 452. Depois de várias campanhas vitoriosas na península, decidiu-se a enfrentar a cidade de Roma. Neste momento a opinião dos chefes bárbaros não combinava. Alguns eram pela invasão da cidade, outros viam no fato uma temeridade, uma vez que, diziam, «Roma é defendida por fôrças sobrenaturais», e faziam alusões a Alárico que, depois de ter conquistado a cidade, falecera de uma morte misteriosa.

(Continua na pág. 46)



Cartões do «bingo». Mãos femininas, pulsos com jóias e figas para espantar o mau-olhado. Dedos nervosos e um dêles com a pedra da sorte engastada em belo anel, como se pode observar pela fotografia. E o jogador, nervoso, concentra tôda a sua atenção no esperado número.

NO BINGO-MONSTRO

OITO MIL DISPUTAM UM APARTAMENTO

A NOVA VÍSPORA DOMINA A CIDADE ★ CASAS, AUTOMÓVEIS E OUTRAS SEDUÇÕES ★ ASSISTÊNCIAS ESPETACULARES ★ O MAIOR BINGO DE TODOS OS TEMPOS ★ QUASE UM MILHÃO DE CRUZEIROS ★ A POLICIA NÃO QUER LUCRO... UMA CIRCULAR AMEAÇANDO ★ FICAREMOS SEM BINGO

Reportagem de ADALBERTO MENDES

Fotos de ALBERTO FERREIRA

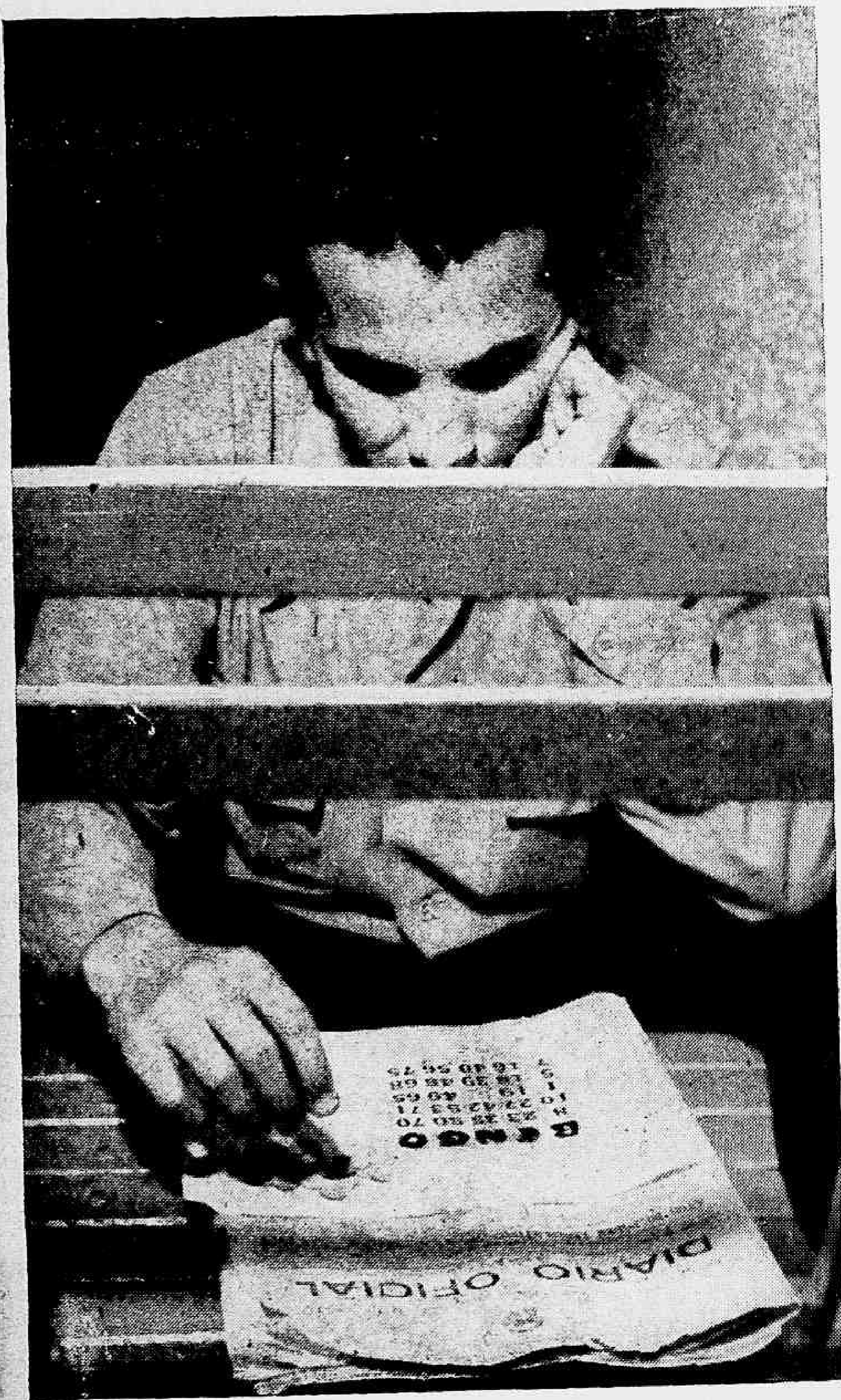
BINGO!... — E o grito reboa pelos salões e pelas quadras iluminadas, marcando entre aclamações de surprêsa, de alegria e decepções o momento culminante do jôgo que se impôs aos hábitos do carioca como um dos mais agradáveis e concorridos passatempos da atualidade. E o Bingo, a princípio sòmente Bingo, agora Bingo-Monstro, que distribui aos felizes acertadores nada menos que apartamentos, automóveis de luxo e uma série valiosa de prêmios, tudo, porém, em objetos de utilidade — nada em dinheiro.

O VISPORA VIROU BINGO

Êsse jôgo, que é praticado em quase todos os clubes sociais do Rio, deriva do víspora ou lôto, tão familiar aos brasileiros. Ninguém sabe ao certo como foi introduzido nos nossos costumes, quem o introduziu e quem o concebeu. Mas a verdade é que pegou de maneira rápida e completa, desbancando totalmente o «buraco», outra modalidade de jôgo que marcou época. O que mais caracteriza o Bingo e o distingue dos outros jogos, é que êle é praticado, podemos dizer que com espírito esportivo, em meio às reuniões sociais das agremiações recreativas, constituindo um motivo de agradável convivência. E qualquer que seja o resultado que os caprichos da sorte possam reservar aos seus participantes, tudo é encarado esportivamente, com bom-humor e cordialidade.

BINGO-DANÇANTE, ETC.

Assim num Bingo-Dançante, num Jantar-Bingo ou simplesmente num Bingo, os lucros, dizem os responsáveis pelos clubes que os promovem, destinam-se a fins louváveis, quais sejam o engrandecimento material das sociedades, a melhoria dos serviços sociais e esportivos, enfim se





Um exemplar do «Diário Oficial» serve de fôrro ao cartão do «bingo». O jogador está meio triste, mas espera que a sorte o proteja. E esta senhorita faz um gesto dramático: segura as madeixas como quem vai arrancá-las, prevendo um final pouco agradável para quem aposta.

transformando em alguma coisa de que todos mais tarde se beneficiarão. E' talvez por isso que o Bingo vingou tão cèleremente nos nossos clubes, que se enchem de uma multidão entusiasta sempre que algum se realiza. Sem que haja indagações sôbre o lucro ou qual venha a ser a sua aplicação.

O MAIOR

Num dêsses bingos, um dos tais Bingos-Monstro, possìvelmente o maior já realizado na Cidade Maravilhosa, a reportagem correu a colhêr impressões, com o intuito de mostrar o que é uma dessas reuniões, que já começam a levantar celeuma na imprensa e mesmo no parlamento. Oito horas da noite e o grande ginásio e várias quadras de tênis do Tijuca Tênis Clube, guarnecidas com numerosas e compridas mesas e bancos à maneira rústica, comportavam multidão superior a cinco mil pessoas. Ambiente puramente familiar e social, o início dos sorteios era aguardado alegremente pelos que adquiriam cartões e tomavam



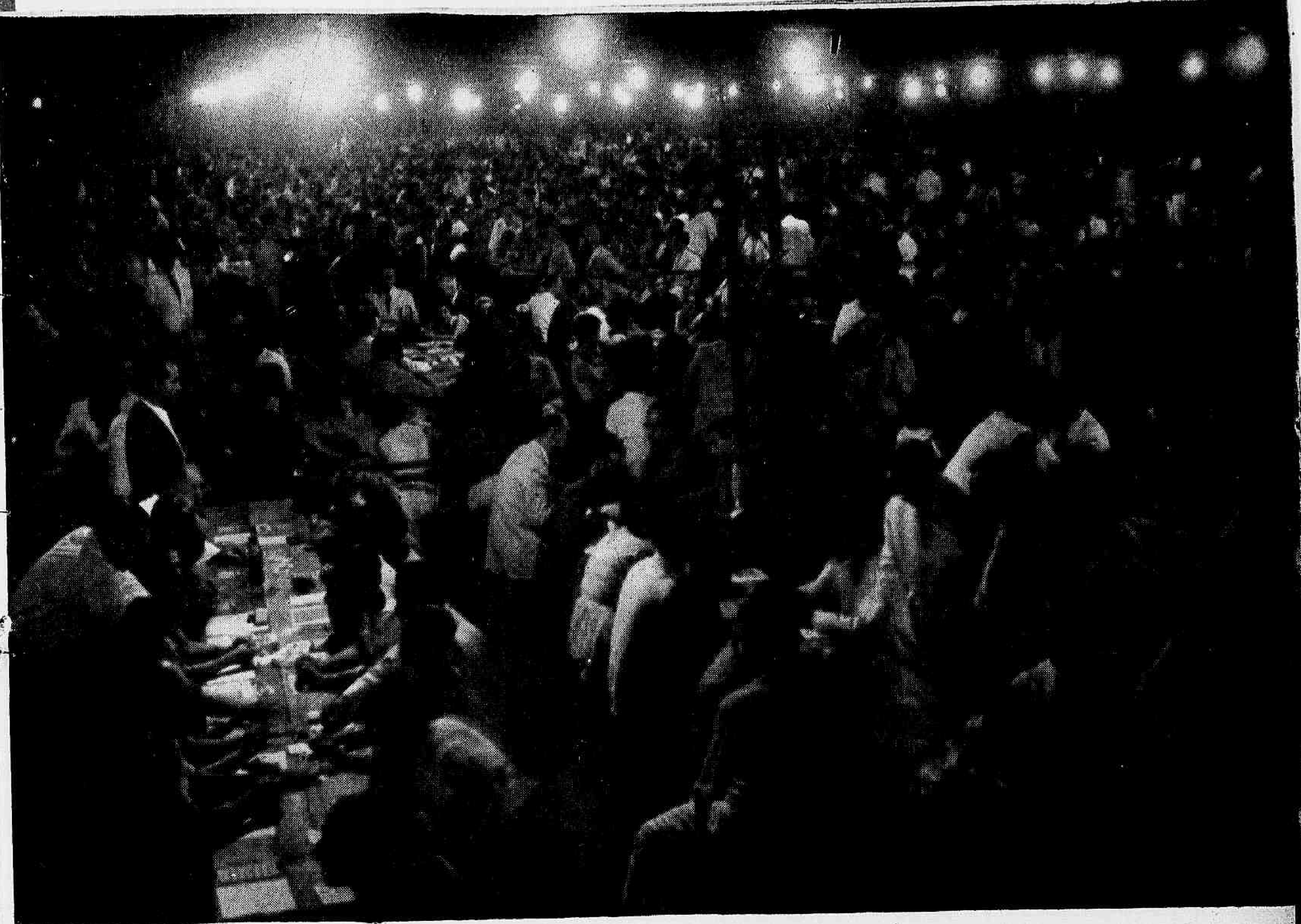
Êstes ganharam um automóvel «Pontiac Catalina», no valor de cento e oitenta mil cruzeiros.



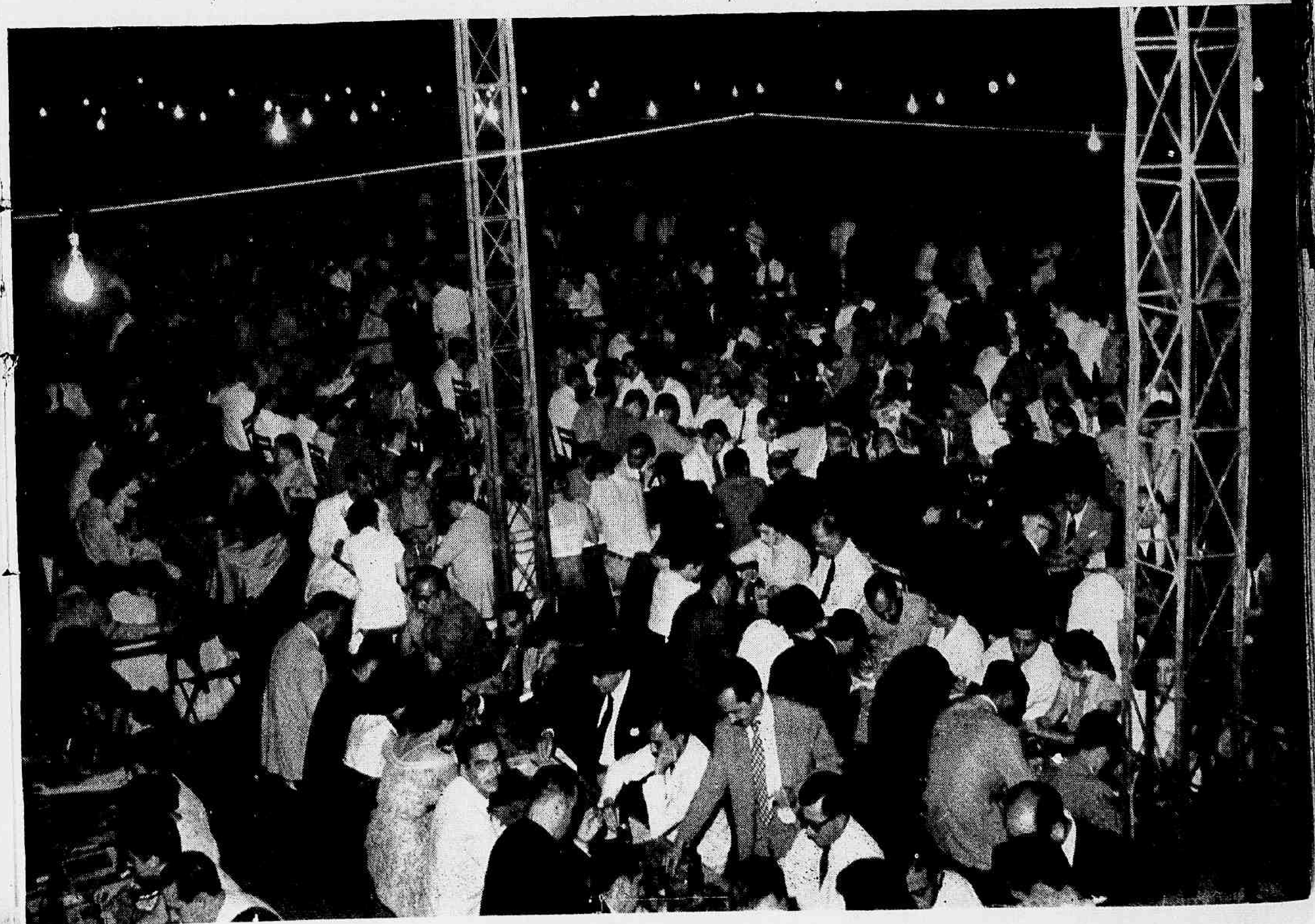
O cavalheiro levantou-se bastante nervoso Ganhou mesmo, ou foi apenas aproximação?



Contemplando a geladeira que ganhou no «bingo». Êste foi um belo prêmio, sem dúvida.



Mais ou menos oito mil pessoas de ambos os sexos, jovens e velhos estão aqui a «bingar» no Tijuca Tênis Clube, a tradicional agremiação esportiva da Rua Conde de Bonfim. O «bingo-monstro», com prêmios vuliosos é a sensação da cidade inteira, e todo mundo vai para o «bingo».

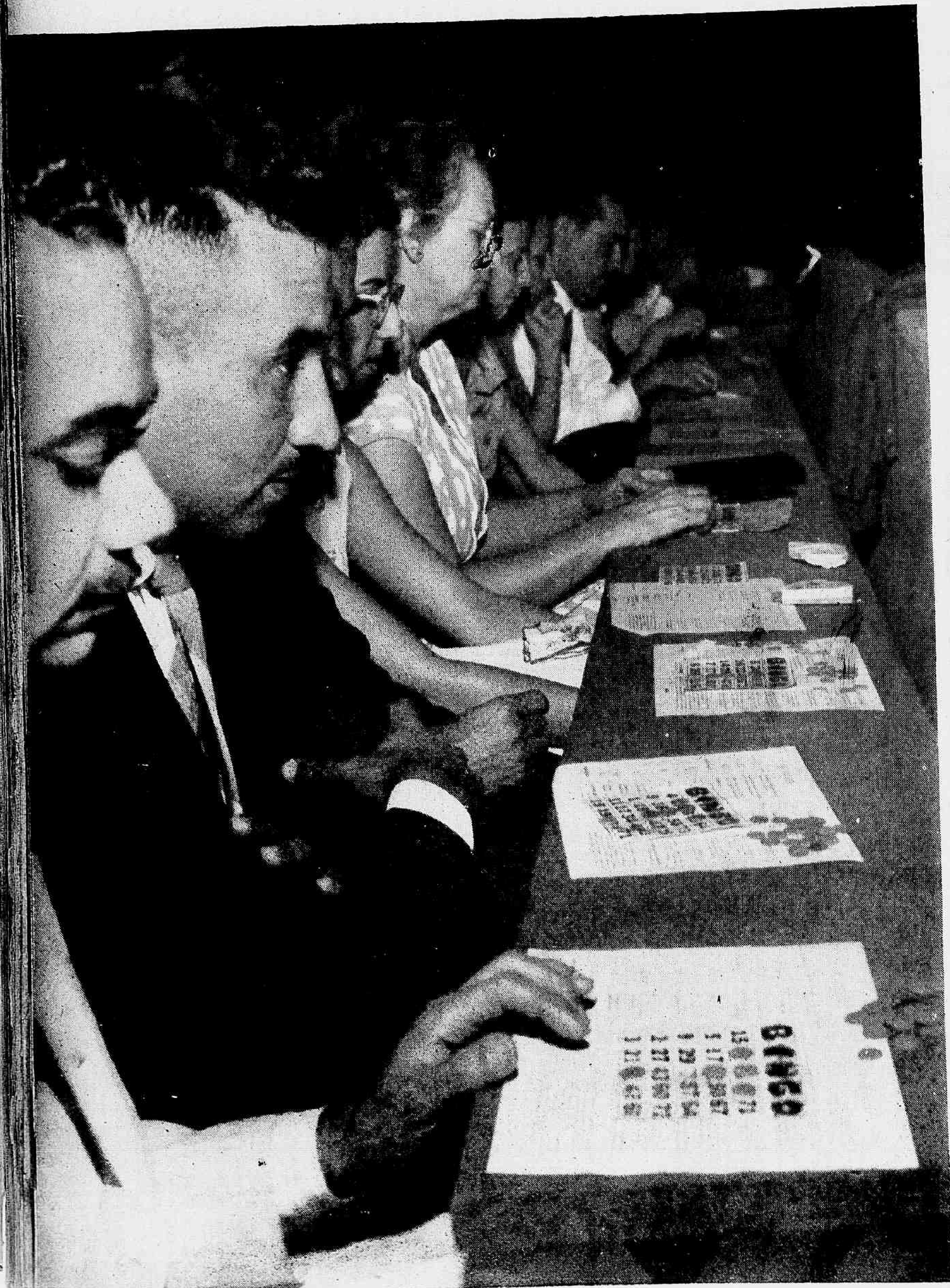


NO BINGO-MONSTRO

lugar. Os grandes prêmios, prèviamente anunciados eram motivo dos mais variados comentários: quem seria o felizardo a abiscoitar o apartamento em Copacabana? Ou aquêle Pontiac-Catalina novinho em fôlha, ali em exposição? Às dez horas, quando o «speaker» começou a cantar os números, um cálculo não exagerado apontava cêrca de oito mil pessoas presentes!

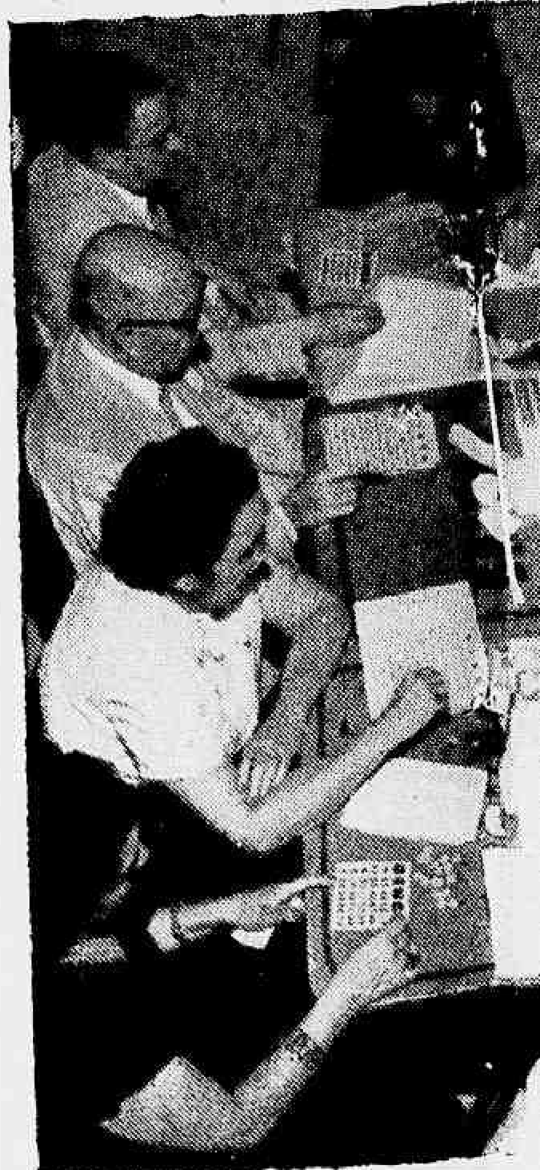
OITO MIL NUM BINGO

Oito mil disputando um apartamento, embora nem todos jogassem, pois muitos eram apenas assistentes e torcidas. Um apartamento e vários outros tentadores prêmios. A presença de oito mil pessoas num Bingo é uma coisa espetacular, atestando a enorme popularidade e o prestígio ímpar que adquiriu o jôgo agora famoso. E sucederam-se, num crescendo de emoção e entusiasmo, as rodadas, umas após outras. Um Bingo em T, outro em C, um em O, o primeiro Bingo-Môsca da noite, e lá saiu o Pontiac-Catalina. E como foram dois os acertadores, resolveram não disputar a primazia do prêmio. Melhor para êles, que logo após venderam o carro pela bagatela de Cr$ 180.000,00, embolsando cada um noventa mil, ali mesmo.





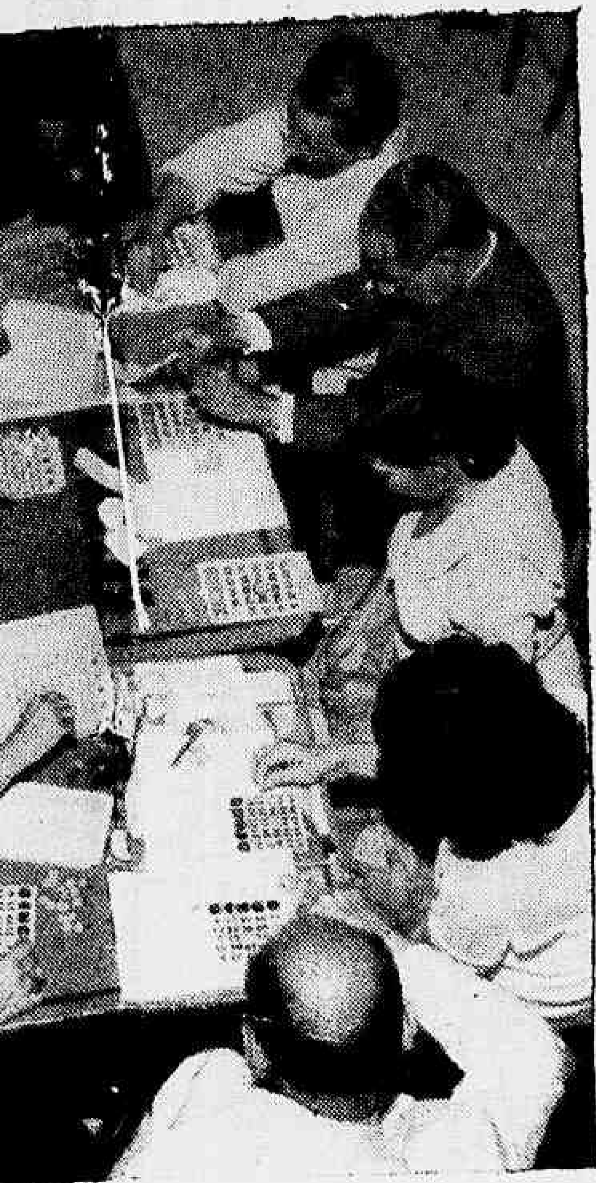
Uma
om



Três mesinhas, dez jogadores
números e completamente al



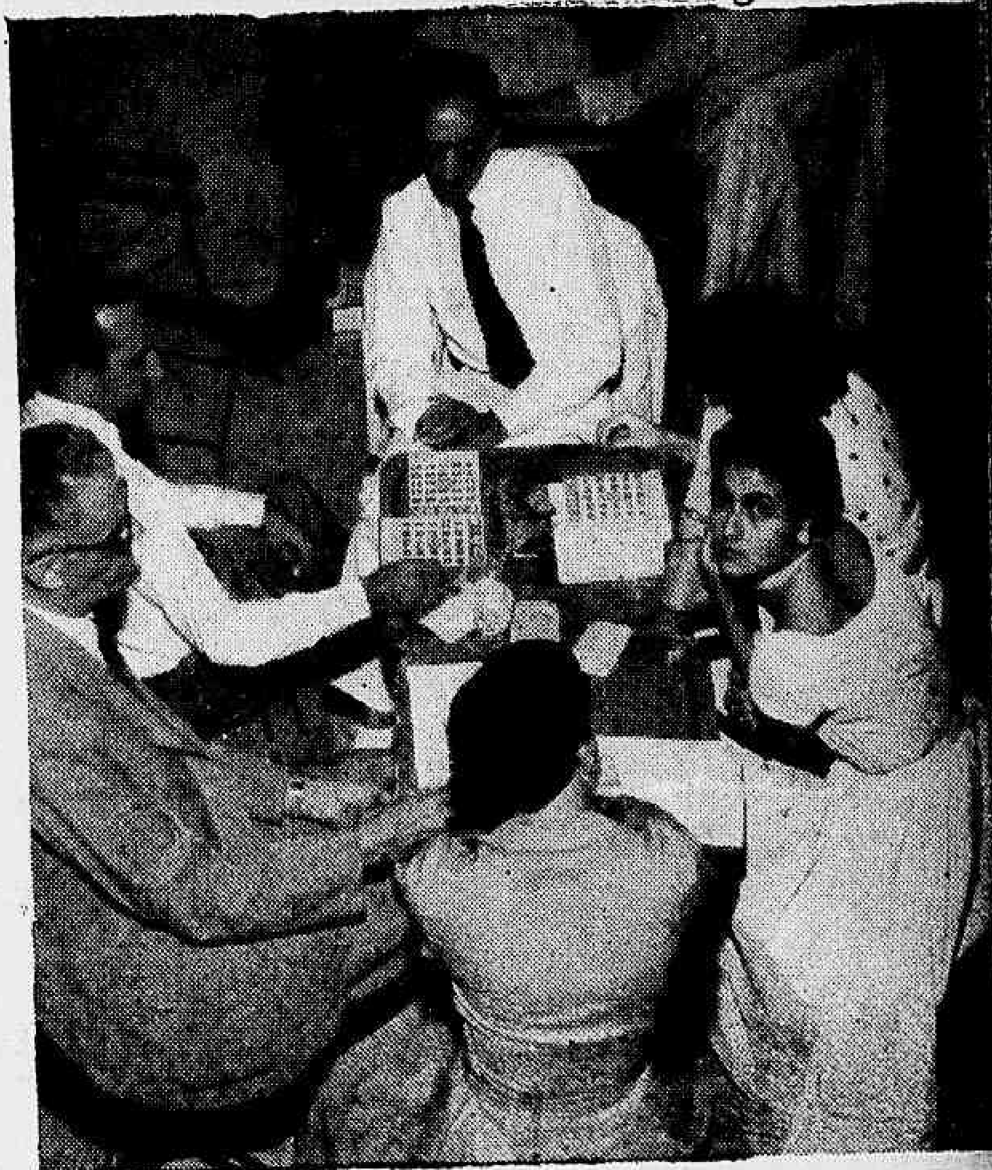
Uma verdadeira festa, êsse tal de «bingo-monstro». Os prêmios distribuídos são os mais vultosos e... vistosos: — apartamento, automóveis de luxo, geladeiras, tudo para ser decidido na bingada de uma noite feliz. E eis aí o resultado: todo mundo joga.



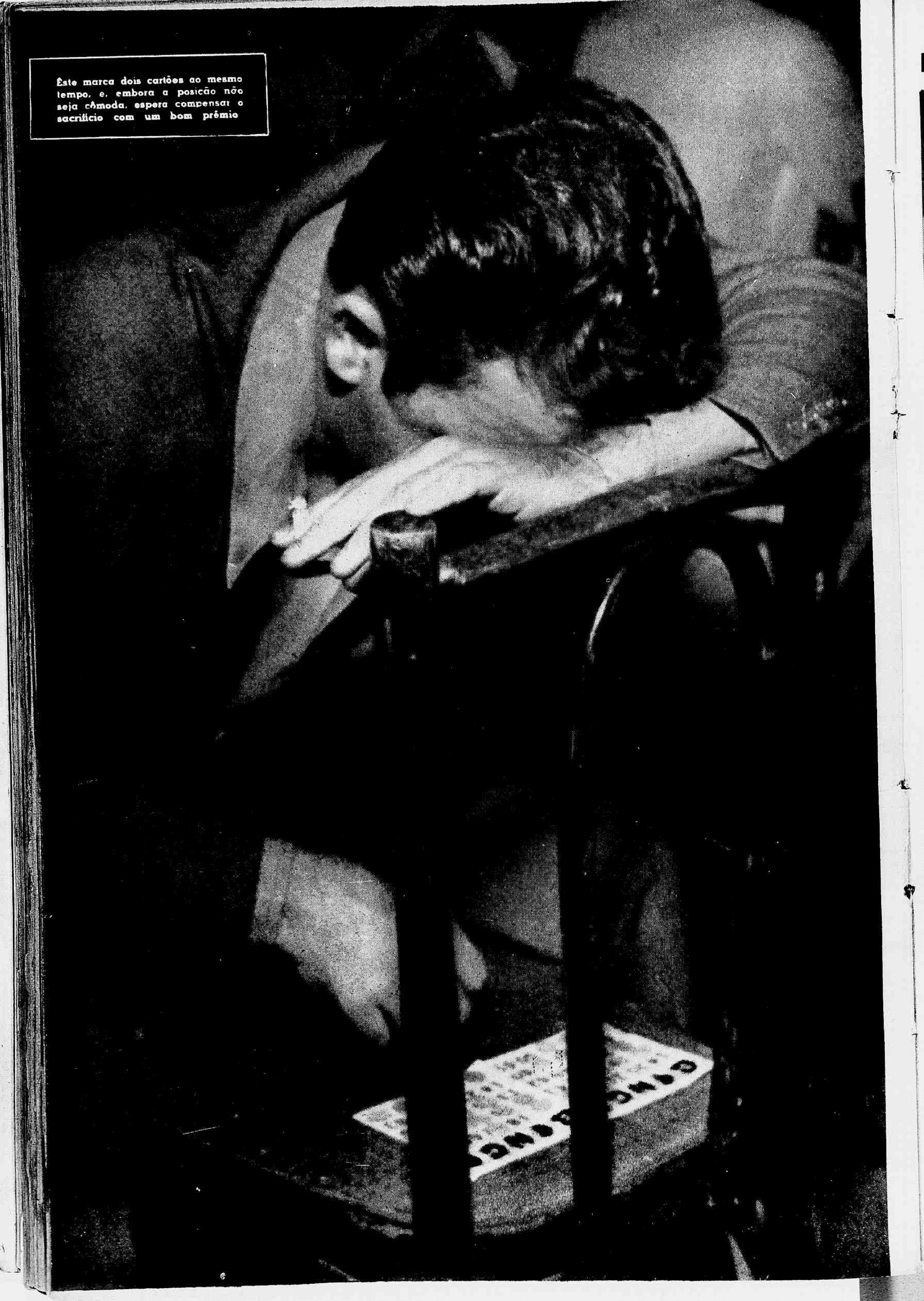
jogadores atentos na chamada dos
amente alheios ao resto. Atenção!



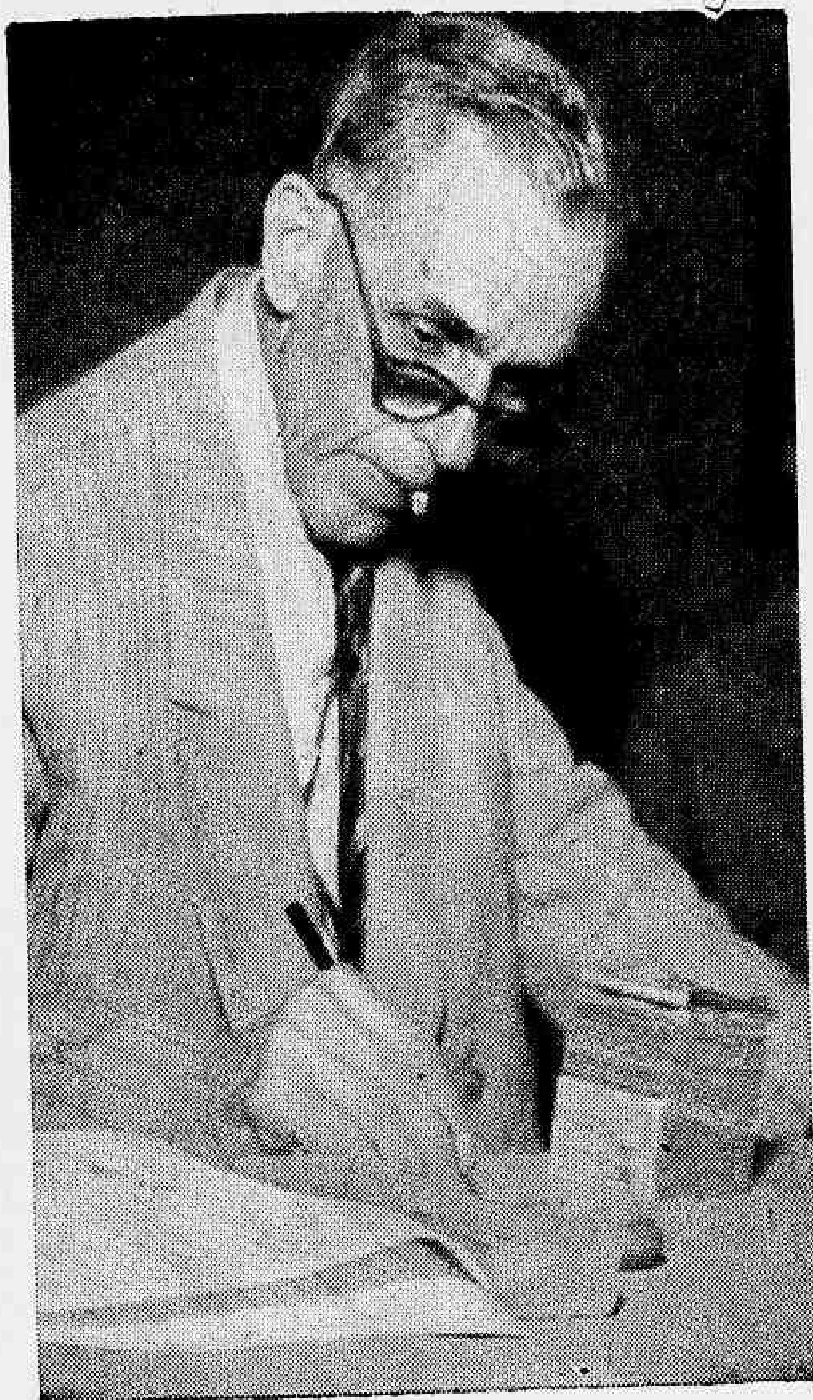
Esta senhora, segundo se depreende de sua atitude, parece que está com bons pressentimentos: — «Vou bater!»



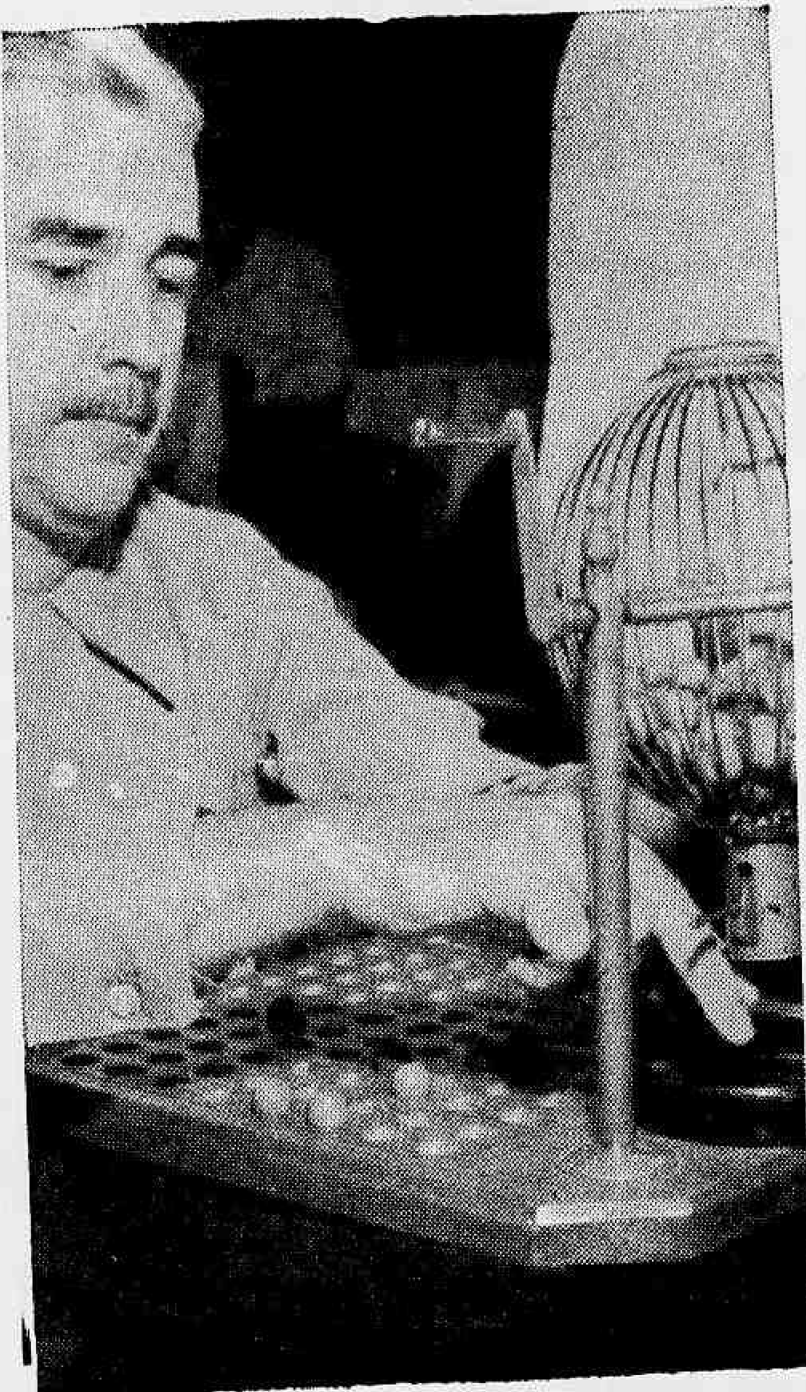
Todos, como se pode observar na foto, estão atentos aos cartões, menos a moreninha, porque não está bingando



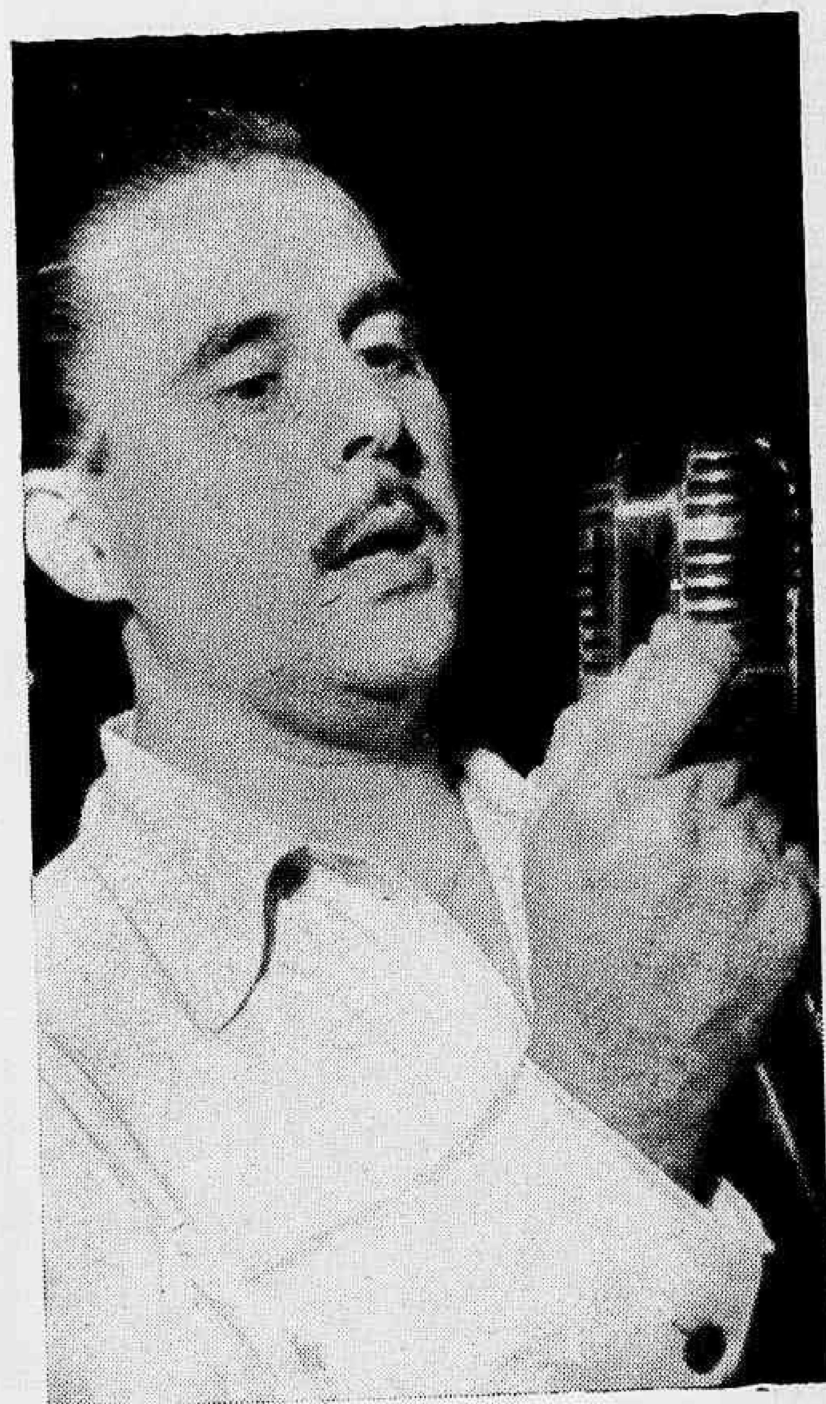
Êste marca dois cartões ao mesmo tempo, e, embora a posição não seja cômoda, espera compensar o sacrifício com um bom prêmio



O «bingo-monstro» movimenta somas consideráveis, como se pode observar pelo monte.



As bolinhas da sorte ou do caiporismo, para os felizes, ou sem sorte. La chance **ou** le guignon.



O locutor vai «cantando» o número das esferas e os jogadores, nervosos, vão marcando.

BATENDO EM FALSO

E agora é um que bate em falso. Não escapa a uma suculenta vaia, voltando decepcionado. E assim se desenrolou a alegre noite do Bingo-Monstro tijucano, de vibração em vibração, até que a sorte contemplou um dos seus participantes com a gratíssima sensação de tornar-se proprietário de um apartamento. Era o encerramento da noitada sensacional, que durou, no entretanto, menos de duas horas.

APARECE O «PRIMO FELIZ»

Dentro do silêncio reinante e em meio à expectativa geral, um grito ecoou. Bingo! O «speaker» anuncia: — bingaram na quadra 1. Tudo está em suspenso. Ninguém desmarca os cartões. Pode haver engano! Pouco depois, sorridente e feliz, apresentava-se o vencedor. Era êle o sr. Acácio Rabelo Lopes, residente à rua Silva e Sousa, 23, Olaria. O cartão foi conferido. Certo. Ganhara um apartamento em Copacabana! Alguém passa e lhe bate no ombro: — Você é que é feliz, primo...

Êle sorri, leve como uma pluma. Pudera! O repórter aproximou-se do ganhador quando êste recebia os cumprimentos do presidente do Tijuca, sr. Hugo Ramos Filho. Estoura o «flash» e uma frase é solicitada. — Ora, diz êle, eu estava precisando mudar-me. Deus sabe o que faz.

BINGO E' CONTRAVENÇÃO?

A enorme assistência retirava-se aos poucos. Terminara o Bingo-Monstro, o Maior, que rendera, segundo o que pudemos apurar, perto de oitocentos e cinqüenta mil cruzeiros, distribuindo prêmios no valor de mais de quinhentos mil, e acarretando despesas de oitenta mil. Deu um bom lucro, portanto. Os responsáveis pelos clubes alegam que o lucro produzido pelos bingos representam uma compensação justa e um auxílio para as suas necessidades. Será aplicado, afirmam os maiorais, em benefício coletivo. Diversas vozes, porém, estão se levantando contra o bingo, e a Polícia, através de uma circular da Delegacia de Costumes e Diversões, quer impedir que os clubes se bene-

(Cont. na pág. 50)

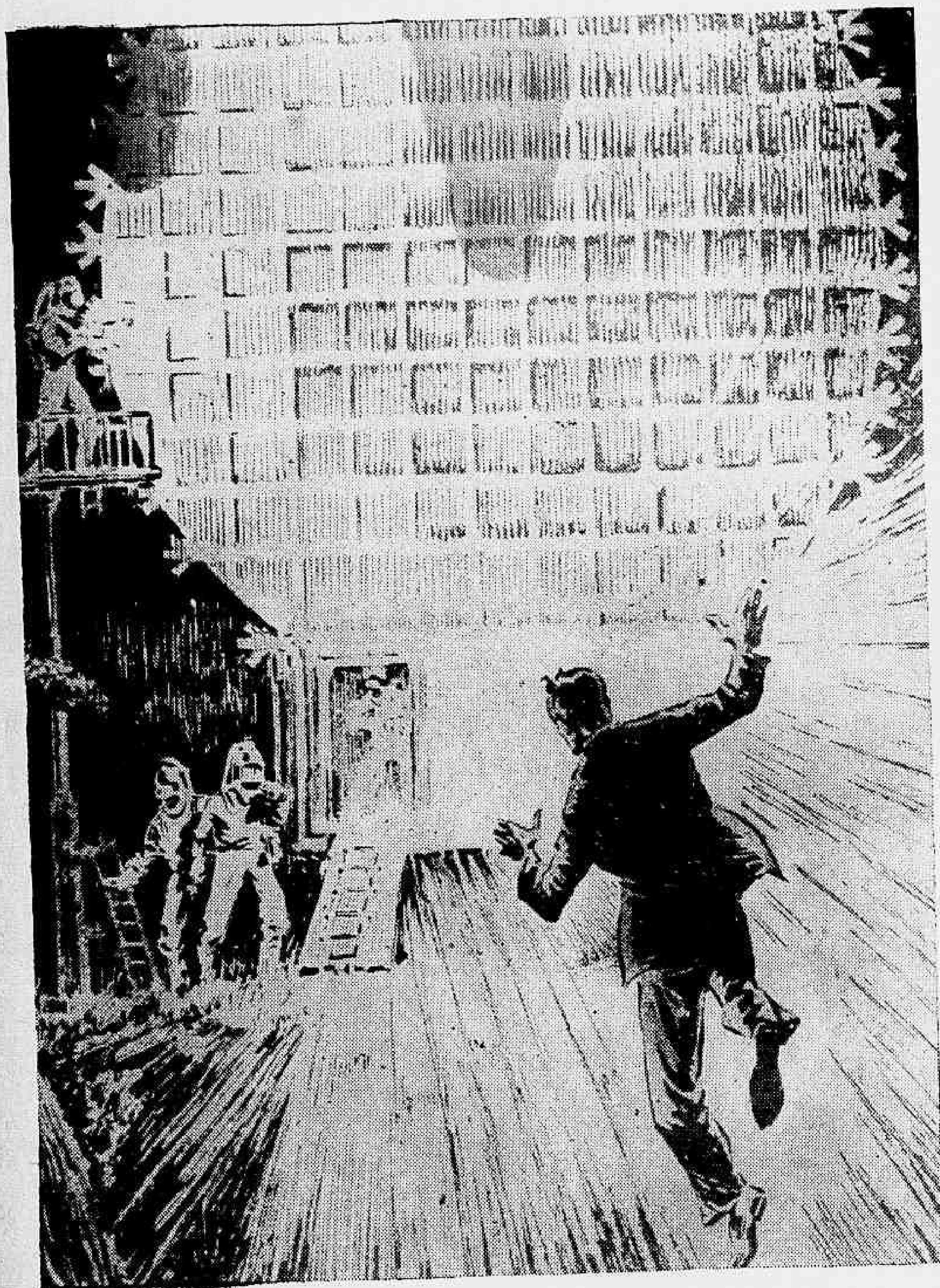


O presidente do Tijuca Tênis Clube apresenta os seus cumprimentos ao felizardo que ganhou o apartamento, em presença do repórter.



Dois belíssimos prêmios, sem sombra de dúvida. No carro da esquerda o ganhador do apartamento marca um cartão de «bingo».

FALEI COM UM DISCO VOADOR!



A ESTRANHA HISTÓRIA DE UM OPERÁRIO ITALIANO QUE AFIRMA HAVER VISTO DE PERTO E FALADO COM OS SEUS TRIPULANTES ★ FACCHINI DEU-LHES BOA-NOITE E ÊLES RESPONDERAM: **GURR!... GURR!...**

GUIDO Capra, numa revista italiana, escreve o relato sensacional do operário italiano que afirma e jura haver visto em terra um disco-voador. E mais, haver falado com seus misteriosos tripulantes.

Em Abbiate Guazzone, antecâmara virente de Tradate, na estrada de Varese, há um homem que falou com os personagens misteriosos dos discos-voadores. Trata-se de Bruno Facchini, um operário de 42 anos, que há 15 anos trabalha num estabelecimento de construções mecânicas. E' casado e tem dois filhos, um com 10 anos, outro com 15. A sua casa, situada em agradável localização, possui uma esplêndida horta. Precisamente numa pequena elevação, que fica ao lado da horta, aconteceu o extraordinário colóquio, na noite de 24 de abril de 1950. Sôbre o estranho fato fêz Facchini uma pormenorizada comunicação à Questura de Varese, que lhe recomendou absoluto silêncio. Sòmente depois de muita insistência, resolveu Bruno prestar as seguintes revelações do grande segrêdo.

Bruno Facchini é um homem de baixa estatura, magro, ex-soldado da Cavalaria da Sabóia. Fala com desenvoltura, sempre gesticulando. Para êle aquêle foi o fato mais importante de tôda sua vida. Segundo Facchini o caso se passou assim:

«Eram mais ou menos dez horas da noite. O temporal havia cessado e a escuridão era mais densa. Nesse momento, saí para tomar novos ares, quando, à porta, vi um estranho clarão. Pensei que houvesse caído um fio de alta-tensão, pois um dêles passa pela minha horta. Decidi-me a ver, de perto, aquêle bonito clarão. Calcei minhas botas de campanha, vesti uma velha túnica militar e dirigi-me para lá. Antes notei que a linha de fios elétricos estava sem nenhuma alteração. E percebi que o tal clarão era semelhante à luz que emana os soldadores quando em ação.»

Facchini faz uma pausa nessa sua sensacional revelação para jurar que tudo aquilo tinha mesmo acontecido. Não estava inventando nem estava bêbado, porquanto nada bebera em sua vida. Tudo aquilo, pois, era simplesmente a pura verdade.

Depois prossegue Facchini a sua interessante narrativa. «No meio do campo, numa distância de 15 metros, vi um enorme objeto redondo, com uma base retangular e uma abertura, também retangular, de onde saía um raio de luz. De lado vi uma abertura como se fôra uma porta. Aquêle enorme objeto podia ter 10 metros. A sua espessura se apertava nas extremidades e tinha uma forma como de um grande prato.

A sua superfície não é lisa, mas tôda ela dividida em quadros com linhas verticais e horizontais, separadas por intervalos regulares. Todo êle está circundado por vários tubos formando uma circunferência. Produzia um rumor como de um cortiço de abelhas. Aproximei-me um pouco e fiquei estupefato: perto havia três homens. Dois estavam junto de uma escadinha e o terceiro em cima de elevador pneumático. Êste, com um soldador, consertava qualquer coisa estragada num dos tubos. A luz do soldador, de quando em quando iluminava aquêle enorme corpo estranho.

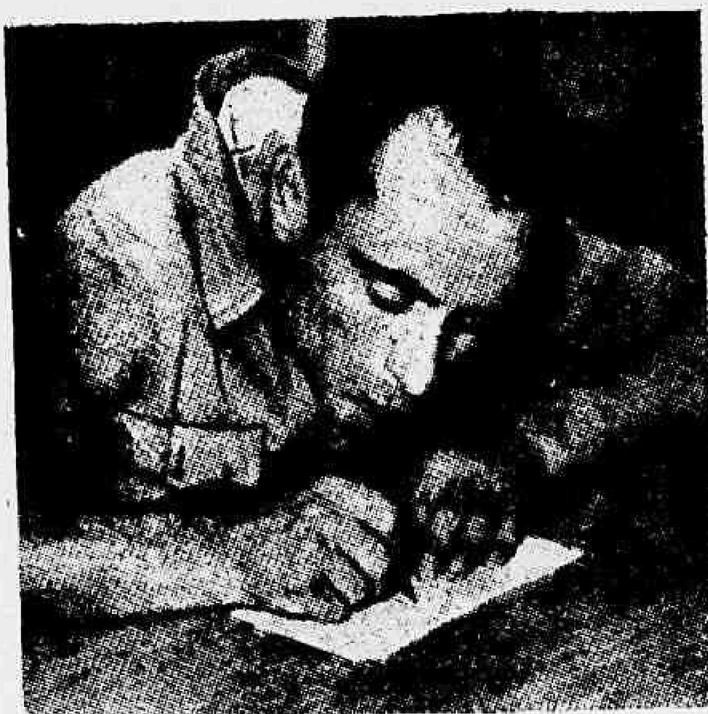
Os três homens vestiam como escafandristas, cobertos da cabeça aos pés. Semelhantes aos mergulhadores, tinham uma abertura na altura do rosto. Por causa da escuridão não consegui distinguir a que raça pertenciam. Logo que vi os homens, criei coragem e mais me aproximei. Pensei que fôsse um aparelho militar que houvesse sofrido qualquer avaria. Bem perto pude observar uma fila de garrafas, como aquelas de oxigênio, juntas e com uma formação de manômetros por cima. Vi dentro uma escadinha que comunicava com a parte superior do aparelho.

Quando cheguei a 4 ou 5 metros dos três desconhecidos dirigi-me a êles: «Boa-noite, posso ajudá-los em alguma coisa?» — Ao rumor de minha voz voltaram-se bruscamente para mim. Falaram e gesticularam entre si. Moviam-se lentamente como se aquêle roupão de escafandro os tolhesse. Olharam-se com indisfarçável inquietação e de suas palavras sòmente me recordo de uma só: «Gurr!... gurr!». A título de curiosidade devo acrescentar que tive um colega da Savóia que estêve no Don e me dizia que os russos quando queriam mandar embora os importunos, ou também os animais, pronunciavam a expressão: «Gurr...»

Nesse instante, tive mêdo e fugi. Apenas dei uns dez passos quando, voltando-me, vi um daqueles homens apontar-me uma espécie de máquina fotográfica, que trazia ao pescoço e, apertando um botão, lançou-me um golpe de luz que me fêz precipitar a uns dez metros de distância. Quando me levantei, vi que o misterioso aparelho se tinha tornado escuro e qual um projetil perdeu-se no infinito. Apenas um grande «chiaf», como o respiro de um gigantesco animal.

No dia seguinte, pela manhã, voltei ao lugar e só encontrei um pedaço do misterioso aparelho, justamente uma parte estragada que eu vira ser consertada por um dos desconhecidos. Não havia nenhum sinal na terra.»

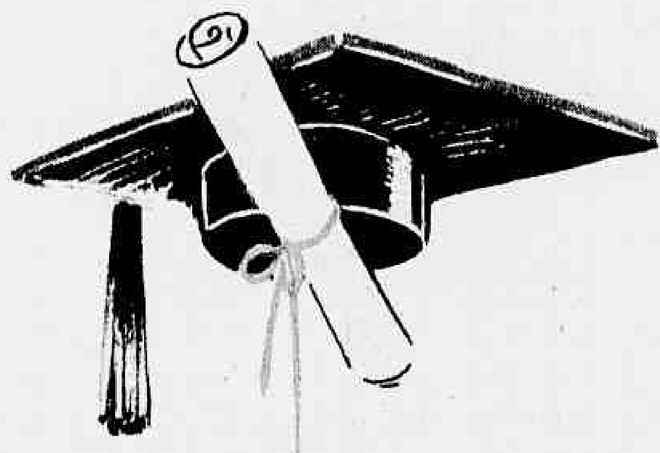
E aqui termina a narração extraordinária de Bruno Facchini.







Bruno Facchini causou sensação na Itália quando afirmou que achara êste pedaço de um disco-voador, e que falara aos seus tripulantes no dia anterior. Bom mecânico e desenhista, esboçou o aparelho exatamente como o vira, e exibiu o fragmento do misterioso disco, para que ninguém duvidasse. E o homem fica nervoso!



Para as festas de formatura...
Para os "reveillons" de fim de ano...

confeccione as suas "toilettes" com os maravilhosos tecidos que lhe oferecem as duas Lojas da

Casa das Novidades

Agora também em Ipanema, à esquina de Visconde de Pirajá com General Osório

Em ambas as Lojas uma completa seção para crianças

Importação direta
Padrões exclusivos



Casa das Novidades



Av. N. S. Copacabana, 611
Telefones: 37-7122 e 37-7088

Rua Visconde de Pirajá, 118-122
(esquina de General Osório)





Modêlo com decote quadrangular
a saia com folga
dada por plissados embutidos.
Cinto largo de côr
com barbatanas
bolero de manga japonêsa.

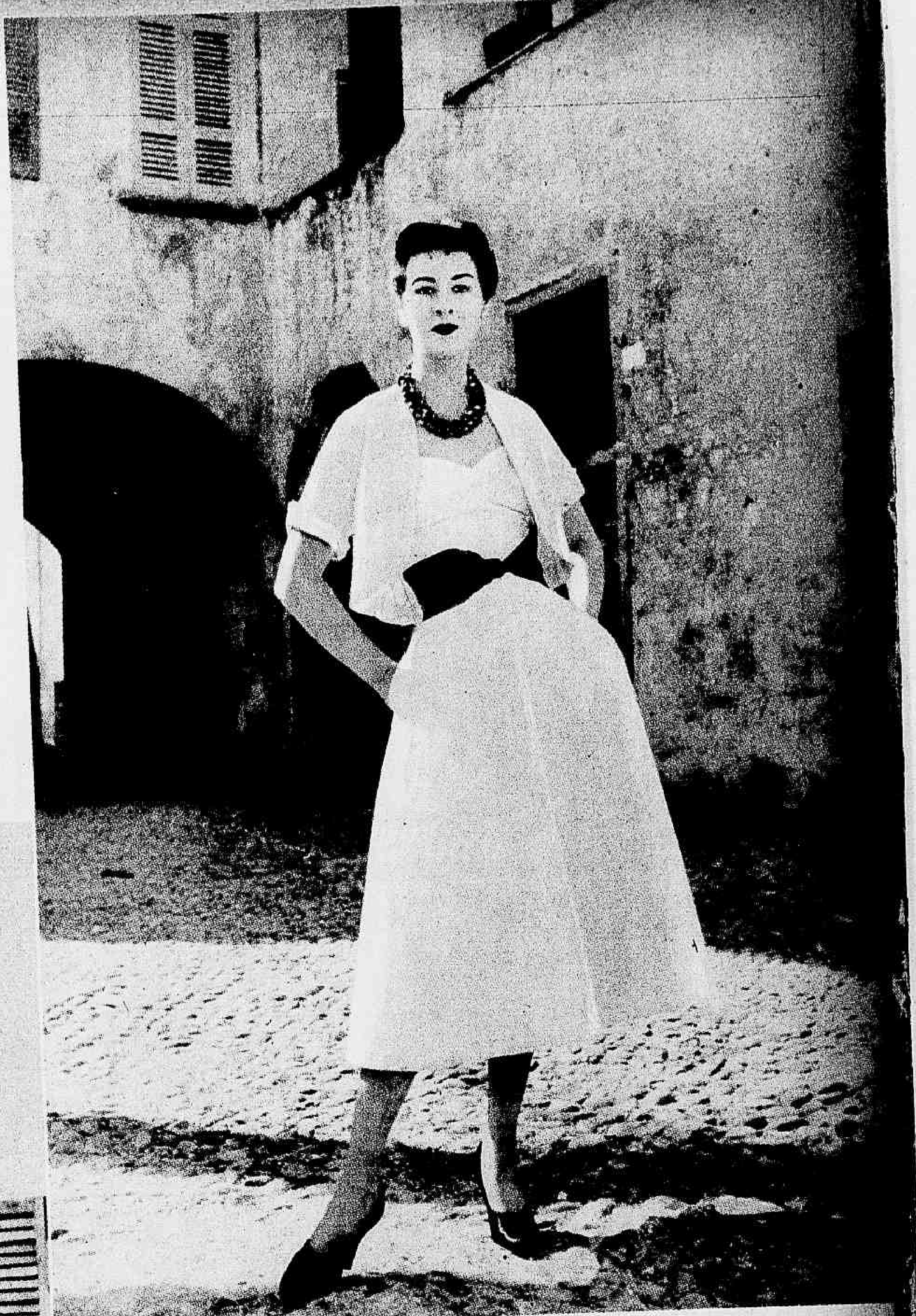


Vestido chemisier
em shantung pregueado
de alto a baixo.



VESTIDOS COM BOLERO

*Encantador vestido de alças
em linho amarelo.
Bolero muito aberto,
deixando ver
o cinto elástico
em listras
de colorido variado.*







PRÊTO e BRANCO

Conjunto em organza: o vestido em pois menores e a redingote em grandes pois. Modêlo de organza estampada de prêto, formando moiré, com cinto aplicado de faille prêto.



A VIDA de NOEL ROSA

Contada por ALMIRANTE



CAPÍTULO VI

PRINCÍPIO DO RÁDIO ENTRE NÓS ★ IRRADIAÇÕES INTERCALADAS ★ OS SÓCIOS E O FUNDO DE BROADCASTING ★ FRASE DA ÉPOCA ★ O CINEMA ELDORADO ★ TERNO EXTRAVAGANTE ★ O "ANÃO" DO BANDO ★ SAPATO ARTISTA DE PALCO

EM 1931, Noel Rosa já era figura popular no Rio de Janeiro. Duas produções musicais bastaram para o elevar a tal posição: «Eu vou prá Vila», e «Com que Roupa?». As demais não lhe tinham favorecido nenhuma projeção especial.

A situação de destaque que o «Bando de Tangarás» desfrutava, se por um lado favorecia cada um de seus componentes de per si, por outro provinha do êxito pessoal de cada um dêles. E Noel era dos que mais acrescentavam fama ao apreciado conjunto.

E' bom lembrar que, naqueles tempos, não era ainda o Rádio o nosso principal instrumento de propaganda. A celebridade do conjunto se fizera e se mantinha graças às suas repetidas exibições nas incontáveis festas que se realizavam diàriamente nesta Capital, com os nomes de recitais de arte, tardes-dançantes, noites regionais ou do violão, festivais de caridade, quermesses, benefícios, saraus brasileiros, e outras sob denominações mais atraentes, capazes de atrair as atenções de um público ainda profundamente interessado por tais coisas. Onde houvesse festa de beneficência, lá estava o «Bando de Tangarás» — em clubes, em escolas, em praias, em igrejas, em teatros, em cinemas, em residências particulares.

O Rádio brasileiro dava seus primeiros passos.

Saíra, há muito pouco, do sistema inicial das transmissões intercaladas e só então começava a se aproveitar da possibilidade de se manter à custa da propaganda. Talvez a frase pareça sem sentido a quantos desconheçam os primórdios do nosso Rádio. Vale aqui, por isso, a lembrança de curiosidades do tempo, naquele setor.

★

A 7 de setembro de 1923 se inaugurava a Rádio Sociedade e um ano depois, a 1º de Outubro de 1924, o Rádio Clube do Brasil.

Com o aparecimento dos dois postos emissores, a cidade se transformou em floresta de antenas. Não havia casa que não ostentasse sôbre os telhados, pelos quintais, os mastros altíssimos a sustentar os fios horizontais indispensáveis à captação das ondas hertzianas. Sem a boa antena, de seus 20 metros de extensão, ninguém pensasse reter com eficiência a rudimentar energia dos 1.500 watts da Rádio Sociedade, ou os 500 watts do Rádio Clube...

E havia ainda o problema enervante das galenas, cujo ponto ideal era objeto de pacientes buscas e que a mais ligeira trepidação fazia perder, consumindo os nervos dos abnegados amadores entregues de corpo e alma à sua obsessão, aquilo que se chamou «radiomania» e que mereceu o registro numa cantiga memorável:

A última descoberta
Que fêz sucesso,
Que fêz furor,
Que põe todo o mundo alerta
Para solver os casos de amor...



Paulo Neto, figura popularíssima no meio radiofônico, dono do celebérrimo «Albuquerque», o automóvel-anedota, foi o intermediário das negociações entre o Cine-Teatro «Eldorado» e o «Bando de Tangarás». Cantando, era um dos números de sensação naquela temporada.

Nos primeiros anos de vida, quando nenhum espírito de competição orientava aquêles arrojados empreendimentos, além das pouquíssimas horas que se mantinham no ar, as duas pioneiras acertaram um sistema de irradiações intercaladas, a fim de, principalmente, acomodar os interêsses dos ouvintes, sempre em número crescente. Suas transmissões se faziam em dias alternados. Às segundas, quartas e sextas, funcionava uma delas; às têrças, quintas e sábados, a outra.

E não irradiavam anúncios.

★

Já em 1931, outro era o aspecto da radiofonia entre nós.

Cinco emissoras disputavam as preferências dos ouvintes, nesta ordem de aparição: Rádio Sociedade, Rádio Clube do Brasil, Mayrink Veiga, Philips e Educadora.

Tôdas haviam transposto o estágio inicial de um ano sem propaganda, fixado pelo Departamento de Correios e Telégrafos, e se mantinham à custa de uma publicidade irregular e vacilante.

Para trás iam ficando os tempos em que, para enfrentar suas despesas de manutenção, eram obrigadas a recorrer ao auxílio de «sócios», angariados na massa de ouvintes de boa-vontade, dispostos a pagar a mensalidade de 5$000, sem nada receber, em troca. Longe também iam ficando os tempos em que se viam forçadas a solicitar a cooperação do comércio, cujas casas, mediante módica mensalidade, tinham seus nomes citados na abertura e no encerramento dos períodos de irradiação, como dos que contribuíam para o fundo de «broadcasting» da Emissora.

Não se instituíra ainda o profissionalismo artístico, no Rádio, apesar de já existirem os **cachets**, que variavam de 5 a 30 mil réis. Êste, aliás, só se pagava a celebridades...

Nem por isto, nem pelo reduzido número de artistas que se aventuravam a enfrentar os microfones, os programas de estúdios deixavam de se realizar regularmente,



ELISINHA — Assim era carinhosamente chamada Elisa Coelho, a intérprete máxima das músicas regionais de Haekel Tavares, criadora de «No Rancho Fundo», encheu de encanto as apresentações dos «Tangarás», no Eldorado.

que se considerava règiamente pago só com a certeza de que seu nome, vibrando no éter, estava sendo ouvido simultâneamente em Copacabana e em Cascadura...

Em 1931, o Cinema Eldorado, da firma Ponce & Irmão, iniciava uma série de espetáculos conjugados de tela e palco, apresentando as maiores notabilidades musicais nossas e de fora.

A 1º de Agôsto daquele ano, o «Bando de Tangarás» participava, com destaque, de um grande recital oferecido pela Fábrica de Discos Parlofon, no demolido Teatro Beira-Mar Cassino. Entre os assistentes se achava Generoso Ponce, arguto empresário do Eldorado, sempre à cata

Restando ainde três dos legítimos «Tangarás», foi possível usar-se o nome consagrado tornando-se, todavia, necessário um esfôrço para o grupo desfalcado. Às pressas, porque deveríamos estrear na segunda-feira imediata, dia 3, arrebanhamos Jaci Pereira («Gorgulho»), Helvécio Barros e Hélio, irmão de Noel, todos excelentes violonistas.

Para números complementares, contávamos com o Paulo Neto e Elisa Coelho. Paulo Neto, apresentado como o autor da «Diva» (velha chótis cuja história daria um livro) era anunciado como o anão da «troupe», causando enorme hilaridade quando surgia em palco, com seus dois metros e pouco de altura, para cantar a paródia da «Eterna Canção»», obra de Lamartine Babo:



NOEL SOLDADO — Noel Rosa cumpriu seu dever de patriota, fazendo o serviço militar e recebendo instrução no «Tiro de Guerra número 2». Aqui o vemos, orgulhosamente, envergando a farda de componente do «Tiro».

em tôdas as Emissoras. E' que aquêle punhado de intérpretes se revezava ativamente, percorrendo, cada noite, os vários estúdios, figurando em tôdas as audições, apresentados por uma frase que marcou época na radiofonia carioca:

— De passagem pelos nossos estúdios... — e seguia-se o nome do desinteressado artista amador,

de números de atração para sua casa da Avenida. Entusiasmado com o êxito do conjunto, encetou, na mesma noite, as negociações para que nos exibíssemos em seu cine-teatro. Foram demoradas as demarches porque logo se fizeram pesar as convenções de família e os escrúpulos contra o profissionalismo. Por isso, Alvinho e «João de Barro» recusaram a proposta.

Passo pela Pascoal, que cheiro de [pastéis!
Sinto logo vontade de comer uns [dez!
Mas tenho no bôlso apenas três [tostões!
E moro em Botafogo, no Largo dos [Leões...

Da indicação final — no Largo dos Leões — participava tôda a platéia, aos berros, num «ad libitum» interminável, que contagiava os mais indiferentes. Depois, a graça continuava na exclusiva gesticulação do intérprete que, ao cantar a estrofe original de Júlio Dantas, apontava, ostensivamente, para o chão, ao falar em céu, para cima, ao citar o mar, punha a



O CINE-TEATRO ELDORADO — O antigo Central, localizado na Avenida Rio Branco, nos anos de 1931 e 1932, sob a direção dos Irmãos Ponce, animava os artistas de variedade e de Rádio. Ali trabalharam, entre muitos outros, Chico Alves, Carmen Miranda e o «Bando de Tangarás».

mão em concha, nos ouvidos, ao dizer o «só te vejo...» e em pala, sôbre os olhos, no final «só te escuto...».

Olho as nuvens doiradas pelos [ares,
Breves como a ventura que perdi,
Olho estrêlas dos céus,
Ondas dos mares...
E só te vejo a ti...
E só te escuto a ti...

Elisa Coelho, a figura feminina de tais espetáculos, com seu fio de voz tristonho e expressivo, era uma das mais queridas intérpretes da canção popular daqueles tempos. Seu número de atração, há muito se tornara a coqueluche da cidade: — o «Rancho Fundo», de Ari Barroso e Lamartine Babo.

Nos programas impressos, Noel era apresentado como o «autor do «Com que Roupa?», o que o obrigava a repetir o samba de tanto sucesso no Carnaval daquele ano. Cantava, além dêle, o seu originalíssimo «Gago apaixonado», no que era interrompido, de instante a instante, pelas risadas que provocava com sua interpretação aflitiva, entrecortada de soluços, de suspiros e de assobios, próprios de um gago.

★

Deu-se, naquela temporada, um episódio que é mais uma prova de que Noel conservava o espírito alerta para as gaiatices e as irresponsabilidades, e não fôra ainda dominado pelo sentimentalismo que o levou ao sarcasmo dos últimos anos de vida.

Para nos exibirmos em palco, nós que não possuíamos traje a rigor, nem pensávamos adotar roupagens típicas, combinamos usar roupa escura, estabelecendo, assim, a uniformidade na apresentação. A sugestão foi seguida por todos — menos pelo Noel.

Seu único terno apresentável, era aquêle mesmo que usava, invariàvelmente, de dia e de noite: um de vistosas listras cinzentas, verticais, de dois dedos de largo, umas escuras, outras claras, enfim, legítimo padrão de colchoaria. Calçava sapatos fantasia, marron e branco, sendo que o branco andava na iminência de se confundir com o marron, por falta absoluta de alvaiade.

Para cantar, acompanhando-se ao violão, sentava-se bem à frente, (não se usava microfone) junto das luzes da ribalta que, dessa maneira, se projetavam diretamente sôbre o sapato mantido no ar no cruzamento da perna direita sôbre a esquerda.

Recomendei, então, a Noel, duas providências urgentes: — que conseguisse, a todo custo, um terno escuro, e mandasse limpar os sapatos.

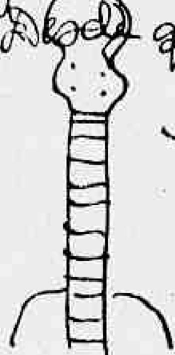
No dia seguinte, faltando uns cinco minutos para ser aberto o pano, Noel não havia chegado. Comecei a ficar aflito. Afinal, soou a hora de iniciar-se o espetáculo e não tive outro remédio senão

O violão meu amigo e conselheiro
Que sempre partilhou de minha dor
Na serenata sempre foi bom companheiro
Numa modinha, o meu melhor inspirador,

Nem bandolim nem violino bem tocado
Nem mesmo um cavaquinho em boa mão
Me fizeram tanto ficar tão inspirado
Quando fiquei com o som de meu violão

Elle, quem me ditou o canto e a rima
Elles, quem a vibrar se acostumou
Soluça no bordão, geme na rima...

É elle quem me anima e me seduz.
Juro deixar o mundo alegremente,
Desde que eu tenha um violão por cruz...



Noel M. Rosa

Manuscrito do samba de autoria de Noel Rosa — o poeta de Vila Isabel — «O que é um violão», cuja letra transcrevemos abaixo.

me conformar. Ao sinal da campainha, deveria eu, de cortina fechada, com a platéia às escuras, sair ao proscênio e ali dizer uma fala preparatória. Pouco afeito às luzes de um teatro, meio cego pelo intenso foco enviado diretamente da frente da cabina de projeção de filmes, mal conseguia divisar os espectadores.

Naquela tarde, contudo, já preocupado com a ausência do companheiro, assim que enfrentei o público, entrevi, na primeira fila, o terno de Noel.

Sim. Não havia engano possível. Era o terno de Noel, e, forçosamente, seria êle quem lá se achava sentado, já que não se podia admitir que alguém mais possuísse, nesta cidade, um terno igual...

E' de se calcular minha preocupação. Que teria Noel? Se não pretendia participar do programa, porque se colocava assim, à vista do público que, certamente, haveria de exigir seus números habituais, o que acabaria por criar ali um impasse capaz de fazer perigar o restante do espetáculo.

O QUE É UM VIOLÃO

O violão, meu amigo e conselheiro
Que sempre partilhou de minha dor,
Na serenata sempre foi bom companheiro,
Numa modinha o meu melhor inspirador.

Nem bandolim, nem violino bem tocado,
Nem mesmo um cavaquinho em boa mão,
Me fizeram ficar tão inspirado
Quanto fiquei com o som do meu violão.

Ele, quem me ditou o canto e a rima,
Ele, quem a vibrar se acostumou,
Soluça no bordão, geme na rima...

É êle quem me anima e me seduz.
Juro deixar o mundo alegremente,
Desde que eu tenha um violão por cruz.

Tudo isto fervilhava na minha mente enquanto atropelava as palavras de praxe, findando na infalível «deixa» para que a cortina se abrisse:

— O «Bando de Tangarás».

★

Quando a cortina se bipartiu, lá estavam, enfileirados, cada qual detrás da cadeira que iria ocupar depois, os companheiros do conjunto. E entre êles, Noel Rosa, alinhadíssimo, num terno azul que lhe assentava como uma luva. Fiquei estupefato.

No transcurso do espetáculo não pude obter explicações. Estas vieram depois.

— Aquêle que você viu, ali, na primeiro fila, é o meu amigo Sebastião — informou Noel. — Êle queria ver os nossos números e, como não podia pagar entrada, veio comigo, carregando o meu violão. Êste terno é dêle. Trocamos de roupa no camarim, e pronto! Vamos fazer assim todos os dias. Não «tá» legal?

Estava. Estava excelente. Aquêle despe-veste, veste-despe precisaria durar, pelo menos, uma semana, repetindo-se duas vêzes por dia... Sebastião, o «Tião», era um velho amigo de Vila Isabel. Para uma sua irmãzinha, de nome Ivone, Noel compunha, meses depois, a gaiata marchinha fonética «Picilone».

Havia, entretanto, outro «porém». Com o terno azul, o pé de sapato «metido a branco» ressaltava mais do que nunca. E quando mencionei o fato, Noel garantiu:

— Já sei. Hoje não fui limpar os sapatos porque não tive tempo. Amanhã eu vou. «Tá» legal?

Eu concordei e fiquei à espera do amanhã.

No outro dia, qual não foi minha surprêsa ao ver Noel apresentar-se no palco, à última hora, trazendo limpo sòmente o sapato do pé direito. Nenhum consêrto seria possível àquela altura e só ao fechar-se o pano, veio êle com uma de suas infalíveis justificativas:

— Não deu tempo pra tudo... Só deu pra limpar o pé direito...

Dizia aquelas coisas sorridente, como sempre, nunca se podendo apurar se, em tais ocasiões, gozava intimamente a própria facécia ou o assombro de quem o ouvia, raramente acreditando em suas estupefacientes razões.

Por acaso, no dia seguinte, indo ao engraxate que servira Noel na véspera, apurei tôda a verdade.

— Noel me disse — falei ao engraxate — que você só lhe pôde limpar o pé direito porque êle estava em cima da hora.

— Qual nada, «seu» «Almirante»! — afirmou êle. — Seu Noel não quis, de maneira alguma que eu limpasse o pé esquerdo. Eu disse que ficava feio e êle respondeu que não fazia mal, que só o pé direito era artista, porque era o único que aparecia no palco...

(Cont. no próximo número)

CONVERSA DE MULHER

PERSONAGEM DISTRAÍDO



A ante-sala estava cheia. Uma multidão de caras sérias e atitude contida aguardava. Um contínuo impassível barrava a porta ministerial para onde convergiam todos os olhares, enquanto outros se cruzavam entrando e saindo. Entravam e saíam também, alheios à turba em expectativa, sujeitos evidentemente importantes, de alguma seção «da casa» ou vindos de fora. Em dado momento, surge um dêsses importantes. Muito jovem para a importância, juventude disfarçada pela expressão de uma gravidade carrancuda, acentuada por enormes óculos de tartaruga escura. Por trás das lentes, o olhar observador se prendeu a um par encantador, formado por duas mulheres. Um caso em que a mocidade tão reprimida em vários aspectos mais temperamento somavam inevitabilidade. Uma das mulheres, o ponto magnético da atração, era o que, como inspiração da famosa expressão menina-moça, poder-se-ia chamar de brôto-balzaqueana. A mesma idade da heroína de Balzac talvez ela tivesse, mas conservava uma frescura de privilegiadas glândulas e êsse ar de ingenuidade e malícia tão seguro de perturbar os homens, que não está mais em moda nem mesmo nas adolescentes. A outra, bela criatura também... oh, sorte, êle a conhecia.

● *Aproximou-se e foi feita a apresentação. "Ela" era, curiosa coincidência, da capital de seu estado natal. A conversa foi fácil e agradàvelmente encaminhada, pelo seu "savoir-faire" indiscutível de homem de responsabilidades mas visceralmente conquistador e "padecente" (sofredor diante da beleza e da sedução femininas). Falando numa situação como aquela, fazia uso de uma arma inesperada: sorriso de garôto.*

Ah, então a senhora era da sua cidade?!... Curioso, deveria conhecê-la... Bem, por mais guardada que fôsse pelos pais, seria natural que, pertencendo a tais famílias, de quando em quando se houvessem encontrado... Ah, saíra de lá logo após o casamento, com um rapaz do Rio? E por que desprezara os conterrâneos?... Nesse andamento e tons um tanto cretinos mas úteis pelo tempo disponível para colhêr as informações desejadas, ficou sabendo: que a moça tivera um namorado ainda mal barbado, ela com cêrca de treze anos, um namorado que nos apertos de mão das sessões de cinema a impressionara de tal modo que ela confessava sentir-se furtada a uma predestinação por o ter perdido.

● A que fizera a apresentação sorria divertida, como insinuando coisas que dava por subentendidas. Os outros dois, entretanto, nada percebiam. Em dado momento, entretanto, a conterrânea do nosso personagem indagou, em meio à palestra:

— Como foi que você disse que o senhor se chama?

A amiga repetiu o nome, um nome assim como «Elizoval», dêsses que só acontecem a um indivíduo no mundo. A que fizera a pergunta empalideceu, não fêz nenhum comentário, e perdeu completamente a naturalidade até o momento da despedida. No dia seguinte recebeu um ramo de rosas de longos talos enviado pelo «Elizoval». A emoção transparecia no semblante carregado de recordações com que arrumou num grande jarro as flores do herói desmemoriado dos seus primeiros sonhos amorosos e que agora a cortejava sem ter compreendido que havia sido «o tal» — ISOLETTE



A ATRIZ LINDA DARNEL PLAGIA INGRID BERGMAN — Chegando a Paris, a linda Linda, todos logo se alvoroçaram. Porque a adorável «estrêla» do cinema norte-americano — dizem as conversas atrás da porta — depois do seu divórcio está tôda caidinha pelo diretor italiano Giuseppe Amato... Também com êsse nome, «seu» Amato...

TUDO É MULHER...



MÃEZINHAS INGLÊSAS E ESTÁTUA MODERNISTA — No bairro Poplar — que fica junto às docas de Londres — foi reconstruída uma Escola e tôda feita à moderna. Uma escultura colocada à frente, cujo nome é «NÃO», está sendo interpretada pelas senhoras inglêsas depois da inauguração. Vejam se adivinham o que elas estão pensando.

A G
anos
de «
seus

O
na
te
co
re

ROTINA DE BELEZA



A GATINHA BORRALHEIRA DE 1952 — Esta é Colete Aubry e tem 23 anos. Num concurso no Moulin Rouge, de Paris, tirou o ambicionado título de «Cendrillon», equivalente à nossa gatinha borralheira. Já se sabe que seus pèzinhos mimosos eram os menores e ela vai ganhar um príncipe.

TUDO É MULHER...



O COMENDADOR FERNANDEL — Era só o que faltava, «seu» Fernandel, você depois de fazer tanto filme gozadíssimo, depois de se ter metido na pele de DOM CAMILO — o filme discutido — acabar comendador. Mas foi o que aconteceu realmente: — êle acaba de receber uma comenda do govêrno francês e êstes beijos de quebra...

TRATE DE BEM SE ALIMENTAR



NOS meses próximos, muitas pessoas vão partir, famílias inteiras deixar suas residências para as férias no campo ou à beira-mar, às vêzes instaladas em hotéis. É necessário considerar antes de partir o problema da alimentação. Se o regime da maioria dessas pessoas é mais ou menos suficiente, é no entanto raro que, alimentando-se de acôrdo com a própria fantasia, tal regime inclua a quantidade de elementos nutritivos indispensáveis à uma saúde perfeita, que resulta na maior beleza física, e à verdadeira alegria de viver. Saiba escolher os alimentos onde quer que se encontre. Coma os alimentos úteis e evite aquêles desvitalizados. Tenha como regra nunca comer demais, a não ser os alimentos que forneçam vitaminas, minerais e proteínas indispensáveis: a importância da subalimentação já foi demonstrada. É bom manter-se a pessoa ligeiramente faminta e ingerir de preferência pequenas rações. Na organização da dieta cotidiana são as proteínas o que há de mais importante. Todos devem incluí-las diàriamente em suas refeições; quem não incluir proteínas animais nas refeições principais, ou não gostar de comer carne, deverá substituí-las pelos vegetais, encontrados no trigo completo, na levedura de cerveja, nozes, amêndoas, feijão, soja.

● *Quem pensar que teve a sua dose suficiente de proteínas por haver comido carne uma vez ao dia estará muito enganado. Uma mulher normalmente ativa deverá ingerir diàriamente 60 gs de proteínas; um homem, de 80 a 90 gs. A metade dessas quantidades deverá ser fornecida por proteínas animais.*

Os alimentos que constituem a fonte mais importante de energias são os gordurosos: manteiga, azeite, queijo, nozes, gemas de ovos. São ricos em vitaminas BF, E e K e nunca devem ser radicalmente suprimidos de qualquer dieta.

Nas dietas para emagrecer uma colher de café de azeite para temperar a salada é a dose indicada. É indispensável comer açúcar, que se junta às gorduras para fornecer as energias necessárias. A saúde e a beleza ganharão muito se forem escolhidos os açúcares naturais e postos de lado os produtos de confeitaria. Por exemplo, ½ quilo de frutas sêcas corresponde a comer uma xicara e meia de açúcar, e quem tiver boa saúde poderá comer diàriamente essa quantidade. Os alimentos mais ricos em açúcar são: bananas, ameixas, figos, mel, pêssegos, cerejas, suco de laranja, petit-pois, passas, melão, morangos, cebolas, limão.

● Outra excelente fonte de açúcar é o melado de cana, rico em ferro e vitaminas do tipo B. Para obter as vitaminas não encontradas nos alimentos (A e D) é necessário tomar óleo de fígado de bacalhau, atualmente preparado em cápsulas, de preferência após a primeira refeição, o desjejum.

Em resumo, é necessário incluir na alimentação cotidiana leite, coalhada, queijo, ovos, peixe, carne, cápsulas de óleo de fígado de bacalhau e uma boa quantidade de legumes e frutas frescas. Comece as refeições por um suco de frutas ou uma salada, tome levedura de cerveja antes ou no meio das refeições. Se deseja emagrecer, tome a levedura logo antes da refeição, se ao contrário deseja engordar tome-o duas horas antes. No próximo número daremos uma tabela da quantidade de proteínas em vários alimentos animais e vegetais.



São argentinos — OS QUÍNTUPLOS



OS DILIGENTI NÃO GOSTAM DE PROPAGANDA ★ O PAI, UM HOMEM DE NEGÓCIOS ★ CINCO DE UMA VEZ MUDAM A VIDA DE UM CASAL... ★ MARIA CRISTINA, CARLOS ALBERTO, MARIA FERNANDA, (La Gordita) MARIA ESTER E FRANCO DILIGENTI ★ UMA CARTA DOS QUÍNTUPLOS

FOTOS A. L.

Há 8 anos e meio, quando o mundo, se não havia esquecido, pelo menos tinha perdido um pouco a curiosidade pelas cinco irmãs Dione do Canadá, outro acontecimento similar, de caráter extraordinário, alcançou repercussão universal: na Argentina havia também um caso de quintuplos: os Diligenti.

A "descoberta" foi feita por uma jornalista, correspondente de um jornal estrangeiro; mas seu furo foi incompleto, pois quando seu jornal, um tanto desconfiado da nota enviada, lhe pediu fotografias e outros dados testemunhais, foi-lhe impossível obtê-los, diante da obstinada negativa do Sr. Franco Diligenti, o pai das cinco crianças.

A LUTA PELA NOTÍCIA

Soube-se, então, apesar da forma pela qual os pais dos quintuplos suportavam o assédio jornalístico desencadeado imediatamente, que os meninos tinham nesse momento cêrca de sete meses de idade (nasceram a 15 de julho de 1943) e que todo êsse tempo se pôde manter o segrêdo,

Os quíntuplos argentinos em rara foto, no dia em que completaram sete anos de idade, posando na casa dos pais, rua Pampa, Buenos Aires. Na outra foto, os cinco Diligenti, aos três anos, em pleno inverno.

15 de julho de 1952.

Queridos amiguinhos:

Como mudou neste ano de 1952 a nossa vida infantil!...

Papai e mamãe que sempre velam por nosso bem-estar e educação nos consideraram bastante grandes para que cada um de nós continuasse seus estudos sòzinho; assim é que, com prêmio por essa capacidade, Papai e Mamãe confiaram nossa educação a cinco colégios diferentes onde nos internaram...

Já se passaram quatro meses e não imaginam como nos sentimos encantados e felizes com as novidades de nossa vida atual: mas temos um inconveniente: que desta vez no nosso nono aniversário não estaremos juntos no lar; além disso, nossa Querida Mamãe se encontra ausente por uns meses: e não estando ela nesse dia tiraria todo entusiasmo à nossa festa...

Em troca, queridos amiguinhos, nos voltaremos a ver no próximo mês de dezembro, quando faremos nossa Primeira Comunhão. Será uma festa alegre e mais feliz do que esta de que agora nos privamos. Estaremos maiores e com certeza teremos todos terminado com êxito o terceiro ano. E o melhor de tudo é que Mamãe estará conosco.

Neste grande dia cheio de recordações felizes e gratas nós os saudamos carinhosamente e lhes enviamos muitos beijos...

M. Fernanda - M. Cristina - M. Esther - Carlito - Franco

ST. ANDREW'S SCOTS SCHOOL — NORTHLANDS SCHOOL — MICHAEL HAM MEMORIAL COLLEGE — QUILMES HIGH SCHOOL — ST. GEORGE'S COLLEGE

15 de julio de 1.952

Queridos Amiguitos:

En este año 1952 [illegible] biado nuestra vida infantil!....

Papito y Mamita que siempre velan po[r] [illegible] bienestar y educación, nos consideraron lo suficientemente grandecitos para que cada uno de nosotros continuara sus estudios solitos. así es que, como premio a esa capacidad, Papito y Mamita confiaron nuestra educación a cinco colegios distintos donde nos internaron, toditos pupilos...

Ya pasaron cuatro meses, y no se imaginan Ustedes lo encantados y felices que nos [sent]imos con las novedades de nuestra vida actual: pero tenemos un inconveniente: que esta vez en nuestro noveno cumpleaño no estaremos unidos en nuestro hogar: además nuestra Querida Mamita se encuentra ausente por unos meses; y no estando Ella en ese día, le quitaría todo entusiasmo a nuestra fiesta.

En cambio, Queridos amiguitos, nos volveremos a ver en el próximo mes de Diciembre en el que tomaremos nuestra Primera Comunión. Será una fiesta celebrada y más feliz que ésta de lo que ahora nos privamos. Estaremos más grandecitos y con segu[r]idad que toditos habremos terminado con éxito el tercer grado. Y lo más lindo de todo es que ya Mamita estará con nosotros.

En este gran día lleno de recuerdos felices y gratos les saludamos cariñosamente y les enviamos muchos besitos:....

M. Fernanda. M. Cristina - M. Esther - Carlito - Franco -

QUILMES HIGH SCHOOL — MICHAEL HAM MEMORIAL COLLEGE — NORTHLANDS SCHOOL — ST. ANDREW'S SCOTS SCHOOL

Na fotografia que publicamos à esquerda vê-se a tradução da carta que os quíntuplos nascidos na Argentina dirigiram a seus colegas de colégio, e, na foto à direita a reprodução em «fac-simile» do original dêsse documento que encerra uma página de grande encanto.

numa tácita solidariedade dos vizinhos e amigos da família Diligenti desejosos de poupá-los a uma publicidade que julgavam incômoda, ou da curiosidade alheia, às vêzes exagerada.

Recordemos apenas, a propósito, que, durante muito tempo, depois de conhecida a notícia do nascimento, numerosas casas comerciais enviavam diàriamente à casa dos Diligenti, produtos diversos como presentes, ou a seus agentes, com ofertas de publicidade, obséquios, etc. Tudo era sistemàticamente rejeitado pelo Sr. Diligenti que não queria publicidade alguma, mas apenas tranqüilidade para sua família, estando, por outro lado, a coberto de qualquer tentação pecuniária, pois é homem de fortuna. Entrementes, o assédio jornalístico, por momentos — e, talvez, como reação à negativa de proporcionar informações sôbre as crianças — converteu-se, em alguns jornais, numa reação um tanto despeitada, já que em algumas ocasiões se efetuou uma publicidade à base de notícias infundadas, falsidades, e não poucos desgostos foram causados à família, deturpando os fatos e desacreditando o casal. Felizmente, a imprensa séria guardou uma atitude prudente e compreensiva, que deu seus frutos, pois o "furo" foi obtido por uma conhecida escritora e jornalista, a senhora Regina Monsalvo, que, sem ocultar sua qualidade de jornalista, mas esgrimindo como argumento sua condição de "mãe", conseguiu valer êsse título ante o Sr. Diligenti, que concordou, finalmente, em dar informação legítima sôbre os meninos e fotografias adequadas.

FRANCO DILIGENTI: UM HOMEM DE NEGÓCIOS

Conheceram-se, então, interessantes pormenores dêste extraordinário caso de fecundidade, que repercutiram em todo o mundo. Particularmente dos Estados Unidos, Inglaterra e Canadá choveram por longo tempo ao lar dos Diligenti numerosas cartas de felicitações ou de pedidos de informações a respeito dos meninos, destacando-se a quantidade de missivas recebidas de jovens soldados na época nas frentes de guerra em diversos setores do mundo.

Mas vejamos primeiro onde nasceram os afortunados quíntuplos, e êste qualificativo já antecipa um juízo sôbre sua condição atual.

(Continua na pág. 50)

OS QUÍNTUPLOS DILIGENTI QUANDO COMPLETARAM 9 ANOS



CARLOS ALBERTO — MARIA CRISTINA — MARIA FERNANDA — MARIA ESTER — FRANCO

À LUZ DA PSICANÁLISE

O VALOR DA VONTADE

DR. LUIZ FAGA

A educação errada de meu pai infundiu-me um pavor, uma inquietação que se tornou um hábito, o qual passou a me atormentar em tôda a minha vida. Sempre o temi, muitas vêzes senti o rigor de seus castigos, as manifestações de sua energia. Passei a temer as suas intervenções, fiquei medroso. Meus impulsos naturais de iniciativa morreram. No chefe do presente vejo o pai do passado. O mêdo dos chefes e até mesmo de companheiros passou a fazer parte de minhas reações. Passou a ser natural. As inquietações devem provir do receio de ser surpreendido fazendo algo incorreto ou errado, o que me atemorizou na infância e continua se repetindo agora em condições análogas. Em virtude de tudo isso passei a agir retraidamente e assim tenho me conservado. Em relação à influência do excesso de mimos produziu um amolecimento da energia e da vontade e matou o espírito de reação e iniciativa. Impediu-me de aprender a agir por mim mesmo. Nasceram daí a falta de confiança, de coragem, a desconfiança do próprio valor. A audácia desertou, a timidez imperou. Êsses sintomas reunidos lançaram uma sombra de tristeza na existência. Quanto a ação com as mulheres temo ser repelido e mais remotamente alimento uma idéia falsa de amor, achando-o algo pecaminoso e por isso receio sempre o pai delas.

● Para romper tudo isso é necessário grande fôrça-de-vontade. Porfiar por agir de maneira diversa da que tenho agido até o presente momento. Procuro tornar-me mais comunicativo, abrir-me num sorriso para todos, imaginar os meios mais práticos de enfrentar as mulheres, lidar com elas, vencer. Forçar os hábitos a tomarem rumos diferentes, assim é possível chegar ao fim.

— Porém como aplicar essa fôrça-de-vontade, de maneira a se produzirem bons resultados? Para adquirir bons hábitos é necessário sentir a importância do que estamos fazendo, única maneira de realizar com interêsse e energia as ações que hão de transformar a personalidade.

Sinto inquietações, pavor, mêdo dos outros. Preocupo-me sempre com a opinião alheia. Receio ser mal visto e descobrirem meu mêdo. E' preciso não recear. Quando conheço um indivíduo procuro mostrar-me o mais prestativo possível e conversador; mostro grande atividade. Com isso pretendo esconder o que sou. Assim me conservo nos primeiros contatos, mas pouco a pouco vou deixando entrever minhas fraquezas e sinto perfeitamente que nunca poderei iludir a ninguém. Temo a opinião dêle mas ela se forma pouco a pouco e sempre depreciativa. E' preciso então não temer a opinião alheia. E' difícil, mas possível. No momento, nem mesmo acredito nisso, mas vou procurar cumprir o que eu mesmo proponho: não devo ter mêdo também de ninguém, de situações. Julgar o que de pior pode acontecer, como agir, se suceder o pior, para restabelecer o equilíbrio. Não me julgar nunca inferiorizado quando os fatos agem contra mim. Procurar argumentar, contando com os fatôres a meu favor. Sempre desprezei os argumentos favoráveis. Desejo sempre castigar-me. Por quê? À cada falha corresponde um valor positivo. Se não posso esconder minhas deficiências, também é verdade que posso mostrar as qualidades, remediando temporàriamente a situação. O interêsse na cura, a vontade bem dirigida são as alavancas que deslocarão os recalques tão enraizados e produzirão o alívio desejado. Enfrentar os chefes ou outros quaisquer. Se houver mêdo, pelo menos agir contràriamente a êsse mêdo, como se êle não existisse. E' um meio de enfraquecê-lo. Não temer as conseqüências, preparar-me para enfrentá-las; se existe mêdo de alguém, outro modo de atenuá-lo é procurar aproximar-me dessa pessoa, tornar-me mais comunicativo com ela. Contra o mêdo dos outros, os remédios são os seguintes:

● *1 — Não esconder nada a ninguém (erros, frustrações); 2 — Procurar argumentar friamente, descobrindo pontos favoráveis; 3 — Mostrar as qualidades que posssuo; 4 — Esforçar-me para curar-me e não temer os acontecimentos, julgando restabelecer-me, partindo do pior; 5 — Agir como se não temesse; 6 — Tornar-me comunicativo. As inquietações, pavores, angústias deverão ser vencidas, como conseqüência de terapêutica assim. Devemos mostrar firme determinação de vencer e fazer o possível para sublimar contrariedades, rezando, por exemplo. Pensar sempre em resolver as dificuldades; só o esfôrço em resolver as dificuldades impedem que os aborrecimentos me assaltem. Quando me sentir mal, procurar imediatamente escrever o que sinto e o que posso fazer para sair do embaraço. Sentir sempre confiança em mim e nas minhas possibilidades. As sensações de impotência, os recalques impedem-nos de empregar tôda a energia e por isso os tímidos mostram pouco do que podem fazer. Necessito agir sempre confiando nas minhas qualidades e olhar para mim mesmo com bons olhos, sem nunca retrair-me. Em situações embaraçosas o levantar a cabeça e fitar o interlocutor é grande caminho andado. O raciocínio subseqüente, suplantando a emoção deve completar a ação. Sentir-me sempre em pé de igualdade com os demais nunca subestimando-me, é importante.*

Para tornar-me comunicativo e participar da palestra geral no local de trabalho, a tarefa é difícil. E' aconselhável observar os assuntos preferidos e interessar-me por êles. Conversar com cada um separadamente o mais naturalmente possível.

● Com relação ao problema feminino é preciso concentrar todo o interêsse em resolvê-los do modo mais simples. E' evidente o vazio feminino. Não tenho convívio com moças. Urge conversar o máximo possível com as pequenas, tornando a conversa natural e agradável. Palestrar com as conhecidas, sem interêsse, com o fim de familiarizar-me o máximo com o sexo oposto. Freqüentar clubes nas proximidades. E' necessário, em muitas ocasiões, usar a ousadia e quebrar a grande resistência psicológica. Cultivar a camaradagem. O esporte é um ponto de união: praticá-lo. Nos bailes, no início, dance indiscriminadamente, pelo prazer de dançar, sem visar damas preferidas. Agradá-las no entanto. Também é necessário persegui-las, disputá-las, ir ao seu encontro, ir buscá-las, ser audaz. O prazer está nessa perseguição. Não temer mostrar-me interessado por alguma delas como tem acontecido.

C U P Ã O

Nome ....

Pseudônimo ....

Data do nascimento ....

Estado civil .... **Profissão** ....

Residência ....

A. E. I. O. U.

(Continuação da pág. 23)

gistralmente escapulir aos rigores da Gramática, preferindo, em lugar das regras de sintaxe, os comentários culturais, ligeiros, que exerciam atração ao seu espírito, falando-lhe à imaginação, foi o Antônio quem me pediu traduzisse aquelas **Curiosidades latinas** que estavam no livro, na lição a ser dada. Era uma página ilustrada com homoplasias, criptogramas e frases, comumente citados, que poderiam sugerir aos alunos inadvertidos significações duplas: uma aparente; outra, real, de sentido completamente diverso. Duplas significações de **est** e de **suum**, etc.

Ah! Quando se é professor moço, temos que dar de nós mesmos mais do que é preciso. Foi por isso que me estendi em considerações sôbre o **A.E.I.O.U.**, abreviatura que estava aposta no fim das **Curiosidades Latinas.** Essas cinco vogais, expliquei, são a abreviação duma frase latina. Dão-lhe variadas interpretações. Mas, ao que parece, a explicação verdadeira corresponde ao lema **«Austriae est imperare orbi universo»**. Compete à Austria governar o mundo inteiro. **Também**, em alemão, essas vogais se sucedem na ordem costumeira, formando a frase de igual sentido: **«Alles Erdreich ist Oesterreich unterthan»**. E' êsse o lema da Casa d'Austria, e foi criado por Frederico III. Quando me apercebi de mim mesmo, tinha falado tudo isso, esquecendo os conselhos do Dr. Gonçalves. E o Antônio, sempre inquieto, olhos vivos, buscando por certo o ensejo duma digressão, culminou com o comentário: «Hitler é austríaco, não é, Professor?». E outro colega seu — o André, tão irrequieto quanto êle, completou-lhe o pensamento: «Dessa frase, com certeza, veio a Hitler a sêde de domínio.»

....

Quando olhei U.I., ela abaixou os olhos. Transmutou-se-lhe o rosto num instante. Hoje, não lhe sei definir a expressão. Posso dizer, no entanto, que não vi no seu olhar, na sua expressão fisionômica, nem orgulho, nem rancor. Sim! Talvez revelasse uma expressão resignada. Era em verdade resignação, a calma resignação diante de tantas incompreensões humanas, tantos ódios, tantas injustiças e de tanto sofrimento. Que culpa, afinal, lhe cabia? Num momento, compreendi todo o alcance de minha ofensa. Numa sala de aula, era de se esperar maior elevação dum mestre. Sem constrangimentos, sem rancores, os discípulos deveriam viver numa comunhão de espírito completa, com a inteligência e o coração voltados sòmente para os ideais da Verdade e da Beleza.

....

Depois, para ferir-me, ainda mais, o coração, agigantando-se em mim a consciência de culpa, vim a saber do que acontecera a U.I. Seus pais tiveram que se afastar de nossa cidade, que é um pôrto marítimo. Obedeciam assim ao Decreto-Lei (assinado como medida de defesa) que determinava que os estrangeiros se distanciassem de cinqüenta léguas da orla marítima. E U.I., filha de alemães, mas brasileira pelo nascimento e pela bondade, com a desorganização econômica advinda à família, foi residir por favor na casa duma colega, até o término do ano letivo.

Quis procurar em classe um motivo para elogiar U.I. Mas não o fiz. Os colegas, por certo, estranhariam, pois era, reconhecidamente, a melhor aluna da classe, e eu jamais a elogiara. Elogiando-a agora, temeria tornar patente a todos uma ofensa talvez não percebida pela maioria, e que um elogio algo extemporâneo procuraria desculpar. Quis, então, pedir-lhe desculpas, ou, até mesmo, pedir-lhe perdão. Ma (pensava comigo) ela deveria com preender que não tivera o intuito pre meditado de susceptibilizá-la. E, num luta de consciência, repetia-me: Qual quer palavra que lhe disser, virá res saltar uma ofensa, da qual não m podia caber a culpa.

....

Cinco meses depois, com o afunda mento de nossos navios, todo o pa foi sacudido por uma convulsão p pular. A massa, num movimento d indignação que foi justa, mas que te excessos, pediu ao Govêrno a Declara ção de Guerra à Alemanha.

D. Nilsa, professôra de Música d nosso Colégio, uma solteirona que s fazia sempre de zangada com os alunos criatura boa que se sacrificou na edu cação completa dos três irmãos me nores... D. Nilsa contou-me, um dia tôda nervosa, como U.I., quase mort de mêdo, de longe, da fresta duma ja nela da casa da colega amiga, vira povo invadir a sua casa, e assistira depredação de tudo.

....

Ah! Se ela ao menos me conheces agora, tal como sou, tão diferente d que fui! Os anos fizeram morrer n Poeta, que talvez tenha sido, aquê incontido ardor. Hoje, eu me penite cio ao pensar que, em vez do Bem, pr guei o ódio.

Eu quisera dizer-lhe que abomino Guerra: dizer-lhe que tenho pena vencido; dizer-lhe que sei que em ve dade todos os povos têm o direito ser felizes sôbre a Terra. E dizer-l ainda: Você já leu, U.I., o meu poem sem imagens atrevidas, mas cheio idealismo, intitulado «Somos Todos mãos!»? Você sabe que, em minha vi de professor, vivo hoje a pregar os se timentos de solidariedade e a uni de todos os povos?

Ah! U.I., amargurado em minha s lidão, hoje eu me lembrei de voc Mas não sei onde encontrá-la. E quan eu queria sabê-la feliz! Queria sabê sorridente. Sei que o seu sorriso n pode ser mais aquêle sorriso despre cupado de Inocência que admirava n quela aluna quase menina. Quise sabê-la hoje sorrindo, sorrindo semp onde quer que se encontre nesta ter do Cruzeiro do Sul, que deve ser terra do Amor em que se realize, base generosa, o congraçamento d povos... sorrindo num sorriso bom Felicidade. Não queria saber que seu coração se crestou como uma fl ao sôpro frio da ingratidão humana

Quantas palavras quisera dizer-lh U.I. Mas os anos passaram. E, hoj ah! Hoje já é tarde de mais!...

ÁTILA — O FLAGELO

(Continuação da pág. 2

Ao ouvir tais palavras, Átila fic taciturno, mesmo assim, se decidiu invadir a cidade dos papas. Dian dêle, porém, apareceu um exérci bem diferente. Não eram soldado mas uma gente inerme: bispos co seus paramentos preciosos e frad com seus hábitos austeros, que ava çavam cantando em altas vozes. frente um velho com barba branc vestido de branco, cavalgando um c valo branco: era o Papa Leão I.

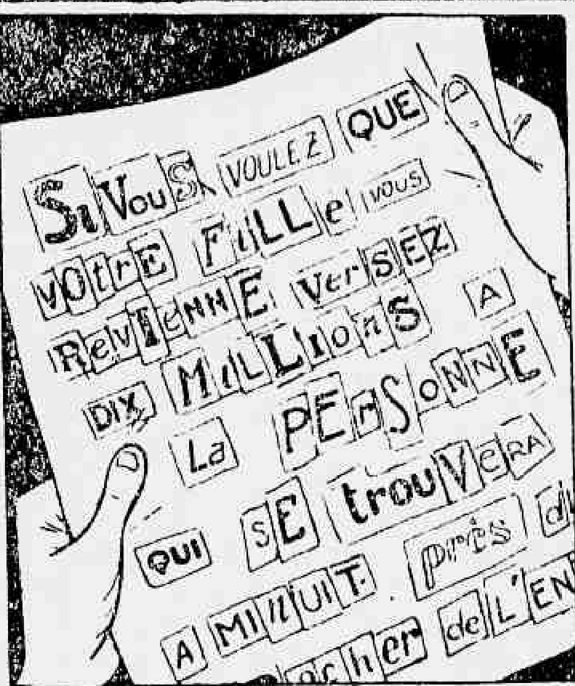
Impelido por uma fôrça irresis vel, Átila atravessou o rio e foi encontro daquele exército. Quais palavras trocadas então, entre o pa e o chefe dos hunos, não se sabe, p a história não as menciona. Sabe que, ao voltar para os seus, dis Átila: "Eu sei vencer os homens, m um lôbo e um leão souberam vencer." Átila se retirou e Roma f salva. Isto sucedeu há quinze sécul atrás, no verão de 452.

E aqui continua a pairar a gran interrogação da história. Todo ês esfôrço para subjugar o ocidente f mesmo por causa da bela Honória

ARABELLE, a ultima sereia



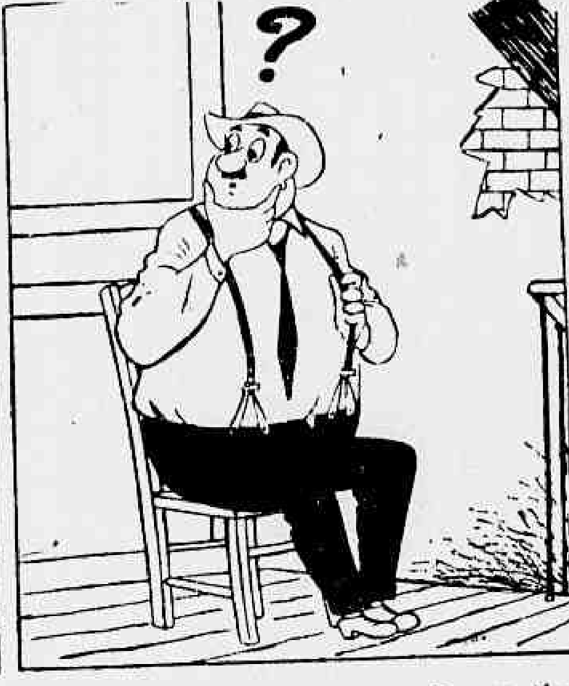
O Sr. Bimbleton estava ansioso. Já eram oito horas da manhã do dia seguinte, e nada de Arabelle voltar. Súbito, batem à porta do quarto.



Ó garção lhe entrega um recado. «Deve ser uma explicação dela, um enguiço no carro...» Mas não. Era um «ultimatum» exigindo resgate por ela.



Arabelle parecia tranqüila em sua prisão. Ela estava certa de que, se o velho não a via voltar, se inquietaria e correria em seu auxílio.



Um dos comparsas que ficara de guarda, começa a se enfadar e resolve distrair-se para não dormir. E tem uma idéia que lhe pareceu ótima.



E vai olhar pelo buraco da fechadura. «Que linda!» Mas a patroa o surpreende e o repreende. O guarda diz: «Não quero perdê-la de vista!»



Quando «Branca de Neve» se foi, êle entrou. Arabelle, que mudava de roupa, se assustou e deu um grito. Mas êle saudou feliz: «Bom-dia, bela.»



— Oh! Que deseja de mim? — Perguntou surpreendida a prisioneira. — Desejo apenas jogar com v. uma partidinha de bisca, para distrair



— Eu vim rendê-lo no serviço de sentinela, por ordem da patroa! — Olá! Pois não, «Flor Azul». Estou acabando a partida e cedo o lugar.



Mas «Flor Azul» não quer jogar e fica a fitar a linda ex-sereia. «Por que me olha tanto?» — «Porque você é tão linda! Eu desejo ajudá-la!»



— Eu não nasci para esta vida, Arabelle! Amo os campos, as flores e escrevo poemas... Arabelle aproveita o momento e pensa num plano.



Mas nesse momento batem à porta. Arabelle e «Flor Azul» já estavam concretizando a idéia da fuga. Quem batia era o outro vigia, um touro.



«Flor Azul» acha que chega o momento oportuno. Arma-se com o seu cassetete e espera que o substituto entre, para derrubá-lo e fugirem...



Quando o monstro entra para montar guarda a Arabelle, «Flor Azul» lhe vibra certeiro golpe na cabeça, com tôda a fôrça que tinha.



Mas o brutamontes tem crânio de aço e nem sentiu a pancada. Volta-se e diz a «Flor Azul» que a patroa o está chamando sem a menor demora.



— O seu primeiro guarda está lá no rochedo, explica a Arabelle; à meia-noite e trinta êle deverá estar de volta com a «gaita». Do contrário...

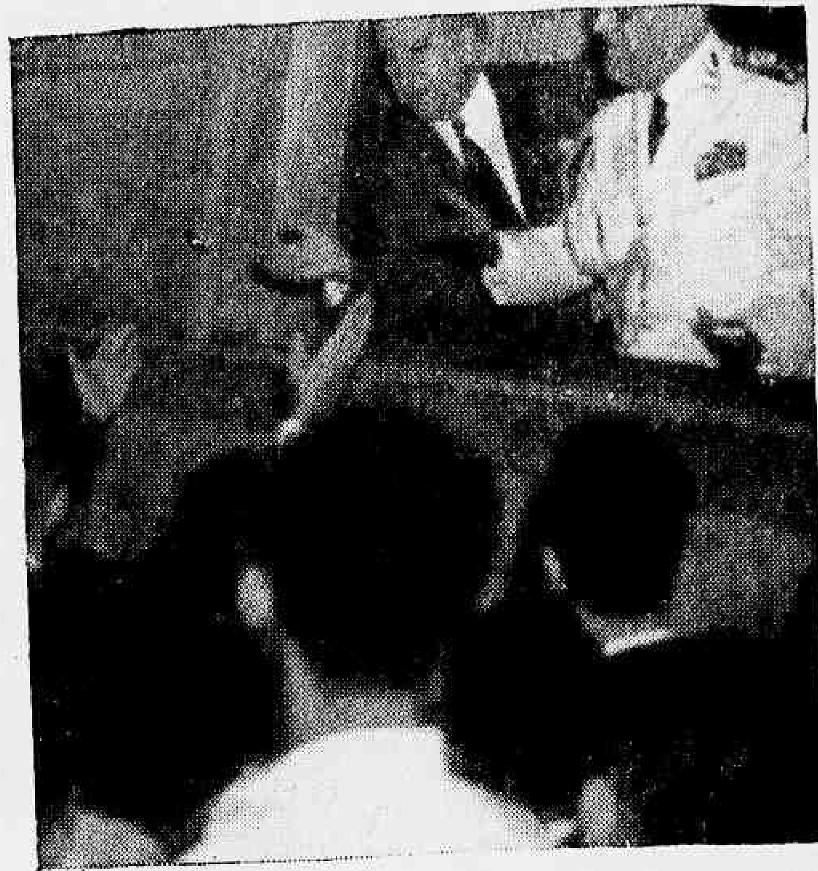


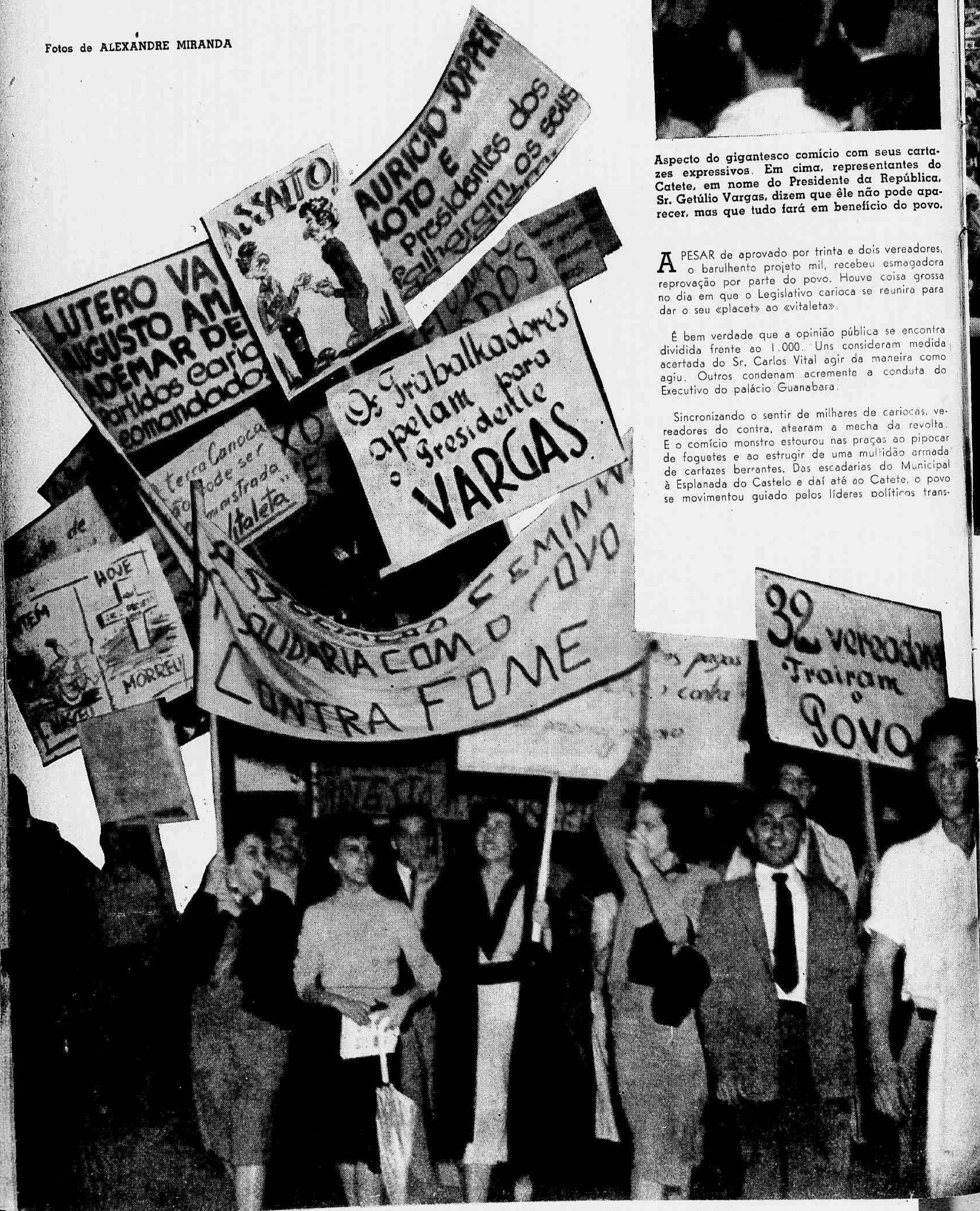
Com efeito, lá nos rochedos da barra estava o bandido à espera de Bimbleton, que deveria estar chegando com o dinheiro do resgate.

História de VANIA LAUREZ

COMÍCIO CONTRA O 1.000!

Fotos de ALEXANDRE MIRANDA





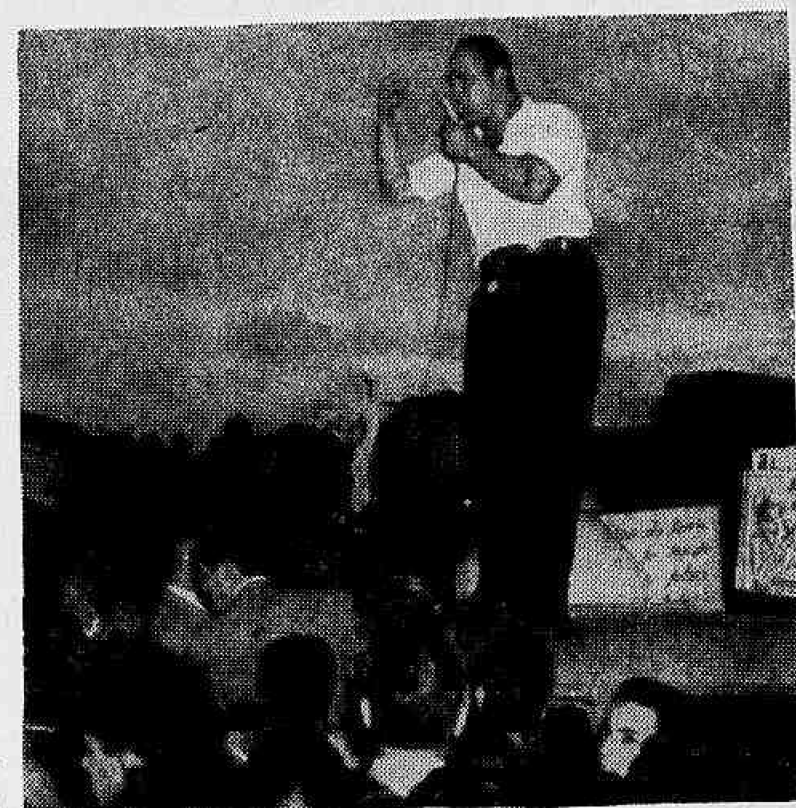
Aspecto do gigantesco comício com seus cartazes expressivos. Em cima, representantes do Catete, em nome do Presidente da República, Sr. Getúlio Vargas, dizem que êle não pode aparecer, mas que tudo fará em benefício do povo.

APESAR de aprovado por trinta e dois vereadores, o barulhento projeto mil, recebeu esmagadora reprovação por parte do povo. Houve coisa grossa no dia em que o Legislativo carioca se reunira para dar o seu «placet» ao «vitaleta».

É bem verdade que a opinião pública se encontra dividida frente ao 1.000. Uns consideram medida acertada do Sr. Carlos Vital agir da maneira como agiu. Outros condenam acremente a conduta do Executivo do palácio Guanabara.

Sincronizando o sentir de milhares de cariocas, vereadores do contra, atearam a mecha da revolta. E o comício monstro estourou nas praças ao pipocar de foguetes e ao estrugir de uma multidão armada de cartazes berrantes. Das escadarias do Municipal à Esplanada do Castelo e daí até ao Catete, o povo se movimentou guiado pelos líderes políticos trans-





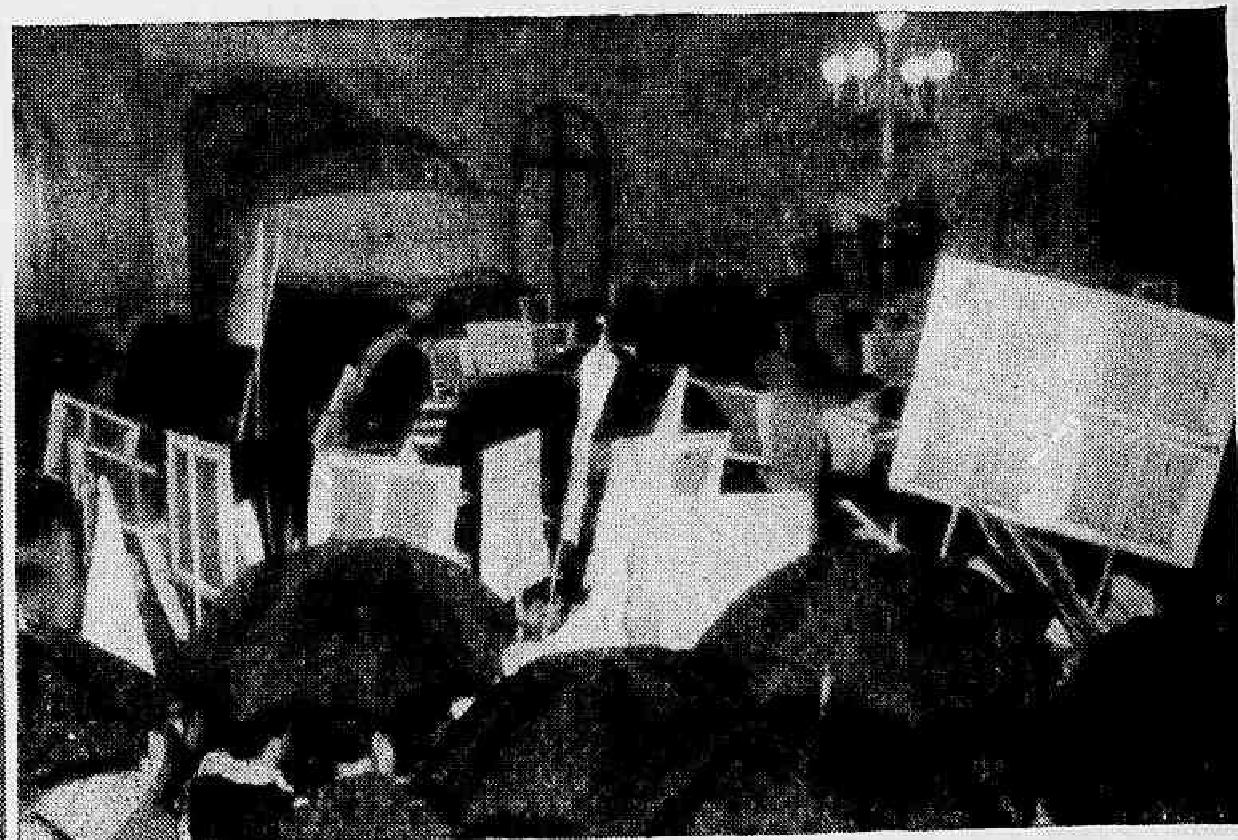
Da escadaria do Teatro Municipal dirigiram-se os manifestantes para a Esplanada do Castelo e daí para o Palácio do Catete. Ao lado: um orador popular no momento em que arengava.

formados em arautos da causa pública. A meta visada era o palácio do Catete com a arenga consoladora do Sr. Getúlio Vargas.

Êsse gesto pode ter várias interpretações. De uma parte são os vereadores que, contrariando uma disposição de seus colegas, dão um atestado de falta de senso de harmonia. Por outro lado é o espontâneo desabafar de um povo oprimido que encontra um instante propício para contar as suas mágoas aos responsáveis pelo bem-estar coletivo. O fato de que o comício contou com a participação do comércio, de entidades de classe e do povo em geral, é bem significativo. Videant consules...

Diante de tudo isso continua inflexível o Sr. Carlos Vital. O veto não virá. As cinqüenta vaguinhas serão mantidas. E o povo que se encabule. Bata o pé. Xingue e faça enterros. Nada adianta. O mil do Sr. Vital transformará a Cidade Maravilhosa numa maravilha das mil e uma noites! E isto só será feito com dinheiro e muito dinheiro do... POVO!





O entêrro do famigerado projeto quando era levado a efeito por populares. Em frente ao Palácio do Catete o povo se comprime pedindo a presença do Senhor Getúlio Vargas. E o presidente da República não apareceu... Qual será — pergunta-se agora — a sorte do tal milhar?...

O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua cor natural.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tornará linhas leves e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar

SÃO PAULO

Remessas pelo Reembôlso

Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência especifica, da velhice precóce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.

Respostas ao teste

1—Primeiro lugar (7.200 quilômetros)
2—No de Minas (200 metros, No S. Francisco)
3—Mato Grosso
4—Leguminosa
5—1853 (R.G. do Sul)
6—1939
7—Brasil
8—Paulina Sorbilis
9—A um cearense (José Pinto Martins, 1870)
10—No Corcovado (1922)
11—O Madeira
12—40
13—Rio dos Mergulhadores
14—No Pará
15—Cabo Frio (1615)

A NOVA RAINHA...

(Cont. da pág. 55)

mais eficiente desta memorável Olimpíada, apagou o facho simbólico, que voltará a iluminar a vindoura primavera.

O desfile final foi a saudação vibrante das belas atletas ao povo que não deixou de aplaudir essa juventude feliz, esperança firme de uma pátria mais forte. A ordem do cortejo obedeceu ao seguinte critério: Colégio Anglo-Americano, Colégio Plínio Leite, Ginásio Sousa Lima e Ateneu São Luis. Clubes: Fluminense, Flamengo, América, Icaraí e Tupi.

Além da coroa de rainha, recebeu Elvira Wilberg um prêmio de viagem a Paris. Vai assim a soberana da Primavera levar ao Velho-Mundo a mensagem da beleza da mulher brasileira, nessa exuberância de vida e felicidade.

SURURU NO P T.B.

(Cont. da pág. 19)

missão de Reestruturação. Assim estaremos cem por cento de acôrdo com os estatutos, e mais ainda: daremos aos culpados o elementar direito de defesa. As ponderações do Sr. Barreto Pinto foram aceitas e, afinal nomeada a seguinte comissão: Baeta Neves, Antônio José da Silva, Hélio Welcacer Geraldo Moreira, Frota Aguiar, Many de Sá, e Sebastião Martins. Caberá, agora, aos vereadores apresentar defesa perante essa comissão.

O "MIL" — UMA BRASA VIVA

Na realidade, eis a situação: o projeto mil está aprovado e a maioria que o fêz passar parece que o considera agora uma brasa viva na mão. Vargas titubeia. A princípio dava a impressões de ser a favor. Hoje, com o comércio contra, com o povo contra, parece também contra o "mil". José Junqueira e seus liderados vêem-se afastados do P.T.B. pelas mãos dos seus próprios companheiros. Lutero tentou a renúncia e pegou fogo no partido. Lavou-se muita roupa suja. Continua a ser lavada. Que haverá ainda? Não o sabemos. Está com a palavra a Comissão de Reestruturação. A ela caberá resolver o impasse. Vital é a maior vitima em todo êsse sururu... Ou submisão ou demissão. Submissão no caso do prefeito vetar o seu próprio projeto e demissão por estar em desacôrdo com êle o Presidente da República. Aguardemos.

NO BINGO -- ...

(Cont. da pág. 33)

ficiem com o seu lucro. O resultado apurado, diz a polícia, deve ser distribuído, deduzidas as despesas, no bingo seguinte. Concordarão com isto os clubes? Bingo é, realmente, contravenção? Do modo como é praticado nas nossas verdadeiras associações recreativas e esportivas, quer nos parecer que não. Um bingo por mês ou de dois em dois meses, não pode fazer mal algum. E quem vai, vez por outra, aos clubes jogar bingo, homens, mulheres, moços e moças, famílias inteiras, em puro ambiente associativo, não está, na verdade, praticando nenhum vício reprovável. Clubes como o Tijuca, o Fluminense, o Flamengo, o Botafogo, tantos outros que promovem bingos, se ganham com isso, o resultado financeiro não se encaminha para os bolsos dos seus sócios. Transforma-se em alguma coisa de útil para o proveito de todos. Não defendemos, com isto, o alastramento do bingo explorado com fins inconfessáveis e por entidades suspeitas. Mas o fato é que a circular da polícia é uma ameaça ao jôgo que está empolgando a cidade. Acabará o bingo? De qualquer maneira, o Bingo-Monstro do Tijuca foi a nota mais sensacional do último dia de outubro.

SÃO ARGENTINOS...

(Cont. da pág. 45)

O senhor Diligenti e sua espôsa são italianos e ambos vieram jovens para a Argentina, onde Franco se estabeleceu e conquistou sua fortuna atual, à fôrça do trabalho e espírito de iniciativa. Trata-se de um rico industrial, dedicado ao ramo têxtil, com várias grandes fábricas. Na província de Córdoba possui uma das principais estâncias da América do Sul, onde as atividades estão planificadas de forma racional e científica e cuja produção está industrializada. Nesse estabelecimento, atualmente, estão sendo industrializados diversos produtos e sub-produtos da pecuária, entre os quais o mais importante é a folienlina que se exporta em grandes quantidades para os Estados Unidos.

MUDANÇA DOS PLANOS DO CASAL

Até o advento dos quintuplos, o casal Diligenti tinha outros planos. Constava, então, a família de três filhos: Armando, o mais velho, com 20 anos (filho do primeiro casamento da senhora Diligenti), Ana Maria, de 14 anos, e Mayra, de 11 (o nome se deve a que a mãe viu uma película romântica na qual a protagonista se chamava assim). O senhor Diligenti tem agora 48 anos e a espôsa é um pouco mais moça. Até o nascimento dos quintuplos, repetimos, planejavam com seus filhos e com o novo herdeiro que esperavam, viajar pelo mundo. É evidente que um presente da natureza, tão amplo como o recebido, teria de transtornar êsses planos. Por outro lado, a senhora Diligenti, desde êsse parto ficou com a saúde muito abalada, o que a obriga a viajar todos os anos, por alguns meses, para a Itália, a fim viver num clima particularmente sadio como o de Montecattini, onde se encontra atualmente. Êsse é o motivo pelo qual os quintuplos completaram há pouco seu nono aniversário sem a reunião e a grande festa dos anos anteriores, o que pretendem fazer em dezembro, quando terminarem as aulas e a sua mãe regressar. Farão também, nessa época, a primeira comunhão.

O MÉDICO SUBSTITUTO DO DR. DEFOE

Os meninos se têm criado até agora em ótimas condições de saúde. Apenas Maria Fernanda, "La gordita", como a chamam carinhosamente, estêve doente. Quando contava cinco meses os médicos pràticamente a desenganaram. Foi então que a mãe se lembrou dos ensinamentos práticos de puericultura que lhe havia dado sua genitora na Itália e, cuidando pessoalmente da menina, conseguiu que se restabelecesse pouco a pouco, num verdadeiro triunfo da vigilância e do amor materno.

Cabe também assinalar que há pouco tempo, o médico que atende às Dionne, no Canadá, atualmente, e que substituiu o Dr. Defoe, quando êste faleceu, resolveu, numa viagem que fêz ao Chile, ir até a Argentina a fim de felicitar o casal Diligenti pela maneira adotada para criar os filhos.

Assinalemos, por fim alguns detalhes e característicos dos cinco meninos na atualidade. Deve-se mencionar que há pouco o pai os colocou em colegios diferentes a fim de que cada um desenvolvesse sua própria personalidade em contato com outros meninos estranhos à família e sem a influência recíproca que, lògicamente, no contato familiar diário ou na mesma escola, poderia "uniformizá-los" demasiadamente, o que o pai desejava evitar.

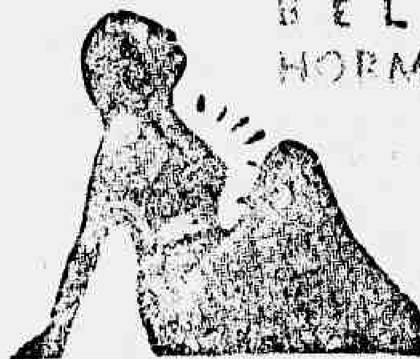
Carlos Alberto, Carlitos, é o capitão do grupo por ser o mais decidido e enérgico de todos. Franco, é, fisicamente, o mais forte. Ambos estão praticando assiduamente diversos esportes, inclusive box, remo e futebol.

Maria Fernanda, "la gordita", de cabelo castanho e olhos claros, sendo a mais delicada, é a "mãezinha" dos demais. É, também a de inteligência mais clara e reflexiva. Maria Cristina "la negrita", de olhos e cabelos negros, e Maria Ester, feminina e suave, de cabelos louros e olhos claros, completam o quadro dos cinco meninos.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário demasiadamente volumosos use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado modernissimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquire-se nas farmácias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 83 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE ....

ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

DESCOBERTO O HOMEM-MACACO

NAS FLORESTAS DA VENEZUELA UMA EXPEDIÇÃO FAZ A SENSACIONAL DESCOBERTA QUE REVOLUCIONA O MUNDO CIENTÍFICO ★ HOUVE OU NÃO HOUVE ANTROPÓIDES NA AMÉRICA DO SUL? ★ HOMO SAPIENS, HEIN?



Aspecto da aldeia Lacustre na Venezuela, local em que Daumarie iniciou e continua as suas importantes pesquisas antropológicas.

O homem, desde que adquiriu conhecimentos científicos e se interessou pela questão da origem das espécies, tem procurado, insistentemente, o seu tipo ancestral remotíssimo, o primeiro espécime de onde provém a humanidade de hoje. Para chegar a um resultado, descem os cientistas e curiosos aos mais fundos vales, rebuscam profundas cavernas, colhendo documentação fóssil e arquiológica, enquanto outros sobem ao cume do Ararat em busca de vestígios da Arca de Noé, assim como grimpam as mais elevadas montanhas do Himalaia, «Teto do Mundo», para ver se descobre o berço do «homem das neves»...

Foi por estar possuído de tais impulsos de aventura, que um homem, ainda muito moço, Jacques Deumarie, de apenas vinte e três anos de idade, organizou uma expedição com o fim de encontrar o «homem-macaco» da América, dirigindo-se ao interior da Venezuela.

Não se dê de ombros. Não se trata de idéias malucas de gente moça influenciada pelos célebres «Copains» de Jules Romain. Aqui damos os fatos tais quais nos descrevem Georges Montandon.

Em 1919, François de Loys, célebre geólogo conhecido por sua probidade científica, parte para a Venezuela, onde devia explorar a zona desconhecida da Lagoa de Maracaibo. Essa região de mau clima é habitada pelos índios Montilones e muito pouco hospitaleira para homens brancos. Assim, quando a expedição volta após três anos de trabalhos geológicos apenas quatro homens dos vinte que tinham ido, conseguem escapar às febres e às flechas dos índios.

Tendo sido ferido o próprio François de Loys, teve êle a impressão de estar, constantemente, espionado pelos índios... Loys e seus companheiros instalaram, uma noite, seu acampamento sôbre as ribanceiras de um afluente do Rio Tarra superior. De súbito ouvem ruídos entre as árvores. Julgando, primeiramente, tratar-se de «macacos-aranha» das florestas americanas, atraídos pela presença dos expedicionários, verificam, com espanto que o barulho não vinha do cimo das árvores. E vêem aparecer dois sêres estranhos, andando eretos, em sua direção, por entre os arbustos.

Aquêles animais, a quem êles tomaram como ursos selvagens, gritam, gesticulam, quebram ramos de árvores, depois defecam nas mãos como os «Atéles» e jogam a sujeira nos invasores.

Os exploradores apontam os fuzis. O macho que marchava adiante, oculta-se por detrás da fêmea, que cai ferida de morte. Os civilizados apanham a prêsa, fotografam-na e depois a esfolam. O cozinheiro fica encarregado de conservar a cabeça, mas êle acha preferível transformá-la em depósito de sal. A umidade e o calor fazem arrebentar as costuras. Loys recupera uma mandíbula, mas termina por perdê-la em meio dos incidentes que sobrevêm à expedição. E não resta mais do que a fotografia como testemunho dêsse encontro na selva da América do Sul.

Por que, porém, tanta história acêrca dêsse macaco? Por que é êle um fenômeno que perturba e contradiz as teorias que os zoologistas têm estabelecido sôbre a América. Para tais cientistas não se encontram senão primatas no Novo Mundo, ou seja, macacos muito primitivos que não passam de uns noventa centímetros de altura. Ora, o monstro diante de nós mede um metro e cinqüenta e sete centímetros e se assemelha a um dos mais desenvolvidos macacos.

«A fotografia, escreve Montaudon, parece suficiente para certificar a existência atual de grande e desconhecido macaco na América do Sul.»

Jacques Daumarie, que já conhece a Venezuela, pode encontra êste homem-macaco (ou macaco-homem), do qual há notícias em pinturas e relatos. Como não se pode pôr em dúvida a palavra de François de Loys, êste ser estranho, qualquer que seja êle, existe nas florestas da Venezuela.

Que pensam desta perturbadora história os especialistas do Museu do Homem? Para êles, ou o **macaco de Loys** é um primata atingido pelo gigantismo e que teria sofrido outras transformações anatômicas como a perda da cauda, ou então é, não pròpriamente um «homem-macaco», o que nada significa, mas um antropoide, isto é, um macaco pertencente à raça simiesca mais aproximada do homem. Mas, dizem êles, antes de emitir um julgamento definitivo é preciso poder estudar um espécime, nem que seja apenas um crânio, ou alguns dentes...

Se Daumarie conseguir apresentar um dêsses monstros, seu exame poderá subverter tôdas as teorias a respeito da evolução da América. Com efeito, enquanto no antigo continente foram encontrados «primata», «primatas evolucionados» e «antropóides», no novo mundo a evolução parou por motivos desconhecidos e os macacos ficaram em estado de «primatas». Se forem encontrados antropóides na América do Sul, tudo o que há hoje estabelecido em matéria de zoo-antropologia para o Novo Mundo estará revolucionado, e se pode esperar o descobrimento de esqueletos de pitecantropos, cuja existência é anterior à do «homo sapiens». Um descobrimento dêsses será verdadeira revolução científica.

Que o homem e os macacos sejam anatômicamente aparentados, eis um fato dificilmente contestável. Que, de outra parte, seja o homem superior aos macacos, não é menos evidente, o que permitiu imaginar-se que a espécie humana provinha de grandes antropóides. Com efeito, se é verdade que o homem atingiu nível evolutivo superior ao do macaco pelo desenvolvimento cerebral, é o macaco, de sua parte, muito mais evolucionado do que o homem, na maior parte dos outros caracteres anatômicos...

E quando se sabe que, até aos seis meses de vida, o filhote de macaco é mais adaptado à vida do que o bebê humano, não há motivos para sermos tão orgulhosos...



Fotografia em que aparece uma indígena da região acompanhada de seus filhos menores.



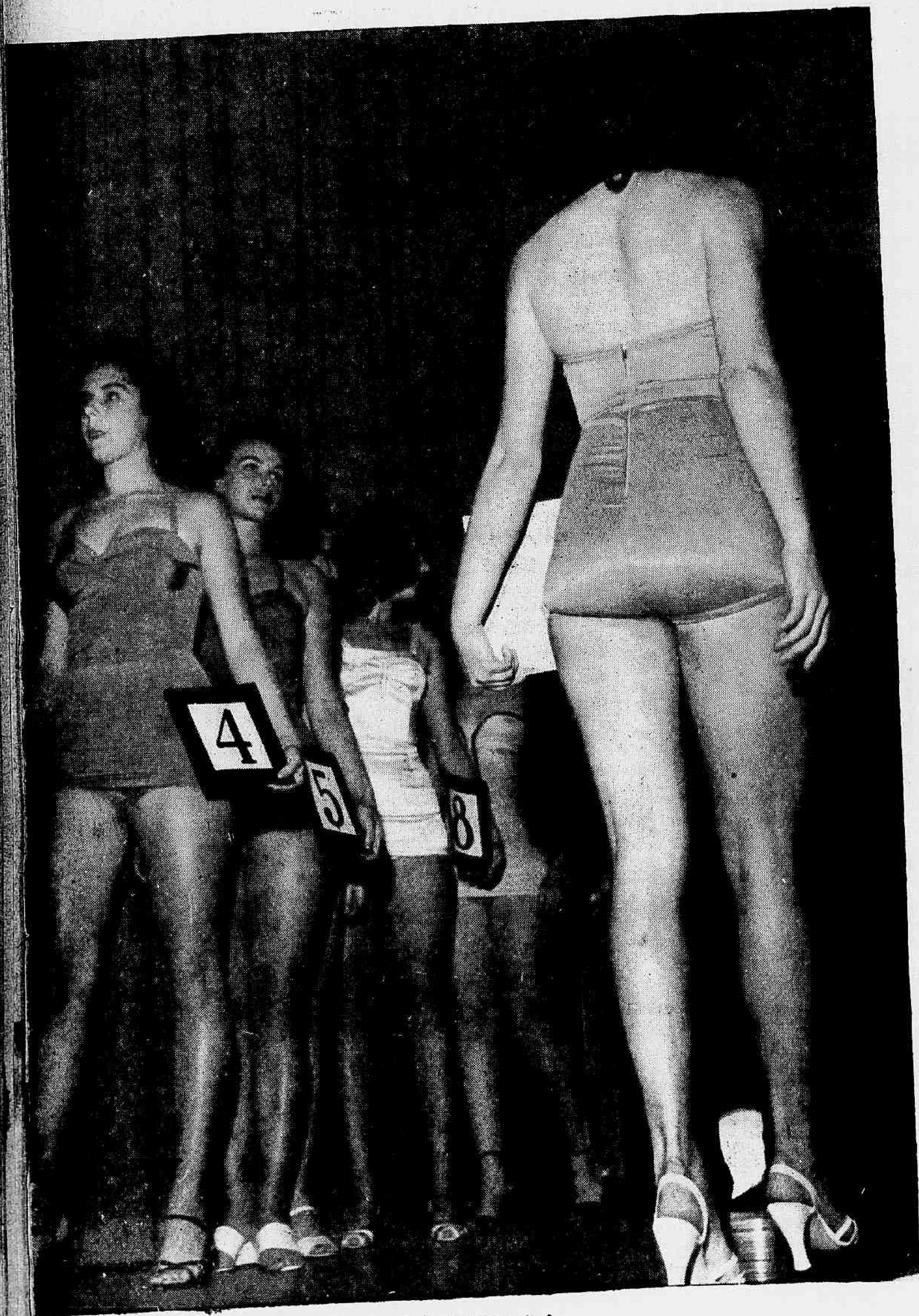
O misterioso animal a quem os indígenas do local dão o nome de «homem-macaco».

A NOVA RAINHA DA PRIMAVERA

DESFILE DE BROTINHOS NA A.B.I. ★ PRINCESAS DE PLÁSTICA E FORMOSURA ★ ELVIRA DA VEIGA WILBERG, DO FLAMENGO, A NOVA RAINHA DA PRIMAVERA ★ NO FLUMINENSE, A COROAÇÃO ★ O PRESIDENTE VARGAS E O PREFEITO, PRESENTES ★ PRÊMIO DE VIAGEM A PARIS

Texto de LEONEL C. FERREIRA

Fotos de ALBERTO FERREIRA



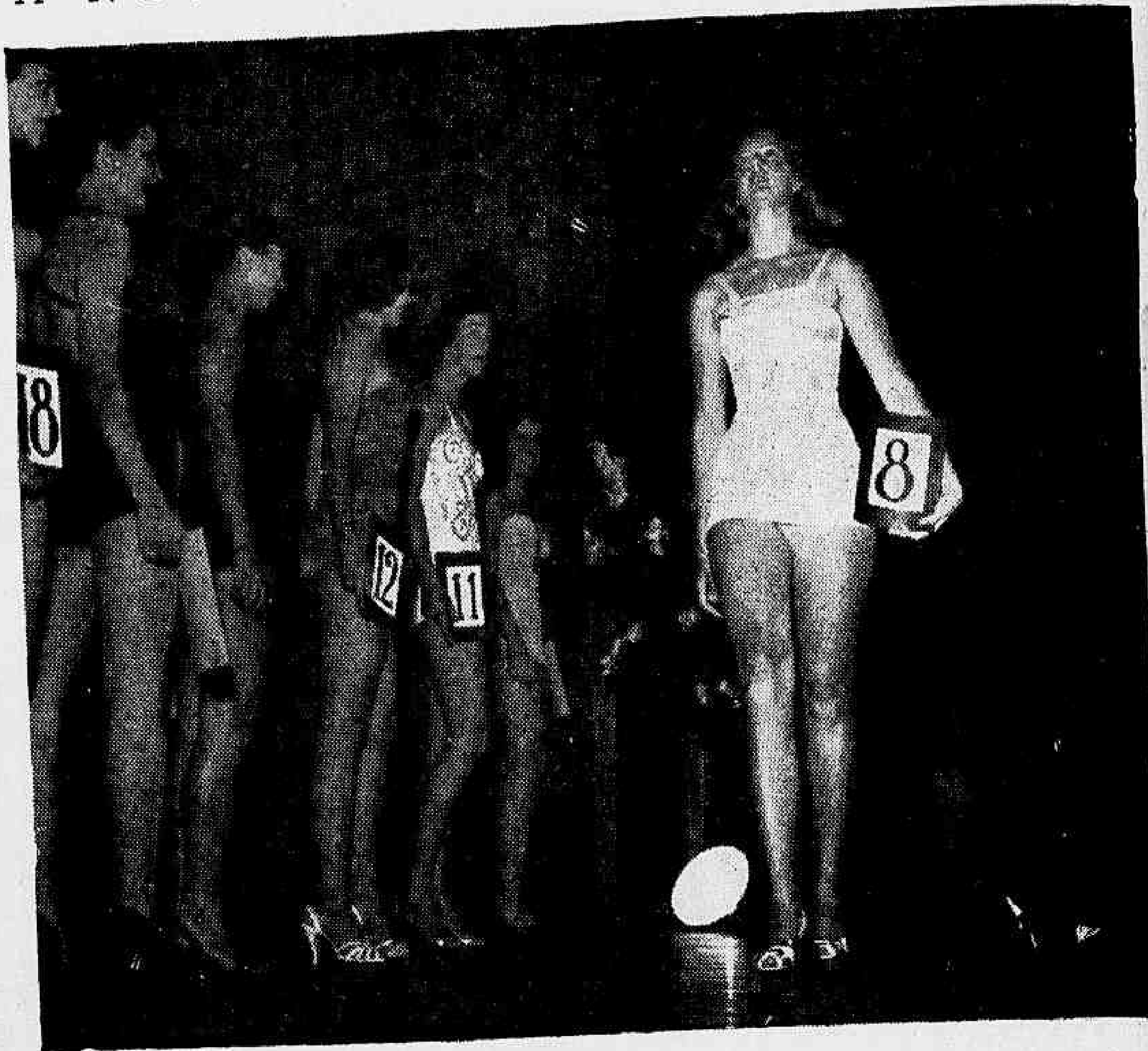


VÁRIAS CONCORRENTES ao ... perante o Júri. **À esquerda:** ...



ES ao máximo de nova «Rainha dos Jogos da Primavera de 1952». No detalhe: — momentos antes do desfile. Na fotografia maior — as candidatas
uerda: — prova de que não é fácil ser juiz e ficar em juízo perfeito — tendo de escolher uma Rainha entre tantas beldades que desfilam em sua frente.

A NOVA RAINHA DA PRIMAVERA



DIFICIL FOI A TAREFA **da Comissão julgadora. Tôdas as candidatas possuíam plástica, elegância e beleza. Momento do desfile, quando a**

MARIA INÊS DA ROCHA, do Colégio Plínio Leite, foi a atleta mais eficiente dos Jogos da Primavera. Vemos a graciosa estrelinha desfilando.

CONSTITUIU uma consagração solene à mulher brasileira, o magnífico espetáculo da escolha da Rainha dos Jogos da Primavera, no imponente auditório da ABI. Como nos anos anteriores, superlotava as dependências do majestoso salão de atos uma numerosa assistência prestigiando mais esta tertúlia social-desportiva da sociedade carioca. Um autêntico cortejo de elegância e formosura deu à solenidade a irresistível sugestão de euforia espiritual. Desfilaram os brotinhos do esporte nacional, num desfecho grandioso desta empolgante Olimpíada Feminina, tão brilhantemente transcorrida na estação das flores.

ELEGANCIA, PLASTICA E BELEZA

A escolha da soberana da Primavera reuniu elegância, plástica e beleza em tôrno das candidatas ao troféu máximo. As jovens atletas se apresentaram credenciadas ao cetro real. Foi, sem dúvida, uma tarefa difícil para o Júri escolher a Rainha dentre legítimas princesas dotadas de graça e «glamour». Concorreram ao certame catorze candidatas inscritas nessa monumental Olimpíada Feminina de 1952. Tôdas elas participaram da temporada desportiva, com eficiência, dando aos jogos a vibração e o calor de um atletismo vigoroso. Por isso, a competição final para a escolha da Rainha da Primavera foi, assim, impregnada dêsse espírito exuberante de vigor primaveril.

O memorável pleito social-desportivo da Casa do Jornalista contou com a participação das representantes dos seguintes clubes e colégios: Carlota Waldenmaier, do E. C. Pinheiros, de São Paulo; Cléia Vilar, do Bangu; Daisy Lena Barreira, do Tupi; Daisy Mary Lamberg, do América; Edna Maial, do Grajaú T. C.; Elvira Wilberg, do Flamengo; Ernestina Obadia, do Botafogo; Hilda Lassen, do Fluminense; Maria Inês, do Plínio Leite; Miriam Steiner, do Colégio Rio de Janeiro; Onira Martins Barriel, do Ginásio Sousa Lima; Selma Fonseca, do Ateneu São Luís; Siloé Junqueira, do Anglo-Americano, e Iolanda Emerick, do Icaraí. Nesta ordem desfilaram no palco da ABI, diante do Júri que, com grande dificuldade, pôde selecionar as dez concorrentes às semifinais na maior competição de fisionomia, plástica e eficiência esportiva.

Com a eliminação de Cléia Vilar, do Bangu; Edna Maial, do Grajaú; Ernestina, do Botafogo, e Onira Barriel, do Colégio Sousa Lima, na primeira prova, logo após a apresentação oficial, foram selecionadas: Cariota, do Pinheiros; Elvira, do Flamengo; Miriam, do Colégio Rio de Janeiro; Iolanda, do Icaraí; Hilda Lassen, do Fluminense; Siloé, do Anglo-Americano; Selma, do Ateneu São Luís; Maria Inês, do Plínio Leite, e Daisy, da A. A. Tupi.

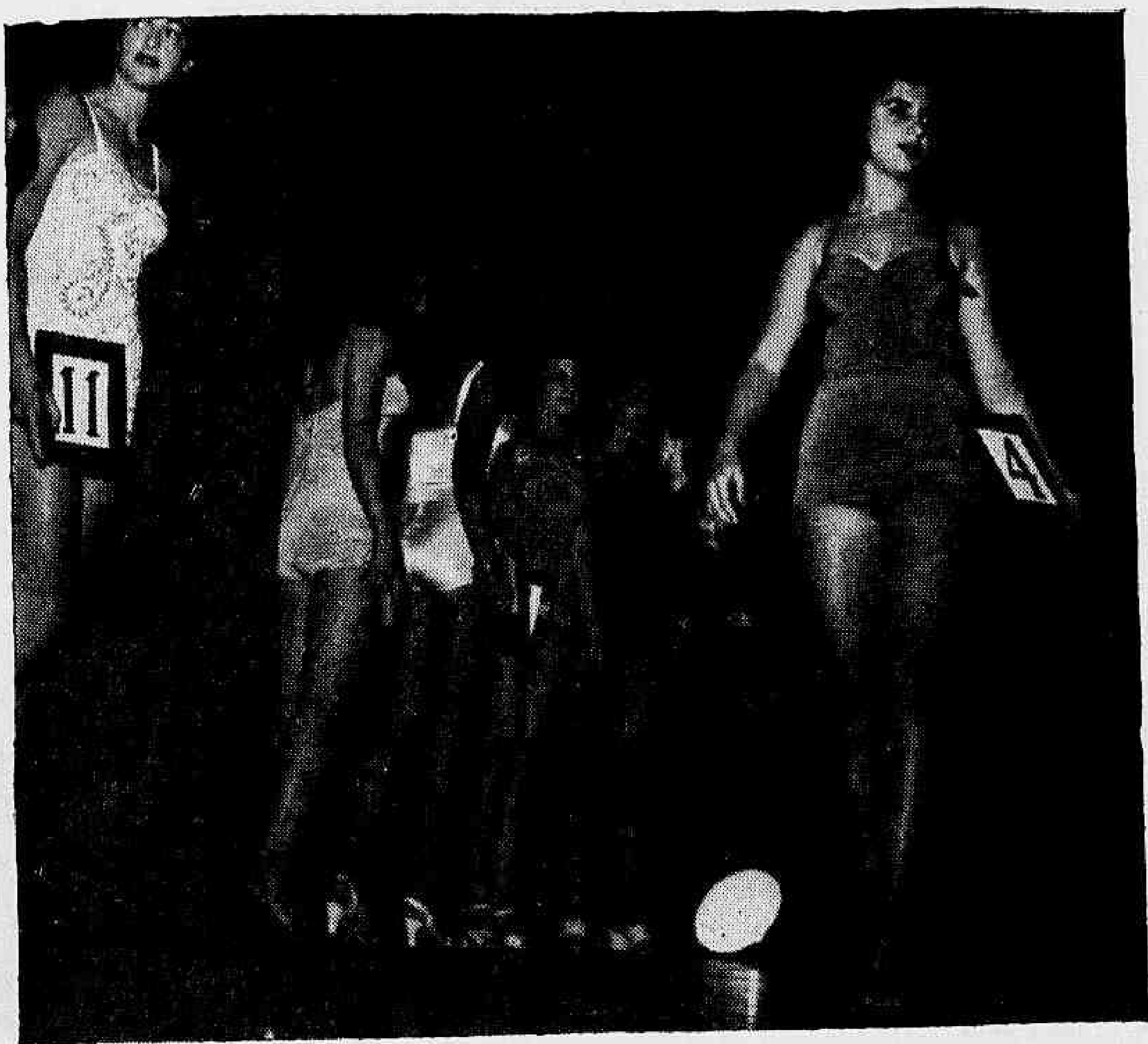
«SINUCA» PARA A COMISSÃO

Para a comissão julgadora aumentou a dificuldade. As dez «estrêlas» da





O JÚRI trabalhou àrduamente, numa verdadeira competição das mais renhidas. Houve instante em que parecia sem solução, tal a dificuldade de escolher entre verdadeiras princesas da belaza, a mais bela rainha. Venceu a que se impôs pela perfeição de formas físicas e fisionômicas.



gentil representante da A. A. Tupi, Daisy Lena Barreira, desfilava. As atletas foram muito aplaudidas e enaltecidas pelo numeroso público.



O SORRISO DA RAINHA — Linhas físicas esculturais e linda fisionomia fazem da Rainha da Primavera uma perfeição de beleza.

«Primavera» estavam empenhadas numa verdadeira competição de beleza. Selecionar dentre as dez graciosas escolhidas as cinco finalistas foi um embaraço para o competente Júri. Os mínimos detalhes foram observados enquanto o tempo decorria, sem quase uma finalização. Depois de sérias dores de cabeça foram escolhidas as mais belas, selecionadas para as finalistas. E a escolha das cinco mais belas mereceu uma prolongada ovação. Foram as cinco mais credenciadas ao título máximo da beleza feminina: Carlota, representante do Pinheiros; Daisy Lamberg, do América; representando o Flamengo, Elvira Wilberg; Daisy Lena Barreira, defendendo a A. A. Tupi, e Iolanda Emerick, do C. R. Icaraí.

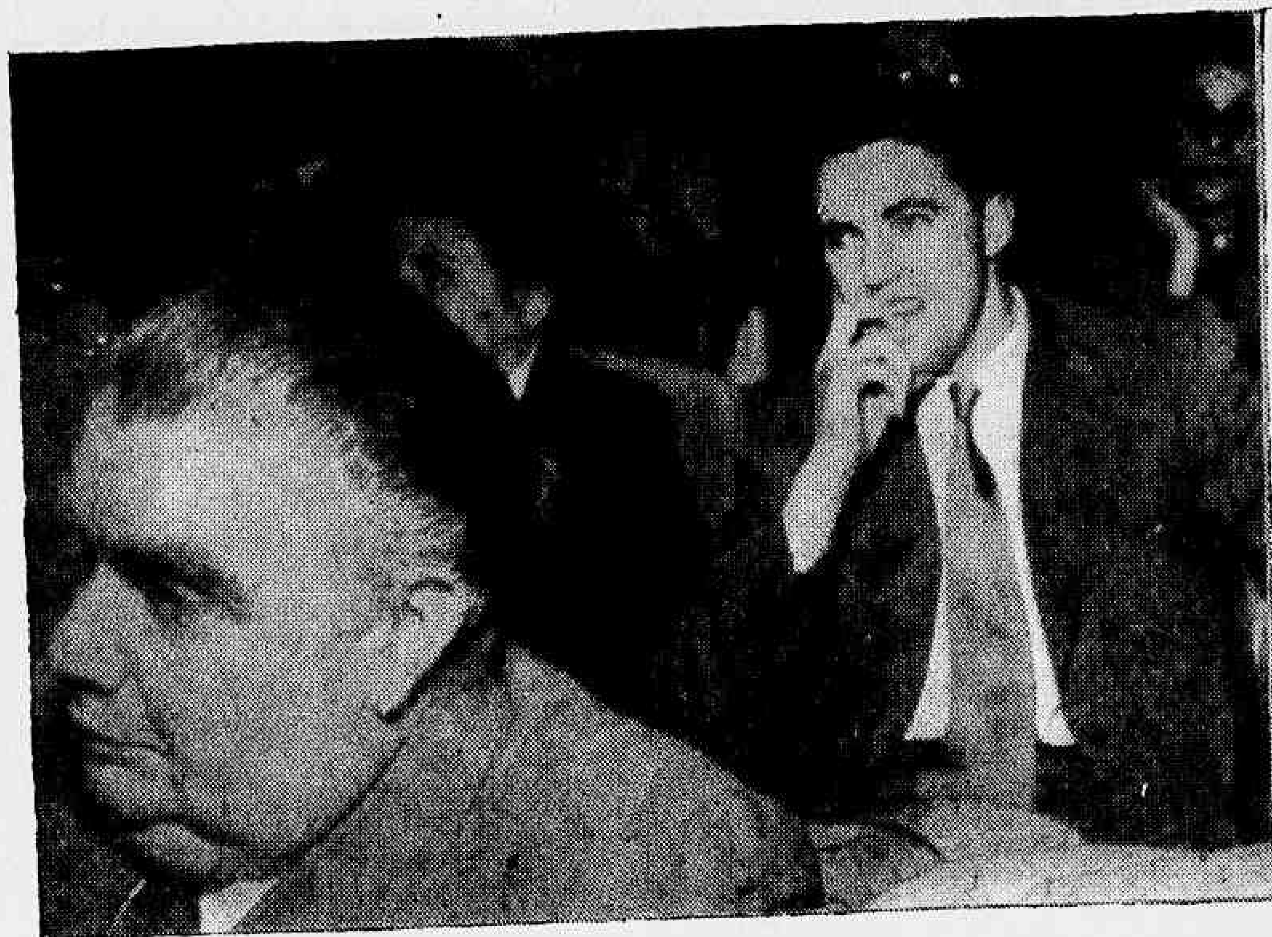
TRÊS FINALISTAS

O certame atingiu o seu ponto culminante. Carlota, Elvira e Daisy foram as três finalistas. O júri, mais do que nunca, estava agora numa sinuca. As três estrelinhas tinham performance de rainha. E desafiavam na simetria de formas esculturais o critério sisudo dos juízes imparciais. Minuto após minuto as três rivais se entreolhavam ante a expectativa da comissão julgadora em batucada. Finalmente, foi escolhida a Rainha dos Jogos da Primavera de 52. O lindo brotinho do Flamengo, Elvira da Veiga Wilberg, venceu pelas suas formas físicas e fisionômicas, um dos maiores concursos de beleza do desporto nacional, conquistando o título máximo de Rainha da Primavera. Estava enaltecida de uma maneira brilhante a Mulher Desportista Brasileira. Em segundo lugar classificou-se a representante do América, a graciosa Daisy Mary Lamberg. O terceiro lugar coube à representante do Pinheiros, Carlota Waldenmaier.

A classificação das candidatas obedeceu a um rigoroso critério. O Júri escolhido para o julgamento, donde resultaram as várias seleções, até a escolha definitiva da Rainha, era composto de verdadeiras autoridades no assunto. Funcionou com isenção e imparcialidade, não deixando escapar os mais sutis detalhes. Estêve à altura de sua alta responsabilidade. Fizeram parte do Júri os artistas: Celita Vaccani, escultora; Carlos Del Negro, escultor; Armando Viana, pintor; Alfredo Galvão, pintor; Augusto Rodrigues, pintor; Margaret Spencer, pintora, pintora, professôra do Museu de Arte Moderna, e Alceu Pena, desenhista.

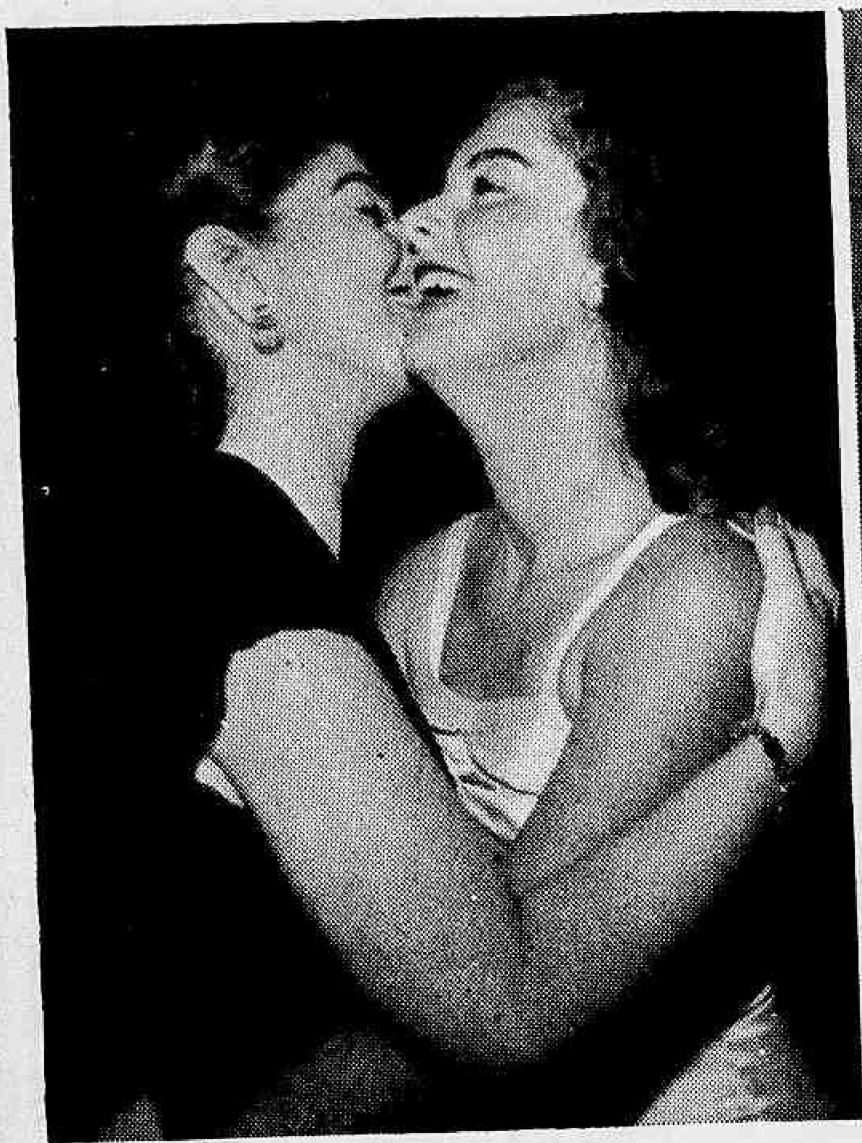
ALÉM DA BELEZA — EFICIÊNCIA

Enquanto o Júri teve a incumbência dos pontos pela plástica e fisionomia, a Comissão Social, que funcionou com o Júri, composta dos esportistas Jorge K. M. Azevedo, Ivan Raposo e Aderbal Carneiro Ribeiro, coube a responsabilidade dos pontos relativos à eficiência desportiva das jovens atletas. Na classificação em fisionomia as «estrêlas» obtiveram a colocação por pontos: El-

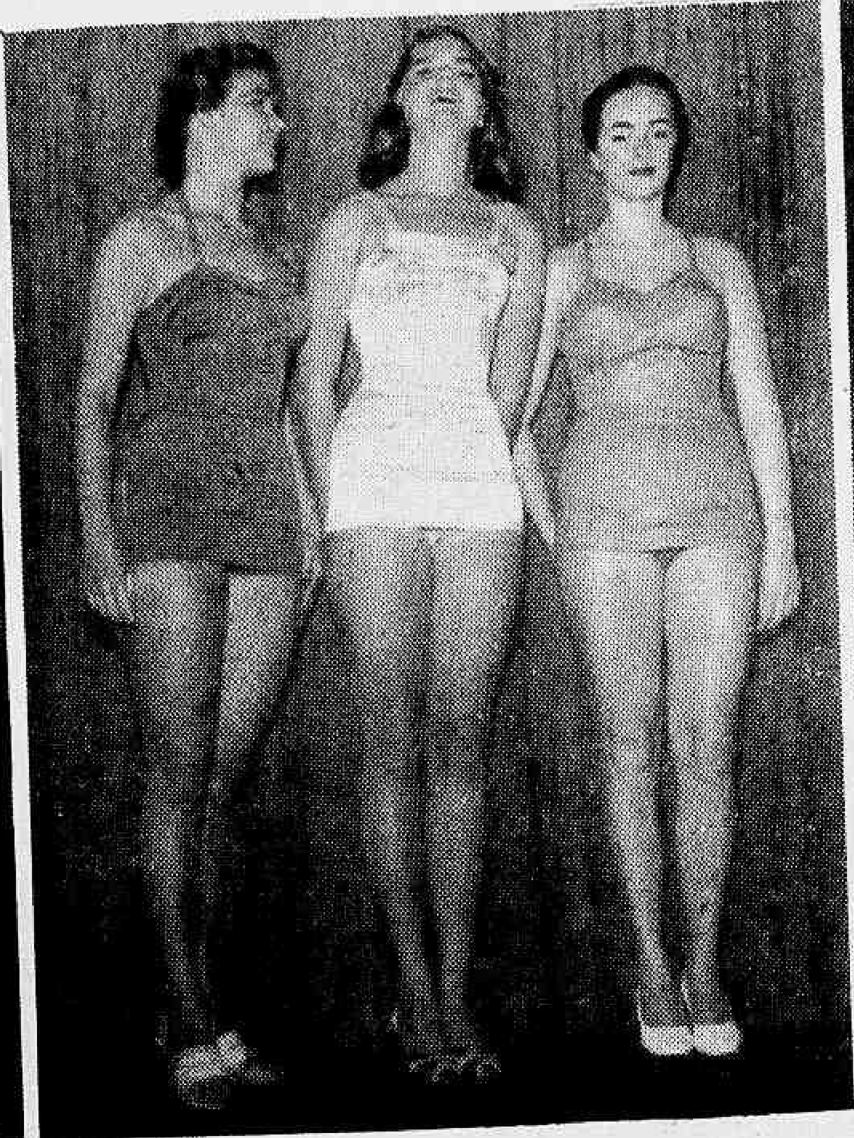




O AUDITÓRIO DA ABI ficou literalmente cheio. Uma assistência escolhida soube prestigiar esta notável parada de eugenia e desportismo. O flagrante é expressivo do momento. E foi uma verdadeira festa para os olhos! A monumental Olimpíada Feminina de 52 foi um espetáculo empolgante.



ELVIRA DA VEIGA WILBERG, ao ser proclamada Rainha dos Jogos da Primavera de 1952, recebe o beijo de sua feliz e querida genitora.



A SOBERANA, num gracioso flagrante, entre as duas princesinhas, respectivamente, 2º e 3º colocadas: Daisy Lamberg e Carlota Waldenmaier.



A GRACIOSA Daisy Mary Lamberg, representante do América, classificada em 2º lugar, abraça e cumprimenta a rainha, após a vitória.

vira da Veiga Wilberg — 37,14 pontos — 1º lugar. Carlota Waldenmaier — 35,72 pontos — 2º lugar. Daisy Mary Lamberg — 35,72 pontos — 3º lugar. Colocação em plástica: Elvira da Veiga Wilberg — 40 pontos — 1º lugar. Carlota Waldenmaier — 37,14 pontos — 2º lugar. Daisy Mary Lamberg — 34,28 pontos — 3º lugar. Por eficiência esportiva classificaram-se na seguinte colocação: Maria Inês Rocha — 20 pontos — 1º lugar. Hilda Lassen — 15,52 pontos — 2º lugar. Siloé M. Junqueira — 11,03 pontos — 3º lugar.

A CLASSIFICAÇÃO

Na classificação do certame obtiveram as candidatas as colocações seguintes: Elvira da Veiga Wilberg — Flamengo — 83,86 pontos. Daisy Mary Lamberg — América — 78,28 pontos. Carlota Waldenmaier — Pinheiros — 76,47 pontos. Hilda Lassen — Fluminense — 74,09 pontos. Maria Inês Rocha — Colégio Plínio Leite — 71,42 pontos. Siloé M. Junqueira — Colégio Anglo-Americano — 71,03 pontos. Miriam Steiner — Colégio Rio de Janeiro — 67,04 pontos. Iolanda M. Emerick — Icaraí — 63,66 pontos. Daisy Lena Barreira — Tupi — 58,17 pontos. Ernestina Obdia — Bangu — 57,78 pontos. Selma Azevedo Fonseca — Ateneu São Luís — 57,04 pontos. Cléia Vilar — Bangu — Edna L. Maial — Grajaú — 50,17 pontos. Onira M. Barriel — Colégio Sousa Lima — 44,97 pontos.

Encerrando com fecho de ouro mais essa temporada esportiva, meta alvissareira de uma geração nova, desfilaram no estádio do Fluminense as campeãs da Primavera. Numa tarde cheia de vibração em que a própria natureza trajou-se das pompas festivas da luz, diante de grande assistência e com a presença de S. Excia. o Sr. Getúlio Vargas, do Prefeito Carlos Vital, Ministros e altas autoridades esportivas, realizou-se a solenidade da coroação da Rainha dos Jogos da Primavera de 1952. Tocando o Hino Nacional a Banda da Polícia Militar deu início, naquela tarde de sábado, às cerimônias finais de encerramento da grande Olimpíada Feminina, finalizando de uma maneira brilhante a escolha da soberana da Primavera, com a distribuição de prêmios às atletas melhores colocadas e a proclamação do Fluminense e do Anglo-Americano, os campeões dos jogos olímpicos. A entrega do troféu máximo, «Taça Presidente Getúlio Vargas», ao Anglo-Americano foi uma nota que mereceu viva simpatia do povo pelo tradicional educandário de Botafogo.

VARGAS NETO SAÚDA AS VENCEDORAS

A saudação do Sr. Vargas Neto às jovens atletas foram palavras de animação a prosseguir todos os anos na realização dessa parada de eugenia em que a mulher brasileira tem oportunidade de externar as suas qualidades de beleza e desportismo. O ponto culminante foi, sem dúvida, a coroação de Elvira Wilberg, Rainha dos Jogos da Primavera. Esta flor primaveril da mocidade esportiva brasileira é uma síntese admirável de perfeições. A coroa ficou-lhe tão bem emoldurando de uma excelsa soberania a sua natural graça e formosura. Elvira é um símbolo vivo desta mulher incomparável dos trópicos. E' o símbolo da mulher brasileira.

E O FOGO PRESTES A EXTINGUIR-SE

O fogo simbólico da pira olímpica estava prestes a extinguir-se. A Sra. Mário Filho, numa tocante função, desce do mastro a bandeira dos jogos. Há uma indiscritível emoção em todos os semblantes. E' o fim. Acenando para o povo, Maria Inês, a linda atleta

(Cont. na pág. 50)



A RAINHA, APÓS A COROAÇÃO, é cumprimentada pelo Presidente da República e por altas autoridades do país e do esporte nacional.



A RAINHA DOS JOGOS DA PRIMAVERA DE 1952 saúda o povo e recebe prolongada ovação. A seu lado vemos a rainha de 1951.



SUA MAJESTADE, A RAINHA DA PRIMAVERA, ostentando as insígnias reais: a coroa, a faixa e o troféu da vitória.



ÚLTIMO FLASH

A VITÓRIA DE EISENHOWER!

A vitória espetacular do general Dwight D. Eisenhower, no pleito presidencial dos Estados Unidos, dando-lhe uma superioridade de oito milhões de votos sôbre o seu competidor, Adlai Stevenson e obtendo cêrca de 32 milhões de sufrágios, votação jamais atingida por qualquer candidato à presidência da grande nação, é o acontecimento marcante do mundo inteiro nesse fim de ano. A foto acima foi tirada no estado maior do general, instalado no Hotel Commodore, de New York, tão logo chegou a notícia de que Stevenson reconhecia o triunfo eleitoral de seu competidor. O presidente eleito e a nova primeira dama do país agradecem os aplausos dos correligionários delirando de entusiasmo. (FOTO I. N.)

MÓVEIS e DECORAÇÕES



Projeto da CASA NUNES



TAPÊTES e PASSADEIRAS

de forração, de tôdas as larguras, em côres lisas e com flores

TAPÊTES feitos à mão em lindos desenhos e em tôdas as côres

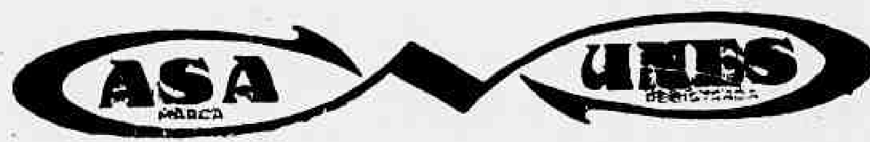
CORTINAS

Grupos estofados

— especialidade de nossas oficinas —

AGORA, a

preços que animam a comprar



65 rua da CARIOCA 67 — RIO

o estado
de New
conhecia
leito e a
dos cor-
FOTO I. N.J

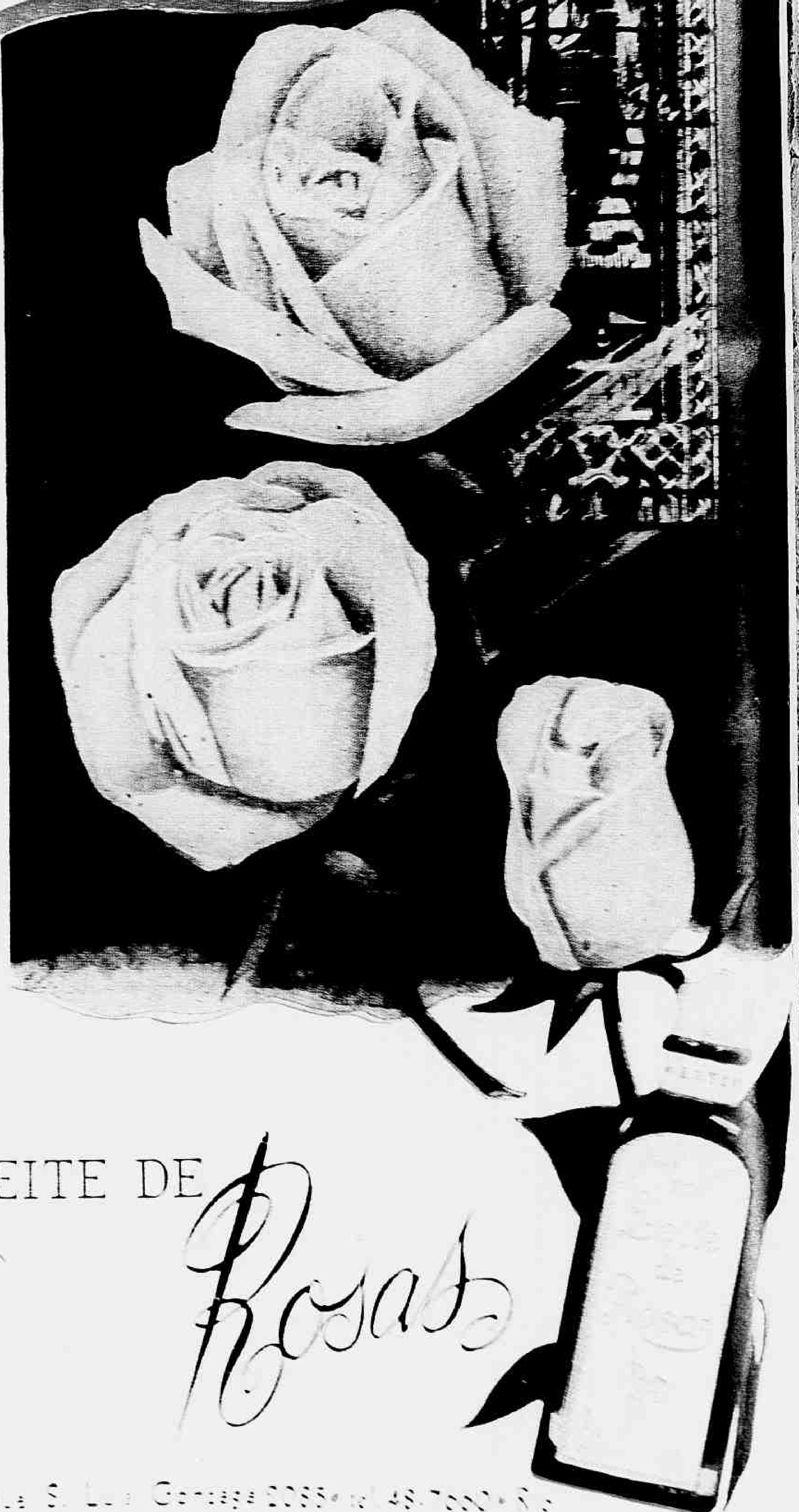
O sugestivo perfume das
rosas convida ao romance.

Leite de Rosas é um convite à beleza - a beleza - fatôr decisivo nesse epílogo feliz. Nas alegrias dêsse dia inesquecível, Leite de Rosas é a dádiva mais preciosa.

Embelezando o presente e garantindo o futuro de sua epiderme, Leite de Rosas faz com que a linda noiva de hoje seja a irresistível espôsa de amanhã.

Com Leite de Rosas em sua "corbeille" nupcial, caminhe para a felicidade, segura de seu encanto e confiante no seu futuro.





LABS. LEITE DE ROSAS LTDA • Rua S. Luiz Gonzaga 2085 • Tel. 48-7000 • Rio